



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

**DISSERTAÇÃO: OFICINA DE LÍNGUA INVENTADA E O ENSINO DE CONCEITOS
LINGUÍSTICOS**

SÃO CARLOS
2020



Universidade Federal de São Carlos

JANE EDER GIRARDI

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS

**DISSERTAÇÃO: OFICINA DE LÍNGUA INVENTADA E O ENSINO DE CONCEITOS
LINGUÍSTICOS**

JANE EDER GIRARDI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

São Carlos - São Paulo - Brasil

2020

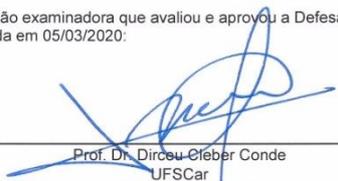


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

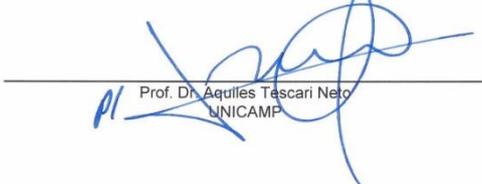
Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Jane Eder Girardi, realizada em 05/03/2020:



Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde
UFSCar

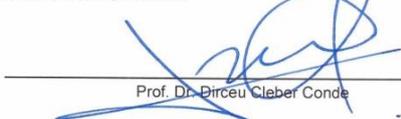


Prof. Dr. Renato Miguel Basso
UFSCar



PI Prof. Dr. Aquiles Tescari Neto
UNICAMP

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Aquiles Tescari Neto e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ão) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.



Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde

Girardi, Jane Eder

Oficina de Língua Inventada e o Ensino de Conceitos Linguísticos / Jane Eder Girardi. -- 2020.
279 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador: Dirceu Cleber Conde

Banca examinadora: Renato Miguel Basso, Aquiles Tescari Neto

Bibliografia

1. Ensino de Conceitos Linguísticos. 2. Língua Inventada. 3. Intuições Linguísticas. I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Ronildo Santos Prado – CRB/8 7325

Dedicatória

Ao meu marido, Paulo, por todo amor, carinho e apoio incondicional, tornando meu sonho possível.

Aos meus pais, Sergio e Izabel, por todo amor, incentivo e por não medirem esforços para sempre estarem ao meu lado.

Aos meus irmãos, Karina e Samuel, por todo carinho, amor e apoio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado forças para superar todas as dificuldades que encontrei pelo caminho. Todas elas fizeram parte do meu crescimento.

Agradeço, em especial, ao professor Dirceu Cleber Conde por ter confiado em mim como pesquisadora, e por ter me dado oportunidade de seguir esse caminho que há tanto estava distante. Sem esta parceria eu não teria me aventurado no mundo das línguas inventadas e não seria a pesquisadora que sou hoje. Agradeço pelas discussões e orientações que me ajudaram a crescer e fizeram parte para transformar este trabalho no que é hoje. Tudo isso me ajudou a ver como pesquisar é fascinante.

Aos professores titulares Dr. Renato Basso (UFSCar), Dr. Aquiles Tescari Neto (UNICAMP), por dedicarem seu tempo à leitura desta dissertação e por todas as sugestões e apontamentos para torná-la muito melhor. Aos professores suplentes Dr. Marcelo Ferreira (USP) e Dr. Pablo Arantes, por terem aceitado o convite para comporem a banca e por dedicarem seu tempo à leitura desta dissertação. Ao Prof. Pablo, um agradecimento especial, pelas enriquecedoras discussões acerca da fonética.

Agradeço ao meu marido, Paulo, por todo amor, apoio e compreensão neste momento tão importante da minha vida. Agradeço por fazer o possível para que eu completasse esta jornada, por estar sempre ao meu lado me incentivando nos momentos difíceis e por me fazer uma pessoa melhor a cada dia.

Agradeço aos meus pais, Izabel e Sergio, sem os quais eu não seria a pessoa que sou hoje. Agradeço por todo carinho, amor, apoio e pelas palavras de conforto durante toda a minha vida.

Agradeço aos meus irmãos, Karina e Samuel, por fazerem parte da minha vida e por sempre me apoiarem, ouvirem e incentivarem.

Agradeço ao meu afilhado Raul, que mesmo com apenas três anos, consegue sempre me alegrar com seu sorriso encantador.

Agradeço à minha filha de coração, Julia, por todas as conversas e risadas.

Agradeço a todos os meus familiares que de uma forma ou de outra me apoiaram nesta jornada.

Agradeço aos meus amigos, Yan Masseto, Ana Paula Cavaguti, Isaac Miranda, Roger Antunes, Tainara Agostini, por todas as discussões enriquecedoras acerca da pesquisa e por me acolherem. Ao Yan por todas as discussões e colaboração durante o trabalho. Ao Isaac, sobretudo, por todo apoio, discussões e colaboração durante a aplicação da pesquisa. Agradeço à Ana Paula, pelas conversas descontraídas que me ajudaram nos momentos aflitos.

À minha amiga, Diana Monteiro, pelas conversas e pelo auxílio em vários momentos durante o mestrado.

Agradeço à parceria da Escola Estadual Professor Sebastião de Oliveira Rocha, pois sem ela a pesquisa não teria acontecido. Agradeço, em especial, à diretora Lucinei Ap. Tavoni Bueno, ao coordenador geral Sérgio Ricardo Pizano Rodrigues, à professora e coordenadora Vanessa Cristina Girotti, por receberem o projeto de braços abertos e por todo apoio para a sua realização. Agradeço também às professoras Adriana e Márcia por toda contribuição durante a execução da pesquisa.

Agradeço, em especial, a todos os alunos participantes, por toda a receptividade durante a pesquisa e por contribuírem na elaboração dos dados que compõem este trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade explorar a possibilidade do ensino de conceitos linguísticos usando como método a criação de uma língua pelos falantes. O objetivo da pesquisa foi verificar, inicialmente, quais seriam as vantagens e percalços dessa possibilidade. Para tanto, alunos dos 6º e 7º anos de uma escola pública da cidade de São Carlos participaram como sujeitos no experimento. O experimento foi aplicado em dois grupos distintos, com abordagens e atividades diferentes, para que os resultados fossem comparativos. Na fase I, os estudantes não receberam nenhum tipo de direcionamento para criar sua língua fictícia. Esses dados foram essenciais para a ponderação quanto à segunda fase. A fase II foi direcionada, tanto nas atividades quanto nas discussões acerca das línguas. Com isso, foram analisados e comparados os dados de ambas as fases, a saber: as intuições linguísticas dos estudantes. Percebemos com esta pesquisa que os alunos não distinguem língua falada de língua escrita, ou seja, para eles as duas possuem o mesmo sistema de linguagem. Por isso, na segunda fase discutiu-se a diferença entre a fala e a escrita, a fim de orientá-los quanto à elaboração da língua. Ademais, percebeu-se que as línguas da primeira fase foram menos econômicas em relação às da fase II. Isso se deve ao conceito que os estudantes têm sobre a língua, pois para eles língua é sinônimo de escrita e, normalmente, a escrita parte do pressuposto de que há certa dificuldade que a engloba, pois para aprendê-la é preciso dominar as regras da norma padrão culta. Para dissipar esse estigma, buscou-se mostrar aos estudantes que todo falante possui uma intuição em relação à língua, que o falante nasce com uma gramática interna e que é possível compreender os aspectos e fenômenos linguísticos acerca das línguas. Para tanto, foi proposta a atividade de criação de uma língua, a qual visa, nessa fase inicial, apenas coletar e analisar os

dados para investigar se por meio dessa atividade a intuição do estudante pode aflorar.

Palavras-chave: Ensino de conceitos linguísticos. Língua Inventada. Intuições Linguísticas. Método indutivo. Método de pesquisa-ação.

ABSTRACT

This dissertation aims to explore the possibility of teaching linguistic concepts by using as a method the creation of a language by speakers. The objective of this research is to verify, initially, what would be the advantages and disadvantages of this possibility. For this, students from the 6th and 7th grades of a public school in the city of São Carlos participated as subjects in the experiment. The experiment was applied in two different groups, with different approaches and activities, so that the results were different. In the first application, the students did not receive any direction to create their fictional language. The results were essential to the consideration of the second part. The part II of this research has been directed in the activities and discussions about languages. Thus, the data from both parts of the research were analyzed and compared, namely: students' language intuitions. We realize from this research that students do not distinguish spoken language from written language, that is, for them, both have the same language system. Therefore, in the second part, the difference between speech and writing was discussed to guide the students regarding language elaboration. Moreover, it was noted that the languages of the first phase were less economical than those of phase II. This is due to the concept that students have about language, because language is synonymous with writing for them, and writing usually assumes that there is some difficulty that encompasses it, because to learn it,

it is necessary to master the rules of language cultured standard norm. To dispel this stigma, we tried to show students that every speaker has a language intuition, that the speaker is born with an internalized grammar and that it is possible to understand the linguistic aspects and phenomena about languages. Therefore, it was proposed the activity of creating a language, which aims, at this early stage, only to collect and analyze the data to investigate whether through this activity the student's intuition can emerge.

Keywords: Teaching of linguistic concepts. Invented Language. Linguistic Intuitions. Inductive Method. Action-research Method.

Sumário

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	8
1.1 <i>Introdução</i>	8
1.2 <i>Ensino de língua materna na escola</i>	8
1.3 <i>O porquê de se ensinar conceitos linguísticos</i>	13
CAPÍTULO 2: METOLOGIA	20
2.1 <i>Introdução</i>	20
2.2 <i>Os métodos e o desenho da pesquisa</i>	22
2.3 <i>Das condições gerais de aplicação e funcionamento das oficinas</i>	25
2.4 <i>Descrição das fases I e II</i>	28
2.4.1 <i>Atividades propostas: fase I</i>	28
2.4.2 <i>Atividades propostas: Fase II</i>	33
2.5 <i>Síntese</i>	39
CAPÍTULO 3: LÍNGUAS INVENTADAS – ANÁLISES FONÉTICAS E MORFOSSINTÁTICAS	41
3.1 <i>Introdução</i>	41
3.2 <i>Escrita Criptográfica: breve detalhamento</i>	42
3.3 <i>Fonética e criptografia – línguas Fase I</i>	47
3.3.1 <i>Análise dos dados</i>	48
3.4 <i>Conclusão das análises dos dados: Fase I</i>	81
3.5 <i>Fonética das línguas inventadas – Segunda Fase</i>	82
3.5.1 <i>Análise dos dados</i>	82
3.7 <i>Análise Morfossintática</i>	108
3.7.1 <i>Estrutura do PB e das LInvs (SVO) – breve introdução</i>	109
3.7.2 <i>Análises morfológicas das LInvs – fase II</i>	111
3.8 <i>Conclusão das análises morfossintáticas (fase II)</i>	149
CAPÍTULO 4: ENCAMINHAMENTOS DIDÁTICOS	152
4.1 <i>Conclusões</i>	160
CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS	162
APÊNDICE A - TALE	166
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO	168

APÊNDICE C – ROTEIRO DAS ATIVIDADES	173
APÊNDICE D – ATIVIDADES	175
<i>ANEXO I – Contextos fase I</i>	<i>178</i>
<i>ANEXO II – Contextos fase II</i>	<i>183</i>
<i>ANEXO III – Fichas fase II</i>	<i>189</i>
<i>ANEXO IV – LInvs: Fase I</i>	<i>208</i>
<i>ANEXO V – LInvs: FASE II</i>	<i>228</i>
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	258

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – The dialectical action research spiral (MILLS, 2003, p. 19)	24
Figura 2 – Alfabeto inventado - cifra por substituição	43
Figura 3 - Língua Ahri 1ª fase	45
Figura 4 – Desenho de pichação	45
Figura 5 - Símbolos Equipe Estrela	46
Figura 6 – Alfabeto Fonético Equipe Estrela	46
Figura 7 – Escrita Espelhada – Grupo primeira Fase	47
Figura 8 – Sons Criados pelo grupo Náskuka	50
Figura 9 – Alfabeto Criptográfico – língua Trilíngua	55
Figura 10 – Palavra ‘bala’: alfabeto criptográfico e fonético	55
Figura 11 – Sistema criptográfico Equipe Estrela	57
Figura 12 – Exemplo de acentuação gráfica	59
Figura 13 – Criptografia língua Ahri	60
Figura 14 – Sons língua Ahri	62
Figura 15 – Exemplo do uso da cedilha na criptografia	63
Figura 16 – Acentuação gráfica língua Ahri	63
Figura 17 – Palavras acentuadas língua Ahri	64
Figura 18 - Criptografia da língua	66
Figura 19 – Símbolos - numerais	69
Figura 20 - Sinal representando o número 0	69

Figura 21 – Sinal representando o número 1	70
Figura 22 – Sinal representando o número 5	70
Figura 24 – Sistema criptográfico – grupo Estrangeironário	72
Figura 25 – Frase no sistema criptográfico	73
Figura 26 – Alfabeto “criptográfico”	76
Figura 27 – Sistema de símbolos	78
Figura 28 – Lista de vocábulos	78
Figura 29 – Lista de vocábulos – grupo A	84
Figura 30 – Representação dos sons	85
Figura 31 – Lista de vocábulos do grupo B	86
Figura 32 – Sons de A - C	87
Figura 33 – Sons de F - H	87
Figura 34 (a) - Sons dos grafemas – Grupo C	88
Figura 34 (a): Sons dos grafemas – Grupo C	89
Figura 35: Sons nas formas interrogativa e exclamativa	93
Figura 36: Lista de palavras – Linv grupo E	95
Figura 37: Lista de vocábulos criados pelo grupo F	99
Figura 38: alfabeto fonético A - G	105
Figura 39: Sons dos grafemas <h – n>	107

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sistema criptográfico: grupo “Exploradores do espaço”	31
Quadro 2: Exemplo de uma palavra em uma LInv	44
Quadro 3 – Alfabeto fonético – língua Náskuka	49
Quadro 4 – Alfabeto fonético - Trilíngua	52
Quadro 5 – Diferença de acentuação gráfica da LP para a LInv	57
Quadro 6 – Alfabeto utilizado para fala e escrita	58
Quadro 7 - Alfabeto língua Ahri	61
Quadro 8 – Sons Línguagens do SOR	65
Quadro 9 – Alfabeto Silábico	67
Quadro 10 – Alfabeto Silábico	67
Quadro 11 – Alfabeto Silábico	67
Quadro 12 – Sons – grupo Estrangeironário	71
Quadro 13 – Sons – língua exploradores	74
Quadro 14 – Sons – língua alienígenas	74
Quadro 15 – Sons – língua Zumbiland	77
Quadro 16: Demonstração dos sons de grafemas	101
Quadro 16.1: Demonstração dos sons dos determinantes e conectivos	101
Quadro 17: Atribuição de gênero	150
Quadro 18: Marcação de plural	150
Quadro 19: Marcação de tempo verbal	150

ABREVIACOES E NOTACOES

1.	LP	Língua Portuguesa
2.	PB	Português brasileiro
3.	LM	Língua Materna
4.	LI	Língua Inglesa
5.	LInv	Língua Inventada
6.	GN	Gramática Normativa
7.	GU	Gramática Universal
8.	LF	Língua Falada
9.	LE	Língua Escrita
10.	LE	Língua Estrangeira
11.	L2	Segunda língua
12.	TEA	Transtorno do Espectro Autista

INTRODUÇÃO

Aprender uma língua, muitas vezes, é associado a aprender a gramática dessa língua, no sentido de saber as regras da norma padrão. Assim, muitos falantes partem do pressuposto de que é preciso saber a gramática tradicional de uma língua para se falar bem e escrever. Porém, esse tipo de pensamento é baseado na visão utilitarista que tem como objetivo o ensino da escrita (PIRES DE OLIVEIRA e QUAREZEMIN, 2016, p.32).

Esse tipo de concepção deve-se ao fato, conforme afirma Perini (2001, p. 11) de que “o ensino escolar nos inculcou durante anos, a ideia de que não conhecemos a nossa língua; repetidos fracassos em redações, exercícios e provas não fizeram nada para diminuir esse complexo”. Todavia, saber as regras de uma gramática não garante o seu conhecimento e não demonstra habilidade em escrever, ler e falar bem.

Um exemplo disso é o resultado do *Programme for International Student Assessment*¹(Pisa) que é um tipo de avaliação comparada aplicada em mais de 80 países, e que tem como intuito avaliar as habilidades e conhecimento básicos em ciências, matemática e leitura, em estudantes na faixa etária dos 15 anos. No entanto, o fraco desempenho dos estudantes não é devido somente a não saberem o conteúdo, segundo o pesquisador e professor Naercio Menezes Filho, do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper) e da USP, outros fatores como, falta de motivação, falta de habilidade para fazer a prova, contribuem para esse desempenho dos estudantes². Na

¹Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – PISA

² Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/12/04/motivos-para-o-brasil-ir-mal-no-pisa-vaio-alem-da-falta-de-conhecimento-sobre-as-disciplinas-diz-pesquisador.ghtml>

penúltima edição, que ocorreu em 2015, o Brasil ficou em 59ª colocação no quesito leitura, em relação aos outros países membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), com pontuação média de 407, enquanto a maioria obteve a média de 493. Na avaliação aplicada em 2018, a qual teve como foco a leitura, foi analisado o conhecimento dos estudantes em relação às habilidades de leitura necessárias, envolvendo a atualidade, crescimento individual e educacional, participação econômica e cidadania. De acordo com o Instituto Nacional de Ensino e Pesquisas (Inep), na última edição o Brasil obteve uma média de 413 pontos, ocupando o segundo pior lugar do ranking sul-americano no quesito leitura. Constatou-se, com as avaliações, que os alunos têm maior competência em textos cotidianos, como por exemplo, e-mails, mensagens instantâneas, textos interpretativos; porém, demonstraram um desempenho inferior em textos como notícias e documentos oficiais. Muito embora queiramos que os estudantes tenham competências múltiplas em diversos gêneros textuais, tanto em sua leitura, interpretação e redação, outro componente falta aos conhecimentos linguísticos: ver a linguagem como um objeto de ciência. Por isso, é necessário mostrar aos estudantes que uma língua é algo complexo que vai muito além de certo e errado, ou somente como ferramenta de comunicação. No entanto, ensinar um jargão científico da área, conceitos complexos ou meras análises pode não contribuir para que os alunos percebam a riqueza que uma ciência possui, seria mais do mesmo, como se tem feito com biologia, física, química, história, geografia etc. O que ocorre, de acordo com Feynman (apud Basso e Pires de Oliveira, 2012) é que os estudantes não conseguem analisar todas essas disciplinas - incluindo o PB - como sendo algo científico, mas apenas como um conjunto de regras que devem ser memorizadas para se fazer os exercícios e uma avaliação ao final do bimestre escolar. Ou seja, ao aluno falta questionar, argumentar, analisar e construir textos, pois ele sabe a nomenclatura, mas não sabe fazer uma reflexão sobre a língua. (BASSO e PIRES DE OLIVEIRA, 2012).

Essa falta de reflexão contribui para as dificuldades encontradas pelos alunos nas aulas de língua portuguesa, e isso também afeta de alguma forma a compreensão das outras disciplinas. Por isso, pode ser interessante o ensino de conceitos linguísticos, para o aluno perceber que as línguas, tanto materna como uma segunda língua, são objetos científicos e não meras convenções de regras. Nesse sentido, propusemos a atividade de língua inventada, a qual tem o intuito de colaborar na compreensão dos fenômenos linguísticos e científicos. Com essa atividade, os alunos constroem uma gramática para sua língua associando-a com a língua materna e então é possível que através de uma espécie de “engenharia reversa” os estudantes possam colocar lado a lado sua língua inventada e a língua materna.

Partindo da hipótese de que ao criar uma língua o falante emprega suas intuições linguísticas, imaginamos que seria possível explorar os fundamentos de um método que pudesse fazer aflorar determinados temas muito caros à linguística e que pudessem servir de mote para o ensino de conceitos linguísticos. Chomsky (2006) afirma que o domínio adulto da linguagem é determinado pelos dados linguísticos que estão à disposição das crianças. De acordo com sua teoria, todos os falantes são capazes de discernir o que funciona ou não em uma língua, e, por isso, é necessário estimular essa intuição, a qual é aprimorada conforme o ambiente que a criança/falante está exposta. Chomsky (2006, p.10) ainda declara que todo falante possui um “estado cognitivo inicial, chamado de Gramática Universal (GU)”, que é uma caracterização do estado inicial da Faculdade da Linguagem, um órgão inato – para Chomsky – da mente/cérebro, biologicamente inerente à espécie humana (Chomsky, 1994). No que tange ao inatismo, este refere-se a um conjunto de estruturas inatas que a mente humana possui. (GODOY, 2009)

Com base nas afirmações, surgiu uma pergunta inicial para estabelecermos a pesquisa: Como usar a intuição dos estudantes para que possam chegar a respostas acerca das línguas? Partimos da hipótese de que

ao proporcionar uma atividade de criatividade, os estudantes por meio da criação de uma língua possam obter conhecimentos sobre as línguas, compreendendo diversos aspectos e fenômenos linguísticos, além de perceberem que a língua é um objeto científico e não somente um aglomerado de regras que muitas vezes não fazem sentido. Ademais, com essa atividade, os estudantes são desafiados a elaborarem regras para suas línguas, fazendo uso do conhecimento inato, da intuição de língua que já possuem, sendo possível associar as regras criadas com a língua materna, apreendendo, dessa forma, o motivo de empregá-las. Ou seja, por meio da atividade o estudante constrói uma gramática, além de verificar os diversos fenômenos morfosintáticos existentes na sua língua materna, associando e comprando-os com a LInv. Podemos comparar esse tipo de atividade com a engenharia reversa, a qual tem por finalidade, por exemplo, desmontar uma máquina para ver como ela funciona. No caso da pesquisa, o aluno constrói uma gramática (em uma língua fictícia) para compreender o funcionamento da língua materna.

A pesquisa aqui apresentada foi aplicada a alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental II – 6º e 7º anos – de uma escola pública de São Carlos. Esse público alvo é formado por estudantes que já possuem um conhecimento acerca da língua materna, um conhecimento inato, genético, inerente ao ser humano (língua-I), além do processo de aprendizagem via língua-E, que é o conceito de língua externa, o que recebemos ou produzimos como input, por isso, possuem um conhecimento básico acerca de regras morfológicas e sintáticas sobre a LM, visto que, esse é adquirido no âmbito escolar (GODOY, 2009). Mesmo assim, muitos desses conceitos precisam ser aprimorados e compreendidos pelos estudantes, visto que, grande parte deles ainda é nebuloso para o aluno. No entanto, parte desse conhecimento é inato do indivíduo, isto é, o falante, mesmo que não tenha um domínio completo da linguagem – no caso de uma criança que está aprendendo a falar e escrever

– consegue discernir o que faz parte ou não de sua língua materna (ou língua de convívio), dessa forma, é capaz de elaborar inúmeras sentenças e compreendê-las, mesmo que nunca as tenha ouvido antes (CHOMSKY, 2006).

A primeira parte da pesquisa ocorreu no segundo semestre de 2018 e foi empregada de forma que os estudantes não fossem orientados durante a criação a língua. Por ser uma pesquisa inédita, no que concerne ao ensino de conceitos linguísticos, ressaltamos que os dados coletados nessa fase não alcançaram nossas expectativas. Esperava-se que os alunos conseguissem criar padrões e regras gramaticais (marcação de modo e tempo verbal, marcação de plural, atribuição de gênero, etc) para as suas línguas associando-as com o PB. Porém, devido ao fato de criarem um sistema de escrita, substituindo os grafemas do alfabeto português por símbolos diversos, isso não foi possível. Contudo, esses dados foram primordiais para o direcionamento da segunda fase. Assim a segunda fase da pesquisa foi aplicada no primeiro semestre de 2019, na mesma escola, e manteve a mesma faixa etária do público alvo. Salientamos que os sujeitos não foram os mesmos na primeira e segunda fases. Na fase II os estudantes foram direcionados tanto nas atividades como nas discussões decorrentes da pesquisa. Os dados de ambas as fases estão dispostos no capítulo 3.

Esta dissertação está organizada em cinco partes. Em cada capítulo abordaremos os aspectos relevantes para a pesquisa acerca do ensino de conceitos linguísticos.

O primeiro capítulo é destinado às discussões teóricas que embasam o presente trabalho. Discorreremos sobre o ensino tradicional de línguas, apresentando exemplos de que a língua é variável e que seu uso depende do contexto em que o falante está inserido, ou seja, demonstraremos que não há certo ou errado, embora haja uma convenção de regras gramaticais, tanto

normativas quanto internalizadas, a serem seguidas. Além disso, discutiremos o motivo de ensinar conceitos linguísticos aos estudantes, mostrando que as línguas são também objeto de reflexão, que podem ser pensadas cientificamente. A pesquisa é fundamentada no ensino de conceitos linguísticos, valendo-se do uso da intuição dos falantes para chegar a possíveis respostas acerca das línguas; analisando, questionando, verificando padrões e fenômenos existentes, além de perceberem que é preciso haver regras gramaticais para determinar o funcionamento de uma língua.

No capítulo 2, dissertamos sobre a metodologia empregada para realizarmos a pesquisa. Usamos, para tanto, os métodos de pesquisa-ação, que tem como objetivo analisar uma área problemática, coletando dados para encontrar soluções para os problemas enfrentados no cotidiano da pesquisa. Na aplicação das oficinas, também estava no embasamento, a ideia de que os estudantes fossem instigados à indução de conceitos, ou seja, durante a segunda parte³ da pesquisa os estudantes foram conduzidos por meio de atividades direcionadas para a elaboração da língua; essas atividades contribuíram para verificarmos o uso de regras da gramática normativa do PB, as quais os estudantes aprendem durante o processo de escolarização, além do uso de regras da gramática internalizada, que são referentes a um instinto inato do falante. Além disso, foi possível observar a criação de padrões nas línguas inventadas pelos estudantes. Em suma, o método da oficina de língua inventada para ensino de conceitos linguísticos seria uma fase inicial para observar se tal procedimento tem ou não influência sobre a aquisição de conceitos linguísticos. A ideia é que a indução pudesse instigar os estudantes a usarem o conhecimento intuitivo que têm sobre a língua para construir uma língua inventada estabelecendo associações com a língua materna ao final da oficina. Apresentaremos ainda, nesse capítulo, como se

3 Somente a segunda parte da pesquisa foi direcionada. Na primeira parte, os alunos criaram a língua sem orientações. Ambas fases serão detalhadas na metodologia.

deu a seleção dos participantes e da escola, e também explicaremos sobre o funcionamento da aplicação das atividades que envolvem a pesquisa. No terceiro capítulo, apresentamos os dados coletados na pesquisa. Faremos comparações dos dados da primeira e segunda fase, demonstrando as diferenças e semelhanças encontradas entre os grupos analisados. Nesse capítulo, discorreremos sobre diferentes aspectos das línguas inventadas (fonético, sintático, morfológico etc.).

O capítulo 4 expõe explicações sobre as atividades como uma forma de direcionar profissionais da área de educação no que diz respeito à aplicação da pesquisa com seus alunos.

Por fim, o capítulo 5 apresenta as conclusões finais acerca da dissertação, discutindo os pontos apresentados durante o trabalho, além de apontar um direcionamento para pesquisas futuras, englobando o ensino de conceitos linguísticos e as melhorias que devem ser empregadas no desenvolvimento do método de oficina de língua inventada.

CAPÍTULO 1: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

1.1 Introdução

É necessário prestarmos alguns esclarecimentos iniciais. Em primeiro lugar, devemos deixar claro que, até onde pudemos verificar, não encontramos outros trabalhos que, em algum momento no ensino de línguas ou de conceitos linguísticos para crianças no ensino fundamental e médio, tenha lançado mão de alguma atividade lúdica de criação de uma língua. Neste capítulo, iremos tecer considerações, que fundamentam nosso trabalho. A ideia então é de utilizar a “oficina de língua inventada” como um experimento para colher dados e então fundamentar possivelmente uma discussão sobre métodos de ensino de conceitos linguísticos. Assim, retomaremos neste capítulo a questão do ensino de língua materna e de gramática, bem como a questão das intuições linguísticas em oposição a uma noção utilitarista sobre ensino de língua e seu papel. Nossa hipótese é que por meio de uma atividade que instigue a criatividade e a intuição dos estudantes, eles possam perceber que a língua, mesmo com suas regras gramaticais normativas, ainda pode ser estudada como um objeto científico.

1.2 Ensino de língua materna na escola

Há uma longa tradição de discussão sobre o ensino de língua portuguesa no Brasil, e aqui não temos como fazer jus a todos os inúmeros trabalhos sobre o tema. Faremos somente uma contextualização breve, para situar a proposta elaborada nesta dissertação na tradição do ensino de português como língua materna.

Desde a década de 1970 muitas obras sobre como ensinar língua materna estiveram nas discussões acadêmicas e nos projetos pedagógicos de todas as redes de ensino. As discussões sempre versavam sobre oposições ao ensino da gramática normativa prescritiva descontextualizada⁴. De um lado o ensino prescritivo, tem como foco principal o ensino de regras gramaticais, e que é descrito por Honda e O’Neil (2008) como regras de uma língua que são ensinadas aos alunos na tentativa de que se adéquem às normas do bem falar e escrever. Esse tipo de ensino tem uma visão utilitarista que faz alusão à escrita conforme a língua padrão culta. Isso em conformidade com os padrões dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs - (BRASIL, 1998, p. 60), os quais determinam que “é no interior da situação de produção de texto [...] que ganham utilidade os conhecimentos sobre aspectos gramaticais”. Com outra proposta, encontra-se o ensino descritivo, as gramáticas escritas por linguistas e que de acordo com Castilho (2016, p.13) “tem ênfase no fazer científico”, viabilizando ao falante a compreensão da língua por meio do raciocínio sobre a gramática, apoiado em procedimentos científicos. As gramáticas escritas com um viés linguístico têm como objetivo apresentar fenômenos que foram, até então, esquecidos ou menosprezados em outras obras. Algumas dessas estruturas, muitas vezes, podem parecer “incorretas” ao falante que focaliza nas regras da norma culta; porém, a depender do contexto, é bastante usual. Vejamos o exemplo abaixo, que mostra duas sentenças semelhantes, mas que pode causar, uma delas (1b), um certo “desconforto” aos que procuram seguir à risca as regras da gramática normativa.

(1) a. Os meninos foram jogar bola.

b. Os menino foi jogar bola.

⁴Para um histórico abrangente, veja a apresentação de “Gramáticas na Escola” (OLIVEIRA & QUAREZEMIN, 2016) e também a obra “por que (não) ensinar gramática na escola?” (POSSENTI, 1996).

Muitos julgariam que a sentença em (1b) está incorreta justamente porque não cumpre com um dos quesitos da “boa” gramática – a concordância nominal de número. No entanto, essa sentença pode fazer parte do dia a dia de muitos falantes de língua portuguesa, pois o fato de o determinante estar no plural já indica que mais de um menino foi jogar bola, e por isso temos uma regra de expressão do plural que não necessita que todos os elementos sejam formalmente marcados. Porém, muitos falantes alegarão que é incorreta e que usá-la é um grave sinal de não saber a gramática da própria língua. Essa é uma visão equivocada de como aprender uma língua; como lembra Perini (2000, p.33), “o estudo da gramática não é um caminho convencional para desenvolver o desempenho na leitura e na escrita (muito menos na fala). ” Ou seja, não é por meio da memorização das regras gramaticais que o falante adquirirá a língua culta. Tanto a gramática descritiva quanto a gramática normativa têm seu valor e emprego de acordo com as circunstâncias. No que concerne à gramática descritiva, ela procura descrever os fenômenos encontrados na língua, indicando variações linguísticas usadas em diversos contextos e por falantes de diferentes grupos sociais e, é por isso, que admite outras formas que normalmente não são aceitas pela gramática normativa. No entanto, os denominados ‘erros’ – no caso as variações - são determinados por uma sociedade dominante, que não aceita essas variações presentes na língua, como as encontradas em (1b), por exemplo. No que tange à gramática normativa, é cabível nos referirmos as regras gramaticais “aprendidas” durante o período escolar. Essas são as regras impostas pela sociedade que não reconhece as variações pertencentes à língua. Essas regras são apenas transmitidas aos falantes sem proporcionar uma maior reflexão quanto ao seu uso. Além das gramáticas prescritiva e normativa, temos ainda a gramática internalizada. Esta, como o próprio nome diz, refere-se as regras internalizadas que um falante possui, diz respeito, segundo Possenti e Ilari (1985, p. 3) ao “conjunto de regras que o falante domina”, por isso, muitas vezes o falante é capaz de discernir o que funciona ou não em sua língua,

reconhecendo o que faz ou não parte da LM. (POSSENTI e ILARI, 1985). Por exemplo, o falante de PB sabe que pode ou não marcar sujeito em uma sentença, enquanto falantes de LI reconhecem que o sujeito deve ser marcado.

(2) a. Eu fui ao cinema ontem.

a'. ____ Fui ao cinema ontem.

b. I went to the movies yesterday.

b'. * Went to the movies yesterday.

No âmbito desta pesquisa, o ensino de línguas é voltado para a gramática internalizada do falante, lidando com o ensino de conceitos linguísticos utilizando atividades que envolvem línguas inventadas – os estudantes usaram sua intuição, além da gramática internalizada, para chegar a estruturas linguísticas possíveis que seria um reflexo de sua intuição. Nosso objetivo é demonstrar como a língua pode ser ensinada para que os estudantes a compreendam enquanto objeto científico, fazendo-os pensar epilinguisticamente na complexidade, isto é, os estudantes são induzidos a refletir sobre as regras gramaticais existentes na própria LM. Sendo assim, optamos por explorar a ideia da oficina de invenção de língua que sustenta a seguinte hipótese: os estudantes, ao criarem uma língua podem observar a língua sob um outro aspecto, ou seja, ao invés de receberem as regras de uma língua, eles refletem em como seriam essas regras, definindo assim aspectos semânticos, morfológicos, fonológicos e sintáticos para as línguas inventadas. Os detalhes da experiência estão dispostos no capítulo 2.

Por vezes, a língua (portuguesa ou segunda língua) é ensinada de forma que o falante aprenda as regras de uso da língua para falar bem e escrever corretamente; como trata a abordagem utilitarista, que tem enfoque no ensino da escrita. Porém, para Pires de Oliveira e Quarezemin (2016, p. 15) “uma língua é uma gramática”, não do ponto de vista de regras do bem

falar, mas sim enquanto um conjunto orgânico de regras aprendidas e seguidas pelos falantes independentemente de gramáticas normativas.

De certo modo, o ensino de língua materna leva à impressão de que “língua” é escrita e que essa língua sobrevive de certo e errado. Além disso, os estudantes são levados a pensar que a língua é a gramática normativa e que é um elemento monolítico pronto e acabado, nascido no dia em que a língua portuguesa surgiu. Por isso, a proposta do método, direcionando os estudantes durante as aulas de LP para que reflitam acerca dos padrões que fazem parte da LM. Os alunos precisam ser instigados a participarem de discussões, questionando e analisando o porquê dos fenômenos, para que dessa forma, possam se interessar mais pela língua, compreendendo seu funcionamento.

A alfabetização, como era de se esperar, é algo que tem como base o ensino da escrita de uma língua, e por vezes o letramento, que envolveria mais habilidades que apenas a (de)codificação, fica em segundo plano; ao aluno são mostradas as letras e sílabas para que ele as copie e as memorize a fim de escrever as palavras com os grafemas corretamente. Essa memorização das regras e conceitos perdura no decorrer da escolarização, pois nas séries finais do Ensino Fundamental II, os estudantes “precisam” saber como usar tal regra para mostrar seu desempenho sobre o conhecimento de uma língua.

Porém, o ensino tradicional, no qual o professor é o detentor de todas as informações sobre o mundo, está passando por mudanças. De acordo com Schmitz (2006, p.6) “a escola passa a assumir uma função muito mais complexa: o de instigar a educação de um sujeito integral. Passamos a perceber outras dimensões dos educandos: social, cognitiva, afetiva, física, emocional, etc”. Ou seja, é importante avaliarmos esses outros aspectos da vida do estudante, para definir como melhor ensiná-los.

Sendo assim, o objetivo da nossa pesquisa, embora aplicada a alunos dos 6º e 7º anos do ensino fundamental II, demonstra que podemos partir do

pressuposto de que os estudantes têm um conhecimento sobre a linguagem e que podemos utilizá-lo para o ensino de línguas. Esse tipo de pesquisa, embora ainda esteja sendo estruturada, futuramente, pode ser adaptada e aplicada a alunos de outros níveis.

1.3 O porquê de se ensinar conceitos linguísticos

O ensino de conceitos linguísticos se justifica por fazer com que os estudantes percebam que a língua pode (ou deve) ser considerada também como um objeto de ciência, isto é, ao colocar a língua como objeto de estudo científico, o estudante pode ser estimulado a delimitar problemas, criar hipóteses, desenvolver métodos, compreendendo a complexidade do seu objeto. Dessa forma, espera-se que o aluno perceba que a língua não é somente memorizar um emaranhado de regras gramaticais prescritivas. Além disso, como veremos abaixo, os falantes possuem uma capacidade para discernir o que pode ou não ser executável em uma determinada língua. Essa capacidade, como afirma Quadros (2017, p.41) é fundamentada nos sistemas fonético, fonológico e lexical da língua, assim como na Gramática Universal (GU), que “pressupõe a existência de um mecanismo inato responsável pela aquisição da linguagem.” Então, por que não usarmos essa capacidade do ser humano para ensinar que as línguas são objeto de conhecimento científico e demonstrar por meio de conceitos linguísticos que podemos aprender de diferentes modos?

Por vezes, o ensino pode ser fundamentado na aprendizagem das regras, certas ‘falas’ podem ser consideradas incorretas por um ouvinte quando pronunciadas por um falante. Na introdução deste capítulo apresentamos um exemplo de que muitas vezes utilizamos uma linguagem que pode parecer inadequada para muitos falantes, porém isso não demonstra

uma falta de aprendizagem, isso é apenas um reflexo do cotidiano do falante, do seu poder socioeconômico entre outros fatores. Por isso, Possenti (1996) e Bagno (2008) defendem que é preciso trabalhar com os alunos as estruturas que são frequentes na vida do estudante, destacando assim a gramática internalizada, e que Chomsky (2006, p. 56) destaca como “um entendimento claro de como um mecanismo finito pode construir uma infinidade de objetos mentais, em que cada um desses objetos mentais relaciona som e sentido de uma forma estruturada específica”. É por isso, que esse tipo de proposta, como dissertam Pires de Oliveira e Quarezemin (2016, p.26), objetiva “mostrar que é possível ter uma maneira de abordar as línguas, que as aulas de português não sejam decorar regras e nomenclaturas, muitas vezes sem sentido.” Além disso, o ensino de regras gramaticais tem um viés utilitarista, ou seja, o enfoque está nas habilidades de escrita (PIRES DE OLIVEIRA; QUAREZEMIN, 2016). Como relata Perini (2000), para muitos falantes estudar a gramática é uma maneira de obter um bom desempenho na língua padrão, especialmente na escrita, e, no entanto, isso não se concretiza.

Diante disso, muitas pesquisas surgiram nos últimos anos no aporte de ensino de linguística nas aulas de línguas. Desde a década de 1970, como cita Perini (2000), diversas tentativas de mudanças foram mencionadas por muitos autores, como Back & Matos (1972); Macambira (1982); Mateus e outros (1983). Esses são apenas alguns autores citados, possivelmente haverá outros que fizeram tentativas de implementar ideias e conceitos linguísticos na escola. Mais recentemente, temos a pesquisa de Honda e O’Neil (2008), que surgiu com a investigação de diversas línguas, entre elas, chinês, português brasileiro, inglês etc; em atividades propostas aos estudantes. Nessa proposta de trabalho, as línguas deveriam ser analisadas quanto à sua estrutura, morfologia, fonologia, a fim de que os alunos percebessem as semelhanças e diferenças entre uma língua e outra, desenvolvendo um raciocínio indutivo sobre esses aspectos da língua, isto é, o aluno aprende a “construir gramática”. (PIRES DE OLIVEIRA e QUAREZEMIN, 2016). As atividades propostas

por um viés investigativo contribuem para o interesse do aluno acerca do funcionamento das línguas. Esse tipo de exercício, como o aplicado por Honda e O’Neil, colabora para aperfeiçoar o conhecimento do aluno, pois há pesquisa de problemas linguísticos, além do desenvolvimento de hipóteses com o intuito de testá-las.

Baseados nessa e em outras experiências, como por exemplo, a Olimpíada de Linguística Brasileira, em que estudantes de todo o país usam sua intuição para solucionar problemas relacionados a diversas línguas, concretizou-se nossa pesquisa. As atividades que desenvolvemos serviram para ativar esse “raciocínio” nos estudantes. Honda e O’Neil (2008, p.2) mencionam a *Mental Grammar*, ou o que poderíamos chamar de gramática internalizada, a qual é definida pelos autores como “o conhecimento da língua que uma pessoa tem quando dizemos que ela/ele sabe uma língua em particular.” Sobre a gramática internalizada Chomsky (2006, p. 56) descreve: “tem os meios de construir objetos mentais que usamos para expressar nossos pensamentos e interpretar a ilimitada sequência de expressões manifestas que encontramos.” Ou seja, como aludido anteriormente, a capacidade que os falantes têm de elaborar inúmeras sentenças com um número limitado de palavras e estruturas sintagmáticas. Por isso, propomos trabalhar com os estudantes de maneira que raciocinem sobre as línguas, percebendo os fenômenos existentes, para que possam assim associar a língua inventada com a língua materna.

No que tange ao nosso trabalho, a proposta de uma atividade de criação de uma língua, surge com a finalidade de contribuir com o estudante na construção de uma gramática, compreendendo, dessa forma, como as regras gramaticais e padrões morfossintáticos e fonológicos funcionam em uma língua. A invenção de línguas, até onde se tem registrado (OKRENT, 2009) têm diversas motivações: religiosas (glossolalias), lógico-matemáticas (linguagens que pudessem não ser ambíguas) e até inventadas para o

entretenimento. Ou ainda línguas construídas sobre uma ideologia, como o Esperanto. Okrent lembra que a busca/invenção de línguas é um movimento inglório quando tomado para finalidades como a de substituir as línguas naturais. Por outro lado, a grande popularidade de línguas criadas para o entretenimento (klingon, quenya, sindarin, na'vi, dothraki etc.) ganhou força nas últimas décadas. Muitos falantes adquiriram o hábito de criar línguas, movidos pelo interesse em verificar como os padrões semânticos, fonológicos e morfossintáticos se comportam. Por isso, a hipótese de que aplicar um exercício lúdico, no qual se deva criar uma língua possa despertar nas crianças, pelo menos, a curiosidade.

Assim, a ideia que embasou nosso pensamento foi que ao criar uma língua, o estudante mobilizaria suas intuições na língua materna e perceberia que as línguas são baseadas em regras recursivas, econômicas, eficientes, criativas.

Na prática, os estudantes compreenderam que criar uma língua é desafiador, pois algumas regras e intuições podem não funcionar. Sendo assim, os participantes tiveram que fazer várias adaptações conforme as regras surgiram. Apresentamos o exemplo (3) que demonstra uma ideia do tipo de modificações que as línguas inventadas sofreram. Nesse caso, os participantes a princípio decidiram pela omissão dos conectivos.

(3) a) pla

PRON-PESS-1SG

eu

b) nant

PRON-PESS-2SG

você

c) planant

PRON-PESS-2/3SG → OMISSÃO DO CONECTIVO 'E'

eu e você

O exemplo (3) detalha uma das regras criadas pelo grupo. Porém, ao receberem novas frases, que continham diferentes conectivos, resolveram modificar a língua, visto que a omissão de alguns desses conectivos, possivelmente, geraria diferença de significado como mostramos no exemplo (5). O grupo, então, resolveu criar o conectivo 'e', como demonstra o exemplo (4).

(4) a) João egô Maria roto nhê nhê⁵.
JOÃO CONJ MARIA SER-PRET-PERF-3PL ADJ

João e Maria eram casados.

b) Pla egô trec lifo lifo fri fri.
PRON-PESS-1SG CONJ PRON-PESS-3SG SER-PRES-IND-1PL SUBS-MASC-PL

Eu e ele somos amigos.

c) egô

CONJ

E

(5) Trec fito togo moph
PRON-PESS-3SSG COMER-PRET-PERF-3SG SUBST-MASC-SG PREP

lico om bett gareno pb.

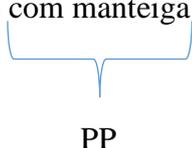
SUBST-FEM PREP LOC.ADJ

Ela comeu pão com manteiga no café da manhã.

⁵As demais particularidades da língua serão discutidas no capítulo 3.

Se os participantes optassem pela omissão do conectivo ‘com’ a sentença poderia gerar dois sentidos diferentes, como mostramos no exemplo abaixo.

(6) a) pão com manteiga.



PP

b) pão manteiga.



AdjP

É possível notar no exemplo acima a diferença de significado entre as frases (6a) e (6b), pois na frase (6a) ‘com manteiga’ é um sintagma preposicional, que faz referência ao tipo de substância que está sendo utilizada no pão. Enquanto na frase (6b) o sintagma é adjetival, ou seja, refere-se ao tipo de pão.

Ao investigarmos os exemplos, é viável determinar que os falantes/participantes apresentam determinadas noções acerca das regras que englobam uma língua, ou seja, a atividade proposta aos alunos proporcionou um raciocínio acerca do funcionamento das línguas, ao invés de receberem o conceito de regras. No entanto, cabe esclarecer que essa percepção só foi estabelecida durante a segunda parte da pesquisa (cf. capítulo 2 e 3).

Em suma, entendemos que a intuição de um falante depende do conjunto de variações e traços gramaticais, por exemplo, nos exemplos abaixo, dos quais (1a) e (1b) já foram mencionados anteriormente:

(1a) Os meninos foram jogar bola.

(1b) Os menino foi jogar bola.

(1b') *O meninos foi jogar bola.

Claramente (1b') é agramatical e, por isso, é a sentença mais estranha de todas para qualquer falante nativo de português brasileiro (PB). Afinal, qualquer falante de PB sabe que é usual marcar o plural no determinante em muitas das variantes populares. Uma das nossas hipóteses é que esse, dentre outros tipos intuição, podem aflorar na língua inventada.

No próximo capítulo, descreveremos melhor o método da oficina, nossas hipóteses e como as duas fases em que a pesquisa ocorreu, mudaram nossa perspectiva do fenômeno.

CAPÍTULO 2: METOLOGIA

2.1 Introdução

Como mencionado anteriormente, esta pesquisa é inédita. No entanto, é necessário detalhar e retomar as hipóteses iniciais para contextualização de todo processo empreendido e suas sequências.

Esta pesquisa surgiu a partir de três perguntas:

a) é possível ensinarmos conceitos linguísticos aos jovens com o devido respeito à sua faixa etária?

b) é possível que o método indutivo⁶ seja empregado no ensino de conceitos linguísticos?

c) é possível os estudantes fazerem uso de suas intuições de falantes para se chegar a respostas acerca da própria língua?

Diante de perguntas tão profundas e complexas decidimos que responder a terceira pergunta seria o ponto de partida inovador. Dentre as duas possibilidades de contato com algum tipo de intuição sobre fenômeno linguístico estão (i) a exposição dos estudantes aos dados da LM ou uma língua diferente; (ii) a criação de condições de contato com a língua inventada. Por exemplo, Honda e O'Neil (2008) relatam longamente como desenvolveram o método científico a partir do método linguístico com estudantes da *Wheelock College* situada em Boston, Massachusetts. Nessas atividades, os estudantes eram desafiados a descreverem fenômenos

⁶ O método indutivo é usado na pesquisa com o intuito de direcionar os estudantes, para que eles cheguem as respostas acerca da língua. Esse direcionamento é feito por meio de atividades e exemplos, não havendo explicação de como devem aplicar determinada regra gramatical ou termo nas sentenças.

(formação de plural, sintaxe, estrutura das questões) de línguas como: inglês, português do Brasil, espanhol, mandarim e cherokee. Algumas dessas línguas muitas vezes eram de conhecimento dos próprios estudantes, filhos de imigrantes, e, por isso, poderiam usar sua intuição bilíngue ou a dos pais e avós. É importante registrar que a realidade norte-americana é diferente da realidade no interior brasileiro, principalmente em São Carlos, SP, pois não é comum encontrarmos falantes nativos de outras línguas nas escolas públicas. No máximo, encontramos alguns falantes com pouco conhecimento de inglês e espanhol.

Dessa ponderação nasceu uma ideia desafiadora: por que não pedirmos para que os estudantes inventassem uma língua? Isso então, nos levou a primeira hipótese de nossa pesquisa: “ao inventar uma língua o falante nativo coloca muito de sua própria língua e precisa desenvolver uma percepção de funções que já estão presentes na sua intuição”.

Com base nessa hipótese, desenhamos o primeiro experimento, que relataremos mais adiante. A ideia principal era que ao criarem uma suposta língua os estudantes começassem a perceber como a sua própria língua nativa contém estrutura, regularidade, recursividade, regras etc. Esse é um desafio bastante grande porque, de certo modo, como visto anteriormente, a invenção de línguas é um empreendimento relativamente fadado ao fracasso, como relata Okrent (2009). Contudo, o fracasso se dava mais pela finalidade do que necessariamente pelo empreendimento formal; no entanto, tanto klingon como as línguas élficas não são consideradas um fracasso, já que curiosamente essas línguas, embora sejam artificiais e usadas no entretenimento, criaram uma legião de fãs e estudiosos porque a motivação para aprendê-las e usá-las não vêm da utopia das línguas livres de ambiguidades capazes de expressar logicamente o pensamento, como queriam muitos inventores. O Klingon e as línguas élficas são línguas

“naturalizadas”, capazes de expressar poesia e arte⁷. Diante dessas considerações traçamos nossos experimentos de forma muito embrionária e vamos, neste capítulo, narrá-los.

2.2 Os métodos e o desenho da pesquisa

Esta pesquisa teve como pano de fundo um grande e inédito projeto: pensar num método de ensino de conceitos linguísticos a estudantes, utilizando as suas próprias intuições. A grande questão era poder usar a intuição de falantes como meio de chegar à compreensão e generalização de fenômenos linguísticos. Ao invés de expormos os estudantes a um conjunto de dados de uma língua diferente ou mesmo dados do português, decidimos optar pela invenção de uma língua, supondo em nossa hipótese que a atividade de inventar uma língua iria sensibilizar os estudantes sobre sua própria língua materna. Como se tratava de um experimento contando com a presença de seres humanos, tivemos autorização do Comitê de Ética em Pesquisa com Humanos da UFSCar⁸. O ineditismo deste projeto gerou grande entusiasmo e expectativas, mas também trouxe um desafio maior ainda: a inexistência de referências anteriores e experiências que pudessem nos auxiliar. Talvez essa atividade lúdica tenha sido utilizada por professores ao redor do mundo, porém nunca se documentou tal expediente. Essa situação nos levou a dois desenhos iniciais do experimento e seus inúmeros desafios. O primeiro deles é que o objeto da pesquisa ainda era bastante amorfo: afinal de contas o que era o cerne da pesquisa: a língua inventada pelas crianças ou o método? A resposta ficou clara à medida que fomos refletindo sobre a

7 Exemplo disso é a tradução de Hamlet para a língua klingon (SHOEN, 2001), ver também Kazimierczak (2010).

8Aprovado pelo comitê de ética - CAAE: 89474418.4.0000.5504

conexão de duas partes implicadas: a) atividade lúdica da criação; b) atividade epilinguística sobre as estruturas criadas.

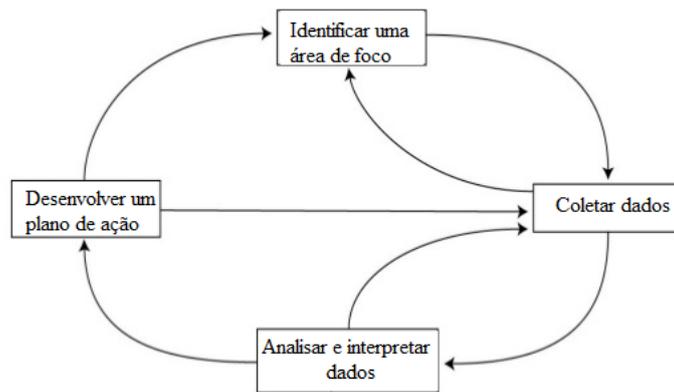
Definida a ideia da criação de uma língua, vieram os outros desafios: quem seriam nossos sujeitos, alunos do ensino fundamental ou médio? Onde aplicaríamos a oficina para ter os primeiros dados? Como essa oficina aconteceria? Em qual espaço: na escola pública ou privada, ou ainda na universidade?

Outra questão surgiu: que método empregar na oficina⁹? Não se tratava de um método para ensino de língua estrangeira, tampouco de língua materna. A cada pergunta, mais dúvidas, mais incertezas. Como estávamos lidando com algo muito novo, sem registro, exceto por um trabalho realizado como Iniciação Científica de um aluno do Ensino Médio da cidade de São Paulo e participante da Olimpíada Brasileira de Linguística 2019¹⁰, decidimos que o melhor procedimento seria aplicar as oficinas em formas de pesquisa-ação, pela sua flexibilidade metodológica, mudança de rumos e a própria influência sobre os sujeitos. Segundo Mills (2007) o método tem como objetivo verificar uma área problemática e encontrar uma solução para melhorar a vida dos envolvidos. A figura a seguir representa o ciclo de pesquisar e agir de modo que a cada fase da ação tem-se uma nova abordagem.

Figura 1 “The dialectic Action Research Spiral” (MILLS, 2003, p.19)

9 O termo é usado para referirmo-nos ao modo como a pesquisa foi desenvolvida: a) diversos grupos e não individualmente; b) pela aplicação ocorrer em diversos dias com diferentes atividades.

10 Trabalho sobre “A gramática de Valendhirdven” realizado pelo estudante Antonio Barolo do Ensino Médio do Colégio MóBILE da cidade de São Paulo - SP.



Fonte: Mills, 2003, p.19

Elucidamos o esquema de Mills da seguinte forma:

1. Identificar uma área de foco: problemática no ensino e aprendizagem de conceitos linguísticos, bem como outras línguas, e compreensão dos estudantes em relação a isso;
2. Coletar dados: os dados foram coletados conforme a aplicação desta pesquisa;
3. Analisar e interpretar dados: os dados foram analisados de acordo com o processo de invenção da língua;
4. Desenvolver um plano de ação: após análise dos dados, pretende-se desenvolver, no futuro, um método de ensino de conceitos linguísticos, o qual supõe-se contribuirá no processo de aprendizagem dos estudantes, tal como reconhecerem a língua como objeto científico.

Por isso, para o desenvolvimento das crianças e a compreensão de fenômenos linguísticos, almejávamos que elas não adquirissem metalinguagem ou as habilidades de um linguista munido de um conjunto de

conceitos pré-determinados, mas sim que elas olhassem para as línguas como um objeto de curiosidade pré-científica.

Desse modo, pensamos nas oficinas como uma expressão do método indutivo para instigar os estudantes a chegarem a uma resposta sobre os fenômenos linguísticos, usando sua intuição e a gramática internalizada. Além disso, esse estímulo contribuiu para compreenderem a língua como objeto científico. De jeito bastante inusitado, a pesquisa-ação que desenvolvemos tinha como finalidade induzir o aluno a pensar epilinguisticamente na criação de uma língua. Nesse sentido, a indução é bastante aproveitada como atestam Pires de Oliveira e Quarezemin (2016, p.95-6): “observa fatos singulares no mundo e estabelece uma generalização”. Segundo Lakatos e Marconi (2003) e Gil (2008) a indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, infere-se uma verdade geral ou universal, portanto, o procedimento indutivo favoreceria os estudantes a averiguarem os fatos existentes nas línguas inventadas associando-os com a língua materna. Esse tipo de comportamento ocorreu durante a aplicação como veremos a seguir.

2.3 Das condições gerais de aplicação e funcionamento das oficinas

A pesquisa foi aplicada, até o momento, com alunos entre 11 e 13 anos, de 6º e 7º anos do Ensino Fundamental, não há, todavia, empecilhos quanto à sua aplicação com alunos de anos finais ou Ensino Médio. Nesta fase, decidimos por oficinas, nas quais os estudantes trabalharam em grupos.

A pesquisa foi executada na Escola Estadual Prof. Sebastião de Oliveira Rocha, situada na cidade de São Carlos, que opera na proposta de ensino integral com aulas que vão das 7h30 às 16h30. Os alunos utilizam a sigla SOR para referir-se à escola.

No que tange à seleção da escola, optamos pela escolha de uma escola pública¹¹, com ensino integral, o que contribuiu para a possível presença dos estudantes durante a realização da pesquisa, visto que ela foi aplicada no período de aula dos participantes. Ponderou-se a aplicação na escola, em formato de disciplina, devido a não haver como custear as despesas, caso aplicássemos a pesquisa em outro espaço, por exemplo, numa sala ou laboratório na universidade. E, por isso, foi preciso adequar-nos às condições da escola. De qualquer forma, a escola colaborou para a aplicação nas duas fases.

Para a realização do experimento, porém, foi necessário seguir as condições propostas pela escola, bem como seu cronograma de aulas:

- 1) A oferta da oficina se enquadrou em uma disciplina eletiva. A escola não conseguiu conceder um horário exclusivo para o experimento, por isso, tivemos que adaptar a aplicação ao horário da disciplina eletiva. E, por isso, foi necessária a parceria com as professoras das disciplinas de língua inglesa e língua portuguesa;
- 2) Por ser uma disciplina, o número de participantes, na primeira fase foi de 50 alunos e na segunda fase de 39 alunos, sendo necessário trabalhar em grupos e em forma de oficinas;
- 3) Cabe elucidar que os estudantes não foram selecionados para participarem da pesquisa, mas sim, eles mesmos escolheram entre diversas disciplinas qual se encaixava melhor no perfil de seu

¹¹ Vale ressaltar que outra escola, no caso uma da rede privada, foi procurada para aplicação da segunda parte da pesquisa, porém nos foi cedido apenas 10 minutos ao final das aulas de língua portuguesa. Sendo assim, optamos pela mesma escola pública que já havíamos selecionado anteriormente.

“projeto de vida” (PV)¹². Dessa forma, estudantes que preferiam a área de humanas a exatas, ou algo relacionado a línguas, teriam como uma das opções a nossa disciplina;

- 4) Ressaltamos ainda, que em ambas as fases o procedimento para a seleção dos estudantes foi o mesmo, bem como o formato do experimento. A única distinção entre uma fase e outra foi o direcionamento e as atividades que foram aplicadas aos estudantes;
- 5) Em ambas as fases, a pesquisa foi aplicada no período de um semestre, com aulas uma vez na semana durante o período de 1 hora e 30 minutos por aula. A fase I foi desenvolvida no segundo semestre de 2018 e a fase II no primeiro semestre de 2019;
- 6) Além de ocorrer uma vez na semana, alguns dias foram cancelados devido às reuniões, feriados e suspensão das aulas por conta de atividades (jogos escolares, etc);
- 7) As duas últimas aulas foram destinadas a preparação da culminância (os estudantes apresentaram à comunidade interna e externa os trabalhos desenvolvidos no decorrer do semestre).
- 8) A aplicação na primeira fase totalizou o período de oito encontros (08) e na segunda fase dez encontros (10). Isso limitou a coleta de mais dados, bem como uma investigação mais profunda dos alunos e possíveis mudanças em relação às línguas inventadas.

Cumpramos ressaltar que quando nos referimos a “direcionamento” estamos lidando com as orientações que a pesquisadora poderia dar ao grupo, como, por exemplo, explicitar que em determinado momento eles tivessem que criar ou desenvolver um sistema morfossintático de número e pessoa, ou

12O PV é um projeto em que a escola contribui com os estudantes de maneira que eles percebam qual área é mais relacionada com suas escolhas e perfil. Assim, a seleção da eletiva se dá por meio do PV.

outra situação gramatical em uma língua, ou ainda uma explicação de tipologias linguísticas. A seguir descreveremos sobre as atividades aplicadas durante as duas fases do experimento.

2.4 Descrição das fases I e II

Nesta seção descreveremos detalhadamente os procedimentos e alguns resultados acerca das atividades aplicadas durante o experimento. Para isso, vamos subdividi-la em duas partes. No que concerne à aplicação das atividades, convém esclarecer que foram adquiridos formatos diferentes de atividades de uma fase a outra, bem como da sua aplicação, resultado da revisão da primeira aplicação e de algumas mudanças proporcionadas pela ideia da pesquisa-ação. Outro fator que merece ser mencionado é que, na primeira fase, os grupos foram orientados a criarem nomes para as equipes, o que acarretou a criação de nomes para algumas línguas também, porém esse procedimento não foi exigido pela pesquisadora. Já na segunda fase a pesquisadora intitulou cada grupo de A – J¹³, sem solicitar aos participantes a criação de nomes para as línguas. Abaixo veremos a descrição das atividades empregadas nas fases da pesquisa.

2.4.1 Atividades propostas: fase I

Com o objetivo da pesquisa delineado, iniciamos a aplicação da primeira fase. Nesta seção, então, dissertaremos sobre os procedimentos

13 Os grupos da segunda fase foram compostos por 4 alunos por grupo.

incorporados para o seu desenvolvimento. Ressaltamos ainda que nessa fase os alunos não foram orientados sobre qualquer aspecto linguístico na criação das línguas, ou seja, tiveram total liberdade para criarem espontaneamente a língua.

Como forma de investigar quais os conhecimentos que os estudantes dispunham em relação às línguas artificiais e também naturais, na primeira aula, apresentamos o vídeo “A língua alienígena de A Chegada”¹⁴ (NERDOLOGIA, 2017), que discutiu alguns pontos sobre a língua que aparece no filme “A Chegada” entre outras línguas artificiais. O vídeo foi apresentando com o intento de iniciar uma discussão sobre algumas línguas artificiais, pois no primeiro contato percebemos que muitos deles não tinham conhecimento sobre o Klingon, Esperanto e línguas élficas, por exemplo, sendo que essas são algumas das mais conhecidas. Em princípio, pensamos em apresentar o filme “A Chegada” aos alunos, contudo devido ao número restrito de aulas renunciamos essa ideia. Além do vídeo, apresentamos ainda, o site “omniglot.com” que expõe curiosidades, aspectos morfológicos e sintáticos de diversas línguas. O vídeo, assim como o site, contribuiu para a discussão acerca das línguas, naturais e artificiais, bem como para os estudantes explorarem suas ideias iniciais em relação à criação, além de auxiliá-los em pesquisas futuras.

Após essa discussão, os alunos foram divididos em grupos. Como dito anteriormente, a primeira fase comportava 50 alunos, dentre os quais havia alunos dos 6º e 7º anos, em sua maioria alunos do 6º ano. Os grupos variavam em números de participantes, sendo o mínimo exigido de três e o máximo de oito participantes por grupo. Apenas dois grupos continham o número

¹⁴Vídeo do canal Nerdologia. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=V4GEKqI25EU>

mínimo estipulado. A grande maioria estava dividida em grupos de cinco, seis e oito participantes.

O passo seguinte se deu com a distribuição de cadernos. Os cadernos foram fornecidos pela pesquisadora com a finalidade de os participantes anotarem todo o planejamento e procedimentos durante a elaboração da língua inventada. Recapitulamos que nessa fase propomos aos estudantes que inventassem um nome para sua equipe.

A primeira atividade realizada pelos estudantes foi a elaboração de um contexto. Essa atividade foi a única exigência que estabelecemos aos participantes, pois o contexto foi primordial para estabelecer como seria a língua. Algumas sugestões foram feitas: a) a chegada de alienígenas na Terra; b) o encontro de alienígenas em outro planeta; c) o encontro de uma civilização perdida; d) a descoberta de uma língua grafada em uma caverna. O contexto serviria para que a língua tivesse uma existência verossímil com uma história. O próximo passo foi cada grupo criar a sua língua.

Como dito preliminarmente, os grupos dessa fase não foram direcionados a criarem estruturas morfossintáticas, glossários, etc na nova língua e, por isso, a maioria criou um alfabeto, isto é, “desenharam” símbolos que fizeram menção a cada grafema do alfabeto na LP. Constatamos que os alunos dessa fase criaram uma espécie de criptografia para as línguas, em que cada símbolo criptográfico recebeu determinado som; esses sons em sua grande maioria foram baseados na LP, porém alguns grupos utilizaram alguns sons conhecidos da língua inglesa também, constituindo muitas sílabas travadas em algumas línguas estrangeiras (LEs). Vejamos um exemplo em que para cada grafema foi criada uma sílaba¹⁵.

Quadro 1 – Sistema criptográfico: grupo “Exploradores do espaço”

15 Os dados completos estão dispostos no anexo IV.

Língua Portuguesa	Língua inventada
O	Phir
João	kiki – phir – blu - phir J – O – A – O
Fez	gui – fub - au F – E – Z
Um	vor - ou U – M
Bolo	cu – phir – mo – phir B – O – L – O

Fonte: Quadro elaborado pela autora, 2019.

O quadro 1 apresenta um exemplo de como foram desenvolvidas as línguas da primeira fase. O quadro demonstra um exemplo de uma sentença elaborada na “língua inventada”, ou melhor dizendo, do sistema de grafia e sons que foi criado pelos estudantes do grupo “Exploradores do espaço” da fase I, e que demonstra como eles ponderam sobre o que é uma língua e seu funcionamento. Esse sistema em questão nos mostra que os sons e grafia da LInv são correspondentes aos do PB. Entretanto, esse tipo de correspondência é plausível já que pressupomos que os estudantes associariam a língua inventada com a língua materna. Mesmo estabelecendo uma regularidade, os alunos encontraram dificuldades para executar a fala e a escrita nessa língua, possivelmente isso se deve ao fato de cada grafema ser representado por uma sílaba, e essas sílabas apresentarem diferentes combinações como: CCV,

CVCV, CVV, CVC, CV, VV¹⁶, de qualquer forma, constatamos que em todas as combinações temos pelo menos uma vogal inserida, provavelmente, isso se deva ao fato da influência do PB, pois nosso sistema silábico é composto de consoante + vogal. Compreendemos que, embora, os estudantes tenham inventado um sistema alfabético, determinado por códigos, muitos desses símbolos e também a fonética são reflexos da língua materna.

Aos estudantes foi proposta a comunicação na língua inventada com o intuito de comprovar a sua eficácia, além de ser algo que supúnhamos ser interessante aos alunos. Porém, a maioria dos grupos encontrou certas dificuldades em estabelecer essa comunicação. Referimo-nos à comunicação como um ato mínimo que teria como consequência a percepção das diferenças existentes entre língua falada e escrita. De qualquer forma, alguns grupos assumiram que elaboraram línguas intrincadas e que se houvesse tempo hábil as modificariam.

Conclui-se que em virtude da criptografia (cf. seção 3.2), não somente esse grupo mencionado no exemplo, mas os demais grupos criaram um sistema de códigos que não são econômicos e, ainda apresentam uma grande complexidade, impedindo a sua execução tanto na fala quanto na escrita. Com isso, os dados dessa primeira fase apontaram para uma quebra de nossas expectativas, pois esperávamos que os estudantes criassem padrões morfossintáticos. Porém, isso foi de grande valor, como “piloto” e contribuiu para nos direcionar na execução de experimentos futuros.

No capítulo 3 discorreremos e apresentaremos exemplos mais detalhados das línguas inventadas pelos grupos nessa fase. O apêndice C traz detalhes sobre a proposta das atividades aplicadas durante essa fase.

¹⁶Lê-se: C' - consoante e 'V' - vogal.

2.4.2 Atividades propostas: Fase II

Como mencionamos na seção anterior, uma segunda aplicação fez-se necessária, pois, como já aludido, durante a primeira fase os estudantes não estabeleceram padrões morfossintáticos e fonológicos na LInv passíveis de comparação na língua materna, o que esperávamos que acontecesse. Mesmo assim, os dados foram primordiais para entendermos como os estudantes enxergam uma língua, além de nos orientar sobre como proceder em relação à futura elaboração do método. Esses dados ainda contribuíram na preparação das atividades e no seu direcionamento durante a fase II do experimento. Nessa primeira fase, foi possível verificar que os estudantes não distinguem grafia e sons, isto é, para eles ambos os conjuntos pertencem a um mesmo tipo de linguagem. Esse é um reflexo do ensino focado no “grafocentrismo”¹⁷, pois a partir do momento que ingressamos na escola, o intuito é ensinar o falante a escrever corretamente na sua LM.

Iniciamos a primeira aula com a exibição e discussão do vídeo “A língua alienígena de ‘A chegada’”, entretanto, como os orientamos nessa fase, eles também foram expostos a um segundo vídeo, “Fala e escrita”¹⁸ (CEEL UFPE, 2011), que exhibe a diferença entre língua falada e língua escrita. Essa discussão foi produtiva, pois os alunos, até então, não tinham refletido sobre as diferenças entre uma e outra. Além dos vídeos, exibimos a letra da música “A língua do P” de Gal Costa que teve o intuito de mostrar aos estudantes que a língua do “P” não é uma língua artificial, mas apenas uma forma de dificultar a compreensão. Após as discussões, os estudantes foram divididos em grupos. Nessa fase, porém, tínhamos um grupo menor de estudantes

¹⁷ De acordo com Kato (1985) a visão grafocêntrica é mais focada no ensino da escrita do que no desenvolvimento da leitura.

¹⁸ Vídeo apresentado pelo Professor Dr. Luiz Antônio Marcuschi.

participantes – 39 alunos –, embora o número ainda seja elevado para a aplicação da pesquisa. Essa redução colaborou para a divisão de grupos menores, sendo o mínimo 3 estudantes e o máximo 4 estudantes por grupo. Novamente tínhamos alunos do 6º e 7º anos, o que foi uma imposição nossa, pois assim poderíamos comparar os dados de ambas fases. E do mesmo modo, a maioria dos estudantes era do 6º ano.

O próximo passo foi a distribuição de fichas (anexo III), que continham as atividades que os estudantes deveriam executar no dia. A cada dia de aula os alunos recebiam uma nova ficha para a realização de atividades, que eram direcionadas. Nessa fase, contamos com a presença de um estagiário, que contribuiu na assessoria dos grupos juntamente com a pesquisadora. Na primeira ficha, os estudantes deveriam descrever a diferença entre língua falada e escrita, sendo a única atividade executada individualmente.

A sequência das atividades se deu com a criação de um contexto. Cada grupo elaborou uma história, na qual se basearam para produzir a língua como na primeira fase. Novamente, ressaltamos que o contexto foi primordial para a invenção das línguas, pois ele contribuiu para que os grupos definissem como seria a língua criada, por exemplo, se seria uma língua alienígena ou de uma civilização perdida.

A terceira ficha englobava uma lista de palavras, baseada na “lista de Swadesh”¹⁹ (*Swadesh list* no original), que é uma lista de palavras que contém dois idiomas que são comparados. No nosso caso, utilizamos apenas um idioma – PB – pois os estudantes deveriam criar as palavras, embasados na lista. Essa lista teve como principal objetivo fazer com que os alunos refletissem sobre a língua; pensando o que seria necessário para a elaboração

19A *Swadeshlist* foi desenvolvida pelo linguista norte-americano Morris Swadesh.

de uma sentença. Cabe salientar que a lista continha 30 termos, dentre os quais nenhum era um verbo, apenas substantivos, pronomes e advérbios. A ausência de verbos foi justamente para instigar os alunos a refletirem se esse elemento é ou não necessário para a elaboração de uma sentença. Alguns grupos, perceberam a falta dos verbos automaticamente, enquanto outros notaram conforme elaboraram a sentença. Além disso, muitos termos não tinham marcação de plural e nem de gênero, o que foi proposital para proporcionar mais uma reflexão aos alunos. Devido à aplicação dessas atividades e exercícios de reflexão e debate, os grupos dessa fase se diferenciam dos da primeira, pois iniciaram a criação da língua por um léxico, sendo solicitada a criação de um sistema de escrita apenas ao final da pesquisa, que será relatado mais à frente. A atividade de elaboração de uma sentença teve como objetivo verificar a ordem dos componentes em uma frase de cada LInv. Ressaltamos que a estrutura da sentença se deu da mesma forma que o PB, ou seja, SVO²⁰.

A quarta atividade, assim como as seguintes, abrangiam 10 (dez) frases por ficha, porém na ficha de número 4 (anexo III) houve uma modificação nas três últimas frases de cada grupo. Essa mudança baseou-se nos verbos criados na atividade da terceira ficha e contribuiu para investigar se os grupos manteriam e/ou criariam padrões morfológicos, como, por exemplo, marcação de tempo e plural. Além disso, as fichas auxiliaram para verificar como os alunos procederam diante dos fenômenos linguísticos, pois cada frase continha um tipo de marcação de tempo verbal e pessoa, pronomes e marcação de plural.

20 Lê-se: sujeito – verbo - objeto

Os exemplos (7b) (7c) e (7d) mostram como foram elaboradas as três últimas sentenças da ficha de número 4. A frase utilizada (7a) foi produzida pelo grupo B.

(7) a. Bugi buba byer bounilha.
ADV PRON-PESS-2SG ESTAR- PRES-IND-3SG ADJ

Hoje você está bonito (a).

b. Binco biers baion bordun.
ADV ESTAR-PRET-IMP-3SG ADV ADJ

Ontem estava muito frio.

c. Beaul biern bau bonir
PRON-PESS-FEM-3SG ESTAR-FUT-PRES-3SG PREP PRO-POSS-1SG

bilzy beu binonig.

SUBST-FEM PREP ADV

Ela estará na minha casa no domingo.

d. Biaul bia bier bais bond.
PRON-PESS-FEM-3SG IR-PRES-IND-3SG ESTAR-INFINITIVO ADV ADV

Ele vai estar cansado mais tarde.

Com base nos exemplos acima, vemos que o grupo criou um padrão para marcação de tempo verbal e atribuição de gênero – preposições e pronomes. No entanto, como veremos no capítulo 3, nem todos os grupos criaram esses padrões.

Ao todo foram oito fichas, sendo a última delas a elaboração de um alfabeto, o qual foi proposto com o intuito de os estudantes desenvolverem a grafia e a fonética da LInv. Essa atividade desencadeou algumas dúvidas e

dificuldades, pois como aludido, os estudantes não diferenciam língua falada e língua escrita, ou seja, para eles o som e a grafia são o mesmo tipo de linguagem e que podemos perceber facilmente devido à criação de línguas complexas vistas na fase I.

Cabe salientar que mesmo essa fase sendo orientada, estabeleceu-se um direcionamento moderado, o qual não interferiu na elaboração das regras e padrões das línguas inventadas, como veremos na seção 3.4. Devido ao direcionamento, proposto por meio das atividades, as línguas criadas nessa fase – as quais diferenciam dos sistemas criados na primeira fase - ficaram mais econômicas, no sentido de serem mais usuais (esse assunto foi discutido com os grupos), mesmo assim, os estudantes não estabeleceram um diálogo, isto é, uma conversação mínima nas LINvs, o que era uma das nossas hipóteses.

Abaixo, demonstramos um exemplo de uma das línguas da fase II. Para instaurarmos uma comparação entre as línguas de ambas as fases, trazemos novamente o exemplo disposto no quadro (1) – sistema de escrita elaborado pelo grupo “exploradores do espaço” e uma frase similar (8) – elaborada pelo grupo G da segunda fase.

Ex. quadro (1)

Phir	Kikiphirbluphir	giufubau
PRON-DEF-MASC-SG	JOÃO	FAZER-PRET-PERF-3SG
vorou	cuphirmophir.	
PRON-INDEF-MASC-SG	SUBST-MASC-SG	

O João fez um bolo.

(8) Iav	duka	Paulo	kiko
IR-PRET-PERF-3SG	ART-DEF-MASC	PAULO	PRON-REL
krá	ko	krá	atô.

Foi o Paulo quem fez a torta.

Para compararmos, tomemos como exemplo o verbo “fazer” que consta em ambas as frases. No exemplo do quadro (1) verifica-se que o número de sílabas aumentou, transformando o verbo de monossílabo para trissílabo. Entretanto, na fase II permaneceu o mesmo número de sílabas que contém na LP, ou seja, ainda é monossílabo. Outro elemento são os nomes próprios, os quais modificaram na primeira fase, devido à criação do sistema de escrita. Nesse caso, os estudantes fizeram a substituição dos grafemas do PB para os criados na LInv, porém como a grafia (fase I) é baseada em um sistema silábico os nomes se tornam inconvenientemente maiores. Outro fato que podemos notar é que nas línguas da fase II (cf. seção 3.7.2), em muitos casos há marcação de plural e atribuição de gênero, o que não ocorre na fase I, já que somente há substituição dos grafemas pelo sistema de escrita inventado. Outro componente que apresenta um grande número de grafemas é o termo ‘bolo’ presente na frase do quadro (1). Comparando o termo com o PB e com a LInv na fase II (torta) – mesmo que não sejam os mesmos termos ambos são dissílabos em PB e, por isso, faremos a comparação – constatamos que na fase II alguns termos são muito mais econômicos em relação a LM do falante. No caso do termo em questão (atô = torta), ele é monossílabo enquanto em PB (torta/bolo) e na grafia da primeira fase (cuphirmophir = bolo) é dissílabo, no entanto, nota-se uma grafia complexa na fase I em relação ao PB. Com esse único exemplo é possível verificarmos a complexidade do sistema de escrita da fase I em relação à fase II.

Concluimos, por fim, que para a obtenção de dados mais significativos e representativos, é necessário o direcionamento aos estudantes. Desse modo, constatamos que os estudantes são capazes de associar a língua inventada com a língua materna, além de perceber os aspectos linguísticos do PB desde que

exista um direcionamento, ou seja, partindo de atividades e exemplos que induzam o estudante a refletir sobre as regras gramaticais da língua, e não somente demonstrar as regras gramaticais prontas para serem usadas em uma determinada sentença ou contexto.

Apresentamos, nesta seção, apenas uma breve descrição das atividades propostas para o desenvolvimento da pesquisa, sendo assim, os detalhes acerca das línguas serão apresentados no próximo capítulo.

2.5 Síntese

Neste capítulo discorreremos sobre as condições para a aplicação da pesquisa, elucidando também os motivos da nossa escolha por uma escola pública. Esclarecemos ainda como se deu a seleção dos participantes, bem como o número total de sujeitos de cada fase. Apresentamos esclarecimentos acerca das atividades utilizadas nas fases I e II e os detalhes, diferenças e aprimoramentos que ocorreram de uma fase a outra.

Abordamos os dois tipos de métodos utilizados na execução da pesquisa, apontando a importância de cada um deles. O método de pesquisa-ação tem grande influência na área de linguística aplicada e pedagogia. Contribuiu para que detectássemos uma área problemática - o ensino de línguas baseado em memorização de regras gramaticais, não instigando a reflexão dos alunos acerca do funcionamento de uma língua - e, a partir da coleta e análise dos dados – línguas e sistemas de escrita inventados - encontrar uma solução – com base nas análises dos dados espera-se desenvolver um método de ensino de conceitos linguísticos. Já o método indutivo teve o intuito de orientar os alunos para que demonstrassem possíveis regras gramaticais acerca das línguas inventadas.

Apresentamos alguns dados de ambas as fases. Um dos exemplos apresentados da fase I foi o sistema de escrita por símbolos elaborado por um dos grupos da primeira fase, e para compararmos exemplos de uma fase com a outra, apresentou-se um exemplo da segunda fase. Com base nesses exemplos, percebemos que as línguas da fase II foram muito mais econômicas e menos complexas em relação às línguas da fase anterior, pois como analisamos no exemplo (8), os grupos criaram vocábulos e não um sistema silábico, como o apresentado no exemplo do quadro (1). Além disso, as línguas na fase II estabeleceram padrões que não foram encontrados nos dados da primeira fase. Como aludido, isso possivelmente ocorreu devido aos estudantes da segunda fase receberem orientações para a criação das línguas.

Por fim, traçamos um caminho didático para que profissionais da área de educação possam aplicar a pesquisa com seus alunos, independente do ano em que se encontram, contribuindo, dessa forma, para que o aluno compreenda o funcionamento das regras gramaticais de uma língua.

CAPÍTULO 3: LÍNGUAS INVENTADAS – ANÁLISES FONÉTICAS E MORFOSSINTÁTICAS

3.1 Introdução

Neste capítulo analisaremos os dados das línguas inventadas abordando aspectos diversos para observar se as atividades desenvolvidas na oficina podem criar algum tipo de subsídio ao investimento de um método no futuro. Abordaremos a ordem sintática dos elementos nas frases da língua portuguesa, e ainda, demonstraremos exemplos na língua inventada. Conforme esperado, as estruturas nas línguas inventadas apresentaram os mesmos padrões sintáticos da língua portuguesa, mesmo assim, é necessário apresentar alguns exemplos de ambas as fases para uma comparação. As análises dos exemplos têm como finalidade explicar o que foi criado pelos estudantes. Dividiremos, então, este capítulo da seguinte forma:

- a) Sistema gráfico: a seção 3.2 apresenta breves detalhes quanto ao sistema de símbolos criado pelos grupos da fase I. Além disso, apresentamos alguns exemplos de criptografias existentes;
- b) Fonética: as seções 3.3 e 3.5 trazem uma análise fonética das LInvs pelos grupos da fase I e II, mostrando, além disso, outros exemplos do sistema de símbolos criados pelos estudantes. Apresentamos ainda transcrições fonéticas de vocábulos criados pelos estudantes da fase II;
- c) Morfologia e sintaxe: as seções 3.6, 3.7 e 3.8 apresentam uma análise quanto à morfologia dos vocábulos inventados e também da sintaxe das LInvs.

A importância dessas análises é investigarmos os tipos de sons, escrita e padrões morfossintáticos adotados pelos estudantes, os quais foram relacionados com as línguas de que têm conhecimento: língua portuguesa, língua inglesa e espanhol. Além disso, tal fato contribuirá para estabelecermos como será o método no futuro e compreendermos o que os estudantes sabem a respeito da própria língua.

A estrutura das línguas e os padrões morfológicos foram determinados apenas na fase II. A distinção entre essas duas fases, se deve ao fato de na primeira os estudantes terem feito um sistema escrito por símbolos não permitindo a formação de padrões morfossintáticos.

Como cada língua apresenta um tipo de particularidade, além dos contextos que são essenciais para compreender como surgiram as LInvs de cada grupo, considerou-se necessária a apresentação de uma análise de cada LInv, separadamente.

3.2 Escrita Criptográfica: breve detalhamento

Longe de os estudantes terem noção do que realmente seja uma escrita criptografada, eles tentaram, intuitivamente, estabelecer línguas baseadas na “dificuldade”, ou seja, estabeleceram códigos complexos para impedir a decodificação. A grafia criada pelos grupos consistia em códigos usados para despistar e não para a comunicação.

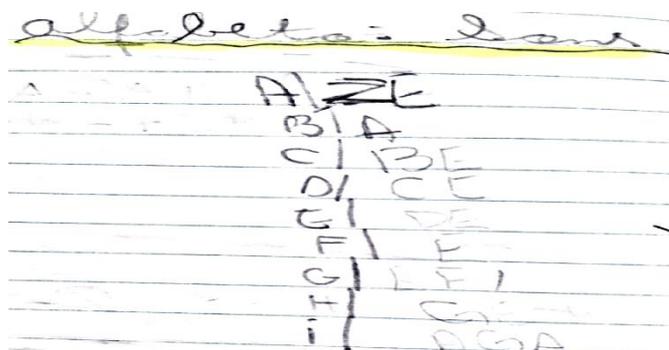
Existem alguns tipos de escrita criptográfica, sendo o mais comum a cifra por substituição, que consiste em um deslocamento relativo a um sistema de escrita pré-estabelecido, sendo os grafemas substituídos de acordo com esse deslocamento. Por exemplo, num deslocamento de 3, o grafema <a> é

substituído pelo <d>, e assim sucessivamente. No entanto, essa é uma forma muito fácil de ser decodificada, afinal esses códigos possuem regularidades.

Há outros tipos de cifras²¹, mas não convém mencioná-las, pois esse não é o foco da pesquisa. Considerou-se necessário citar a cifra por substituição em virtude de alguns grupos tanto da primeira fase quanto da segunda a terem utilizado. Vejamos alguns exemplos desse tipo de criptografia criada pelos estudantes.

A figura 2 traz um exemplo da criptografia por substituição. Esse tipo de cifra foi criado por um grupo da primeira fase. Nota-se que o grupo substituiu o grafema do alfabeto pela sua seguinte, por exemplo, o grafema <a> se transformou na sílaba ‘ze’. Vejamos a figura.

Figura 2: Alfabeto inventado - cifra por substituição



Fonte: Dados coletados de um dos cadernos da fase I.

Esse tipo de exemplo mostra claramente a ausência de distinção entre língua falada e escrita. Como o termo “bala” seria escrito na língua inventada

21 Cifra de transposição ou cifra de colunas: consiste na reordenação dos caracteres do texto. Essa troca de caracteres deve ser baseada em uma chave. Cifra de Vigenère, consiste no mesmo sistema da cifra de substituição, ou seja, acontece o deslocamento dos caracteres, no entanto, nesse caso, para deslocar os caracteres é preciso ter acesso a uma senha. Para mais exemplos consultar: <https://pt.wikibooks.org/wiki/Algoritmos/Criptografia>

por esse grupo? Para responder a essa pergunta, considerou-se necessária a elaboração de um quadro:

Quadro 2: Exemplo de uma palavra em uma LInv

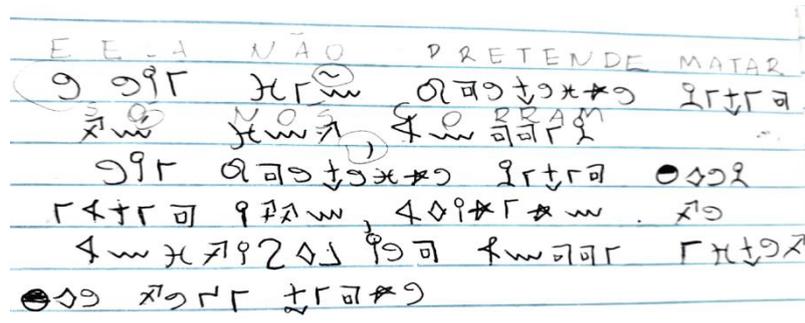
Língua Portuguesa	Língua inventada	Grafemas
BALA	AZEEMEZE	B = A A = ZE L = EME Z = ZE

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Constatou-se durante a aplicação que o grupo, - assim como os demais - não conseguiu utilizar a língua. Essa ocorrência, possivelmente, deve-se ao fato de haver muitos participantes em um mesmo grupo (oito), além do sistema escrito criado ter sido muito complexo. Mais uma vez, pode-se verificar a influência do grafocentrismo.

Além do sistema de escrita, outros grupos fizeram uso de desenhos (figura 5) para indicar a grafia da língua. Outros, como demonstrado na figura 3, utilizaram símbolos semelhantes à pichação ou símbolos do zodíaco.

Figura 3: Língua Ahri 1ª fase



Fonte: Dados coletados do caderno do grupo ‘Clube das Wins’

CONJ PRON-PESS-FEM-3SG ADV-NEG PRETENDER-PRES-IND-3SG MATAR-INFINITIVO

E ela não pretende matar (...).

A figura 4 apresenta um exemplo de pichação como forma de demonstrar as semelhanças apresentadas nessa língua.

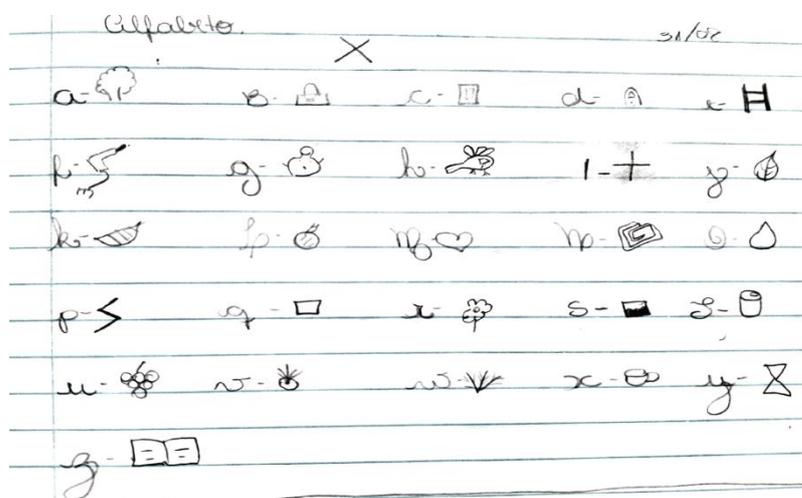
Figura 4: Desenho de pichação



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pichação>

A próxima figura (5) apresenta símbolos desenvolvidos para a grafia de uma outra língua desenvolvida na primeira fase.

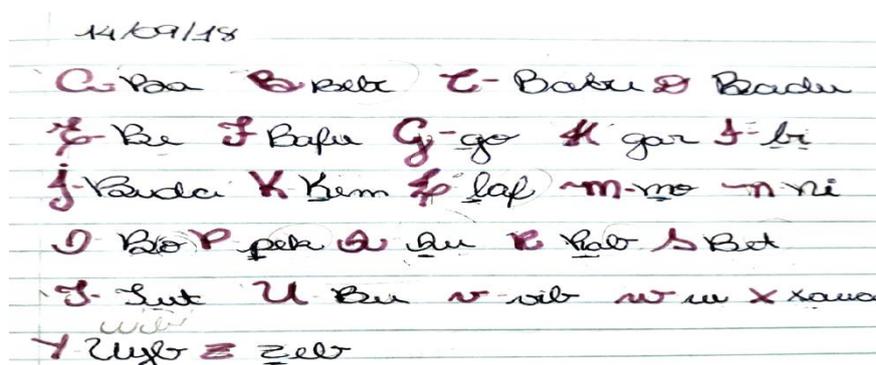
Figura 5: Símbolos Equipe Estrela



Fonte: Dados coletados do caderno da ‘Equipe estrela’

A princípio esse grupo usaria os símbolos dispostos na figura 5 para a grafia, porém esse sistema foi abandonado. Sendo assim, para a grafia e fonética o grupo adotou o sistema demonstrado na figura 6. O grupo reconsiderou o uso de símbolos diferentes para indicar a escrita e a fala, já que seria inviável a utilização.

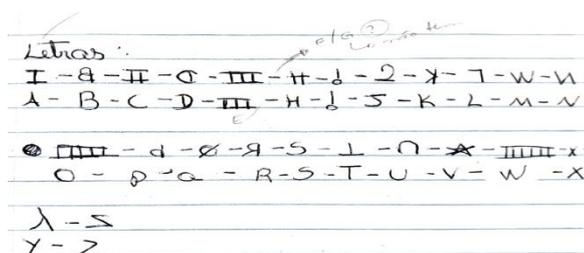
Figura 6: Alfabeto fonético Equipe Estrela



Fonte: Dados coletados de um dos cadernos da fase I.

Outro tipo de escrita utilizada como criptografia pelos estudantes foi a escrita espelhada. A figura 7 traz esse modelo elaborado por um grupo da primeira fase, em que a maioria das letras é espelhada ou invertida em relação às letras do alfabeto da PB.

Figura 7: Escrita espelhada - grupo ‘Linguagens do SOR’



Fonte: Dados coletados do caderno do grupo da fase I

Nesta primeira seção, apresentamos alguns exemplos referentes às línguas da primeira fase, os quais em sua maioria são modelos de sistemas de escrita mais explícitos.

Com esses exemplos, conclui-se que a maioria dos grupos, com exceção de um único grupo que criou o glossário, usou o sistema de escrita por códigos para elaborar as línguas. Muitos deles abandonaram os símbolos por serem complexos para reproduzir, sendo assim, utilizaram apenas um alfabeto para língua falada e língua escrita. Isto é, mais uma vez, apresenta-se a confusão em relação aos sons de uma língua e sua grafia.

3.3 Fonética e criptografia – línguas Fase I

Nesta seção, apresentaremos os dados coletados na primeira fase do experimento. Para melhor compreensão acerca das línguas inventadas,

apresentaremos na análise de cada grupo um breve resumo sobre o contexto escolhido para iniciar a língua. É importante esclarecer que em ambas as fases solicitamos a elaboração de uma história aos participantes sobre como “descobriram” essa LInv. Esse contexto teve como objetivo contribuir na reflexão de como seria a língua criada pelos grupos.

3.3.1 Análise dos dados

Esta primeira seção tem como pressuposto evidenciar os dados coletados e analisados na primeira fase da pesquisa. Ressaltamos, novamente, que essa fase não foi direcionada, isto é, os participantes, exceto durante a primeira aula, não receberam nenhum tipo de orientação da pesquisadora.

Como processo inicial, diversos grupos dessa fase criaram um sistema de escrita, além de alguns sons para a língua. Constatou-se, desse modo, que os alunos não distinguem sons e letras e para eles tanto a grafia como a fala representam o mesmo sistema de linguagem, ou seja, uma espécie de concepção “grafocêntrica”.

Por isso, considerou-se necessário trazer vários exemplos das línguas inventadas por esses grupos. Como aludido na metodologia, os participantes dessa fase criaram nomes para os grupos. Sendo assim, apresentaremos, individualmente, exemplos da análise fonética de cada grupo.

- Grupo Náskuka

Contexto²²: A história é baseada em quatro estudantes que foram a Marte para uma pesquisa e, por fim, encontraram alienígenas. Para

22 Todos os contextos estão dispostos na íntegra no anexo I.

estabelecerem a comunicação com os habitantes do planeta, aprenderam a língua usada por eles.

O grupo criou um sistema fônico em que cada grafema na língua inventada é iniciado pela sua semelhante ao alfabeto do PB. Vejamos alguns desses grafemas no quadro 3.

QUADRO 3 - Alfabeto fonético - Língua Náskuka

A	AO
B	BLI
C	CA
E	ED
M	MAKRO
R	RAH
T	TRIK
U	URU
Z	ZOL

Fonte: Dados coletados do caderno do grupo.

Com base na figura 8, podemos notar que os participantes, assim como a maioria dos exemplos que apresentaremos, não conseguem dissociar som e grafia. Podemos observar, ainda, com o exemplo (9) que o termo ‘trem’ na língua inventada possui um número de grafemas (14 grafemas) muito superior ao PB (4 grafemas), mostrando que os estudantes não refletiram sobre a economia da língua, mas sim em torná-la indecifrável. Além disso, o termo possui duas sílabas na LInv (10), enquanto é monossílabo em PB.

(9) Trik rah ed makro

t-r-e-m

trem

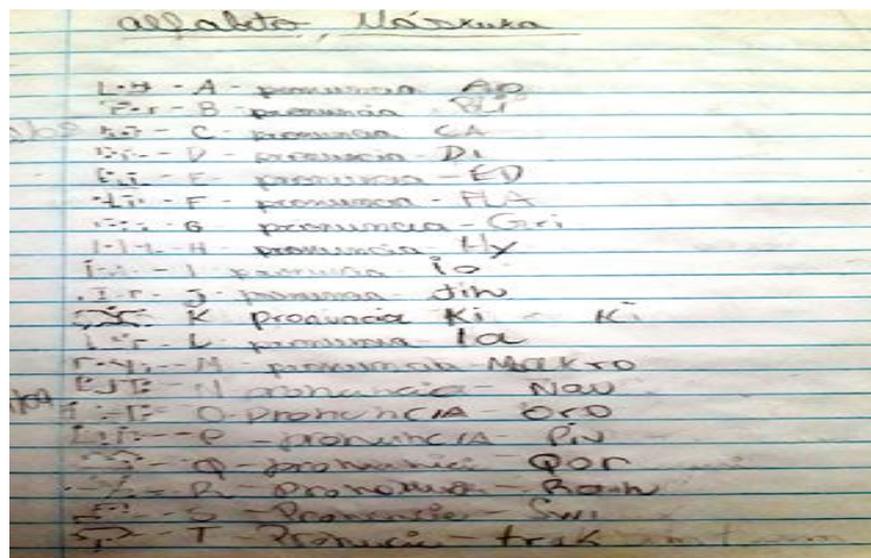
(10) trikrah-edmakro

trem

É possível observar com o exemplo acima o uso dos grafemas <k> e <h> no meio do termo, além do uso de sílabas travadas, mostrando-nos, mais uma vez, alguns traços da língua inglesa. Além desses grafemas, nota-se também o uso do grafema <d>, o qual não acompanha vogal. Na pronúncia, no entanto, acontece a epêntese, fenômeno ocorrido por meio da adição de um grafema ou sílaba ao termo, ou seja, usa-se uma vogal de apoio para pronunciá-lo. Vejamos abaixo exemplos dos sons criados pelo grupo para cada grafema.

Figura 8: Sons criados pelo grupo Náskuka

Fonte: Dados coletados do caderno da fase I.



Conforme análise da figura 8, averiguamos que os participantes não elaboraram a língua como forma de comunicação. No início da pesquisa, os participantes foram orientados a tentar se comunicar com a LInv, isso foi introduzido como forma de os estudantes verificarem o que poderia ou não funcionar na língua, fazendo modificações sempre que necessário. A comunicação, porém, não aconteceu, pois, os estudantes focaram apenas na escrita, além de partirem do pressuposto de que a língua inventada teria que ser complexa em relação à língua materna.

Como nessa fase, os grupos não foram orientados a respeito de estruturas, as línguas permaneceram como haviam elaborado, contudo, muitos participantes alegaram que se houvesse tempo hábil modificariam a língua para ser mais usável e econômica. Usável no sentido de a utilizarem entre os participantes do grupo e durante o desenvolvimento da pesquisa como meio de comunicação entre eles.

No decorrer desta seção analisaremos exemplos das línguas elaboradas pelos grupos da fase I. Esses exemplos são necessários, pois cada língua apresenta uma característica.

- Grupo Linguando Palavras

Contexto: A história é baseada em um grupo de astronautas que passou dois anos viajando até chegar em um planeta chamado Trilíngua. O planeta tinha forma triangular e, tanto os habitantes como a linguagem usada por eles tinham formas geométricas. Para a fala, no entanto, os alienígenas não apresentavam sons, apenas demonstravam os símbolos geométricos por meio de um pó mágico. Essa é uma alusão aos alienígenas ‘heptapodes’ do filme ‘A chegada’.

O grupo criou sons silábicos para representar cada grafema do PB. Vejamos alguns exemplos no quadro 4.

QUADRO 4 - Alfabeto fonético – Trilíngua

A	ATI
B	BIR
E	ETO
J	JALA
L	LI
M	MAY
R	RÁ
S	SIRI
T	TARA
V	VÁ
X	XACÁ

Observamos com o quadro 4 que alguns sons apresentam sílabas tônicas, como observado nos grafemas <t>, <v> e <x>, além disso os sons que representam cada grafema do alfabeto do PB iniciam-se pela sua semelhante, com exceção do grafema <c>, que se inicia pelo <s>. Isso ocorre devido ao grafema <c> possuir som de [s] e, por isso sua leitura é referente à /'siri/, como o som do grafema <c> na palavra 'cebola' e não de [s] da palavra 'casa'.

Por ser uma língua com a fonética dissilábica, a comunicação não foi executada, e isso se deve ao fato de as palavras nessa língua serem muito longas, dificultando a memorização, ou seja, mais um caso de sistema de escrita em que o suposto som é uma extensão dissílaba dos grafemas. Abaixo, demonstraremos os termos ‘trem’ e ‘gentil’ na língua inventada pelo grupo. Eles são, respectivamente, monossílabos e dissílabos em PB, no entanto, não permanecem com o mesmo número de sílabas na LInv, visto que os vocábulos são compostos por duas ou mais sílabas.

(11) a. Tararáe-tomay

SUBST-MASC

trem

b. girie –tonilo-tara-tuili

ADJ

gentil

Já na LInv as palavras se tornaram trissílaba e polissílaba, respectivamente, ou seja, como aludido, as palavras são mais longas em relação às da língua materna dos falantes.

O grupo ainda criou um glossário (12), em que criaram termos mais usuais, como advérbios de negação e afirmação e vocábulos que indicam rotina.

(12) a. ortui

ROTINA

Oi

b.niloatior

ADV-NEG

não

c.situimay

ADV-AFIRM

Sim

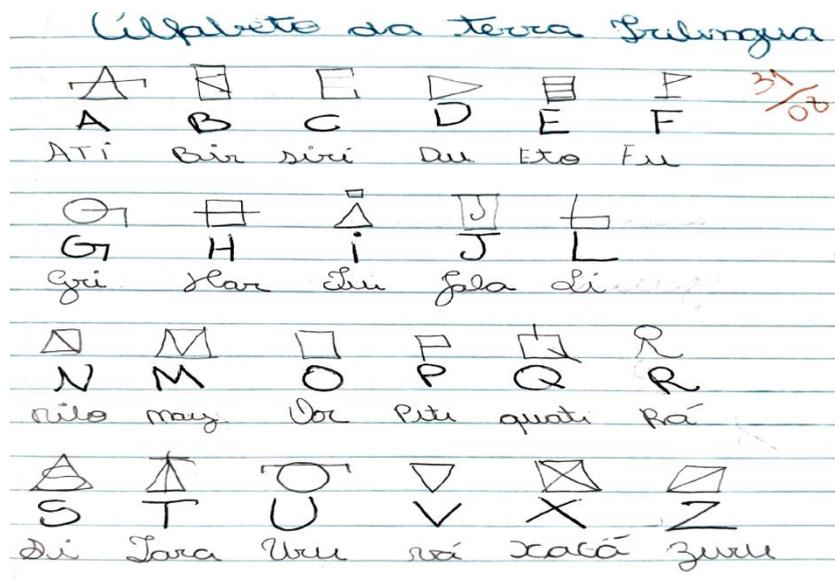
d.tarasiriharatiuru

ROTINA

tchau

A criação do glossário, apresentado no exemplo (12), teve o intuito de facilitar a conversação na língua, já que as palavras mais usuais estavam nele. Porém, o léxico não demonstrou grande êxito em relação a isso, visto que o grupo usou os grafemas do alfabeto inventado para formar as palavras, sendo assim, o glossário não teve o propósito para o qual foi designado. Vale ressaltar, contudo, que nesse ponto, a pesquisadora indagou os participantes sobre o motivo da criação dessas palavras, e o grupo afirmou que o objetivo era simplificar. O grupo, no entanto, mesmo depois de instigados, não percebeu que para isso poderia ter criado novas palavras, ao invés de utilizar o alfabeto criado. Destacamos, ainda, que de acordo com o contexto, apresentado anteriormente, a língua desse grupo possuía formas geométricas; os participantes criaram um alfabeto que seria usado na língua escrita, entretanto, alguns participantes utilizaram os sons (quadro 4) para a grafia, “abandonando” o sistema criptográfico (figura 9).

Figura 9: Alfabeto criptográfico – Língua Trilingua



Fonte: Dados coletados do caderno do grupo

A figura abaixo mostra o termo ‘bala’ no alfabeto criptográfico e no fonético.

Figura 10 – Termo ‘bala’: alfabeto criptográfico e fonético



bir – ati – li – ati

b – a – l – a

SUBST-FEM

bala

Fonte: Dados coletados no caderno do grupo

Percebe-se, de acordo com o conceito de língua estabelecido pelos alunos desse grupo, que há motivação dos signos. Por signos, entendemos as unidades linguísticas que significam alguma coisa. Por exemplo, o termo ‘mesa’ é um signo do PB, ou seja, quando algum falante usa esse signo os

falantes de PB sabem ao que se refere. Ao criar os signos a língua estabelece uma organização tanto no pensamento quanto no gestual/fônico, ou seja, os signos linguísticos representam as ideias e os sons, e, por isso, são formados por significado e significante. O significado representa o conceito, a apresentação mental de um objeto, enquanto o significante refere-se a imagem acústica, no sentido de uma tradução fônica de um conceito. Para Saussure (2012), os signos são arbitrários, ou seja, não há uma relação de semelhança entre a imagem acústica e seu conceito, apenas é estabelecida uma convenção que é reconhecida pelos falantes. No entanto, Jakobson (2010) defende que existe uma motivação de signos, que é estabelecida por natureza entre os gestos e o conceito. No caso da língua criada pelos alunos percebemos que ela é motivada, pois o conceito de língua baseada em formas geométricas é referente ao planeta, que apresenta formas geométricas.

Como destacado anteriormente, alguns grafemas dessa língua possuem acentuação.

(13) váorsieto

PRON-PES-2SG

você

O exemplo (13) demonstra a distinção do vocábulo ‘você’ na LInv em relação ao PB. Podemos observar que no PB esse vocábulo é acentuado, de forma que é determinado como oxítona. No entanto, na LInv, devido à acentuação de alguns grafemas, o mesmo vocábulo passou a ser denominado como paroxítona. Vejamos o quadro abaixo.

Quadro 5 – Diferença de acentuação gráfica da LP para a LInv

Idioma	Vocábulo	Acentuação
Língua portuguesa	Você	Oxítone
Língua inventada – Trilingua	Váorsieto	Paroxítone

Fonte: Elaboração própria

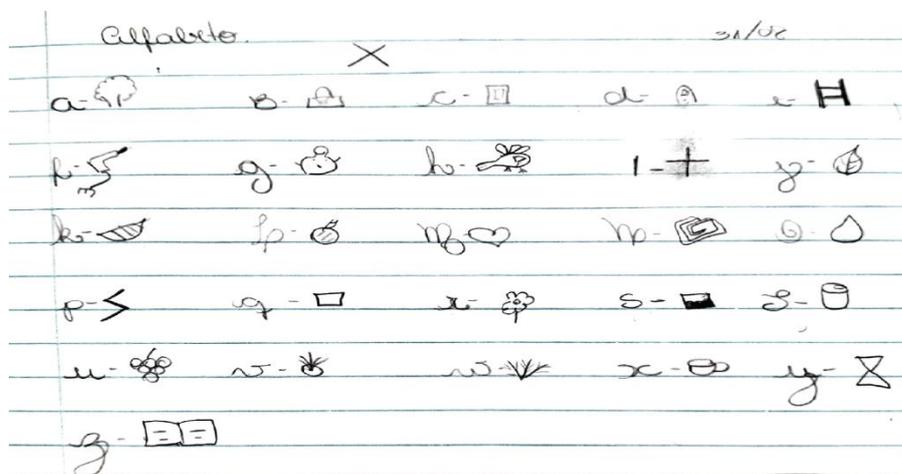
Embora a acentuação gráfica na LInv, em relação à fonética, tenha se diferenciado do PB, como demonstrado no quadro 5, o mesmo não se mantém quando utiliza-se o sistema criptográfico. Nesse caso, a acentuação permanece igual ao PB, pois o grupo adotou o mesmo sistema de acentuação e pontuação da língua materna.

- Equipe Estrela

Contexto: a história é baseada em uma invasão de unicórnios na Terra, para se comunicarem os terráqueos precisaram decifrar a língua dos invasores a fim de evitar uma guerra.

Esse grupo havia criado um sistema criptográfico – símbolos que representam cada grafema do alfabeto - que foi abandonado posteriormente sob a alegação de ser inviável utilizá-lo. A figura 11 mostra esse sistema.

Figura 11: Sistema criptográfico equipe estrela



Com a não utilização do sistema representado na figura 11, o grupo adotou um mesmo sistema que é usado tanto para a língua falada quanto para a escrita. Esse sistema é determinado por sílabas compostas por consoantes mudas, como mostra o quadro 6.

QUADRO 6 - Alfabeto utilizado para fala e escrita

A	BA
B	BEB
E	BE
L	LAF
M	MO
O	BO
R	RAB
T	TUT

Fonte: Dados coletados do caderno do grupo

Como mencionado, a maioria das letras do alfabeto terminam em consoantes mudas, o que não condiz com o PB, contudo, a língua apresenta uma regularidade, quase todas as construções silábicas iniciam pelo mesmo grafema do PB e muitas com sílaba travada, determinada pela influência do inglês. Outro detalhe é que em um primeiro momento a língua inventada

parece ser uma língua do B²³, mas esse padrão desaparece a partir e <g>, mesmo assim, alguns grafemas iniciam pelo seu semelhante.

Abaixo, o exemplo (14) traz os termos ‘bala’ e olá, respectivamente, nessa LInv. Vamos utilizar o mesmo exemplo que já foi citado como forma de compará-los entre si.

(14) a. bebbalafba.

SUBST-FEM

Bala

b.Bolafba

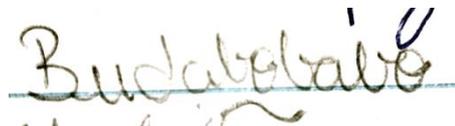
ROTINA

olá

No exemplo (14a) podemos observar que a palavra representada, dobrou de sílabas quando comparada a palavra da língua portuguesa. No exemplo (14b) a palavra também dobrou de tamanho, além de possuir, assim como a anterior, consoantes mudas. Todos esses fatores contribuíram para tornar a língua não utilizável entre seus participantes.

Outra questão acerca dessa língua que merece destaque é em relação a acentuação. Investigando a língua, notamos que os acentos gráficos foram invertidos, como podemos ver na figura 12.

Figura 12: exemplo de acentuação gráfica



João

23 Todos os grafemas iniciam-se pelo .

Fonte: Dados coletados do caderno do grupo

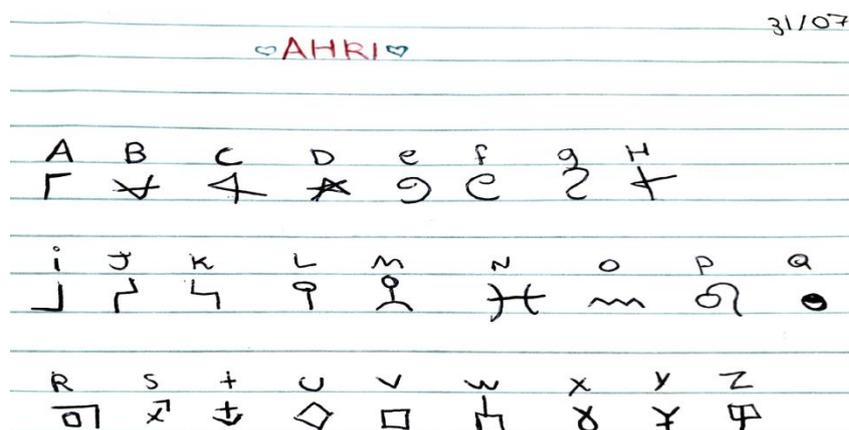
O exemplo acima demonstra o nome próprio 'João', que foi modificado para o alfabeto da língua inventada, e que traz o mesmo tipo de acentuação da LP, porém, como aludido, o grafema aparece invertido.

- Grupo Clube das Winx

Contexto: Conta a história de uma antiga pedra repleta de símbolos, a qual foi encontrada em uma antiga pirâmide. Nesse local também tinham algumas pinturas desenhadas na parede com a mesma língua grafada a pedra.

A língua desse grupo se chama Ahri. O grupo criou símbolos que representam cada grafema do alfabeto, como exhibe a figura 13. Cada grafema tem seu respectivo som, representado no quadro 7.

Figura 13: Criptografia língua Ahri



Fonte: Dados coletados do caderno do grupo

Convém ressaltar que um integrante do grupo já tinha inventado esse sistema criptográfico (figura 13), sendo assim criou durante a pesquisa somente os sons para representá-lo²⁴. Outra questão a ser apontada é o fato de que os demais participantes desse grupo não tinham conhecimento sobre a língua que foi inventada pelo único integrante, e isso gerou a não utilização da língua falada entre o grupo. O sistema criptográfico também foi muito mais utilizado pelo participante que já o havia criado, assim sendo, os demais integrantes também não o utilizavam com frequência, pois não fizeram parte da criação. Vejamos o quadro abaixo que nos mostra os sons criados para cada grafema do alfabeto da LP.

QUADRO 7- Alfabeto Língua Ahri

A	UN
C	CA
E	LE
F	EF
R	RE
T	TU
Ç	CE

B	BI
D	EI
G	GI
I	IXI
K	QUI
L	MI
U	UVI
V	VEI
Z	ZI

24 É importante ressaltar que o integrante do grupo já havia elaborado a grafia dessa língua, independente do projeto. Segundo o autor da LInv, foi criado esse sistema para conversarem entre amigos sem que terceiros soubessem o assunto.

Como podemos ver na segunda lista de grafemas que compõem o quadro 7, há uma incidência de sons que terminam com o grafema I. Essa ocorrência tornou a língua composta de palavras com grande número de vogais, como apresenta o exemplo abaixo.

(15) biunmiun

SUBST-FEM

bala

A palavra possui duas sílabas como na língua portuguesa, no entanto, sua pronúncia ficou questionável devido ao excesso de vogais. Vejamos outra palavra no exemplo (16) para compará-la com a da língua portuguesa e até mesmo com outras línguas inventadas.

(16) turelemai

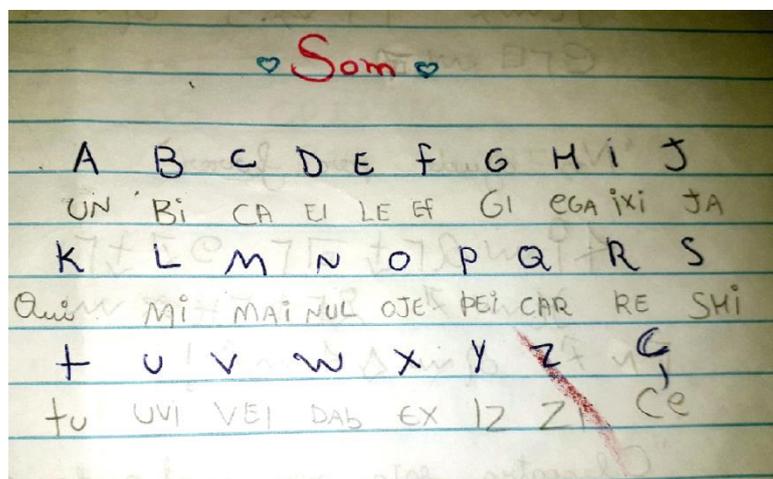
SUBST-MASC

trem

Assim como as outras línguas que já analisamos, a palavra ‘trem’ multiplica de sílabas em comparação com a LP. Isso atribui-se ao fato dos sons serem silábicos.

A figura abaixo apresenta os sons inventados para cada grafema.

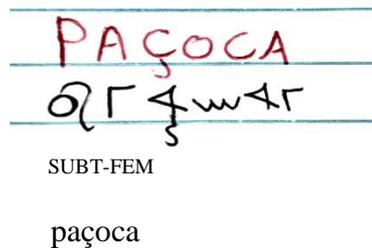
Figura 14: Sons língua Ahri



Fonte: Dados coletados do caderno do grupo

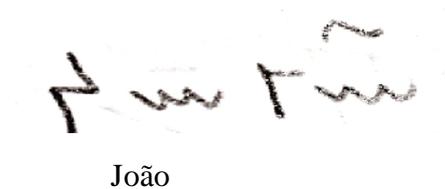
A figura 14 nos mostra o que se discutiu anteriormente: a criação de sons silábicos e a ocorrência da sonoridade terminada em /i/. Outro fator que se destacar é a criação de um som para o ç (cê-cedilha), porém o grupo não inventou um símbolo específico para ele, portanto, ao utilizá-lo na criptografia, apenas acrescenta-se a cedilha no símbolo, como mostra a figura 15.

Figura 15: exemplo do uso da cedilha na criptografia



Assim como o uso da cedilha, a acentuação gráfica se manteve como em PB, como demonstra a figura 16, que traz o termo 'João'.

Figura 16: acentuação gráfica língua Ahri

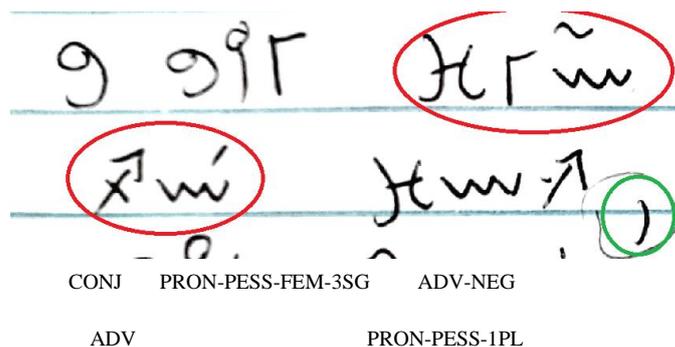


Fonte: Dados coletados do caderno do grupo

Conforme a figura acima é possível verificarmos que o grupo utilizou o mesmo tipo de acentuação gráfica da LP. Contudo, ao analisarmos a palavra, o diacrítico til parece estar disposto acima do grafema O e não do A como ocorre na LP. Mesmo o grupo afirmando que a acentuação ocorre

idêntica a LP, esse padrão repetiu-se com outra palavra, no entanto, durante a investigação da língua notamos essa discrepância apenas com o til. Vejamos a figura abaixo que traz algumas palavras acentuadas.

Figura 17: palavras acentuadas língua Ahri



E ela não (...) só nós, (...)

Fonte: Dados coletados do caderno do grupo

As palavras destacadas são, respectivamente, advérbio de negação (não) e advérbio (só).

De acordo com a figura, os vocábulos ‘não’ e ‘só’ apresentam o mesmo tipo de acentos gráficos do PB, entretanto, o til mais uma vez aparece disposto no grafema correspondente ao grafema <o> e não no correspondente a A, o que parece ser um padrão adquirido pelo grupo. O mesmo não acontece com o acento agudo disposto na palavra ‘só’, o qual é estruturado como no PB. A figura traz ainda, um exemplo de pontuação usada pelo grupo, no caso a vírgula, que também é usada como na língua portuguesa.

▪ Grupo Linguagens do SOR²⁵

Contexto: cientistas descobriram uma nova espécie de alienígenas vindos de Platão (planeta imaginário da história dos participantes). Para se comunicarem com esses alienígenas precisaram criar uma nova língua.

Esse grupo²⁶, assim como os anteriores, criou sons silábicos que representam cada grafema do alfabeto. Vejamos o quadro 8 que mostra exemplos da sonoridade da língua.

QUADRO 8 - Sons Linguagens do SOR

A	NHO
B	IU
E	BI
L	NO
R	VO
T	KA

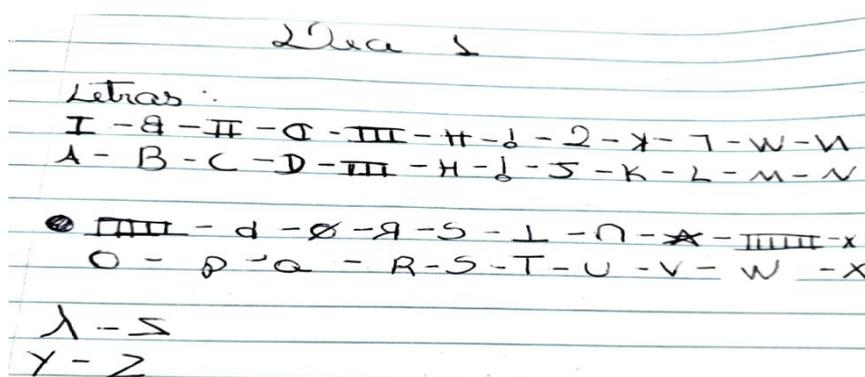
O quadro 6 mostra os primeiros sons criados pelo grupo, pois os participantes resolveram criar outro alfabeto baseado nas sílabas da LP. No

25 SOR - Sebastião de Oliveira Rocha

26 Ressaltamos que nesse grupo havia um estudante com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), que participou das atividades, além de contribuir na construção de alguns sons para a língua, como por exemplo, o som dos grafemas A e B. Ademais, participou na criação dos números, os quais estão demonstrados na figura 19. Normalmente, alunos com TEA não conseguem interagir com outras pessoas; no entanto, a atividade contribuiu para a interação do aluno com os demais participantes do grupo.

entanto, o grupo elaborou um grande acervo de sons, dificultando a sua memorização. A criptografia, criada no primeiro dia, foi outro sistema que foi abandonado (figura 18). Assim sendo, a língua não ficou usual por conter diversas variações dos sistemas escrito e fonético.

Figura 18: Criptografia da língua



Fonte: Dados coletados do caderno do grupo

Analisando a figura 18 podemos notar que o grupo criou uma espécie de criptografia espelhada, que muitas crianças executam durante o processo de aprendizagem. No caso do grupo em questão, provavelmente elaboraram esse tipo de escrita para facilitar a memorização dos caracteres, contudo, devido à criação de outros tipos de escrita e fonética, como veremos nos quadros abaixo, ficou inviável utilizar todos eles.

Os quadros 9, 10 e 11 trazem exemplos do sistema silábico criado pelos participantes. Cabe ressaltar que, embora todos os outros grupos analisados também tenham criado sílabas que representam os grafemas do alfabeto da LP, esse grupo criou a junção dos grafemas, mostrando como cada sílaba criada representa as sílabas da língua portuguesa. Além disso, começaram a utilizar esse sistema ora na língua falada ora na língua escrita, não diferenciando uma da outra.

QUADRO 9 - Alfabeto silábico

D + A	TON
D + E	BIT
D + I	TAI
D + O	TIÁ
D + U	TED

QUADRO 10 - Alfabeto silábico

F + A	RON
F + E	RIB
F + I	RAL
F + O	RÃO
F + U	RED

QUADRO 11 - Alfabeto silábico

L + A	NON
L + E	NIO
L + I	NAL
L + O	NÁO
L + U	NED

Fonte: Dados coletados do caderno do grupo

Após análise dos quadros, constatamos um padrão no alfabeto, onde temos:

I. Algumas sílabas formadas por consoante + <a> terminam em ‘on, por exemplo, a) D+A= ton; b) F+A= ron; c) L+A= non; d) MP+A= pon; e) S+A= jon; entre outras;

II. Algumas sílabas formadas por consoante + <u> terminam em ‘ed’ → D+U= TED; F+U= RED; P+U= PED; U+U= DED; entre outras.

Mesmo que as combinações apresentem um padrão, a língua possui muitas informações para que os participantes possam assimilar e associar com a LP. Além disso, o sistema das sílabas ficou incompleto, visto que há inúmeras probabilidades de combinações, que os alunos não conseguiram elaborar devido à ausência de tempo hábil.

Embora a língua possua muitos elementos, o grupo percebeu que a criação das sílabas poderia “facilitar” a pronúncia, pois como podemos observar no exemplo (11) o termo ‘bala’ teve uma redução considerável e, ainda restringiu o número de conjuntos de grafemas como <nh>, no entanto, essa reestruturação do sistema de escrita não contribuiu para a comunicação.

(17) a. iunhononho → primeiro sistema de escrita inventado pelo grupo

SUBST-FEM

bala

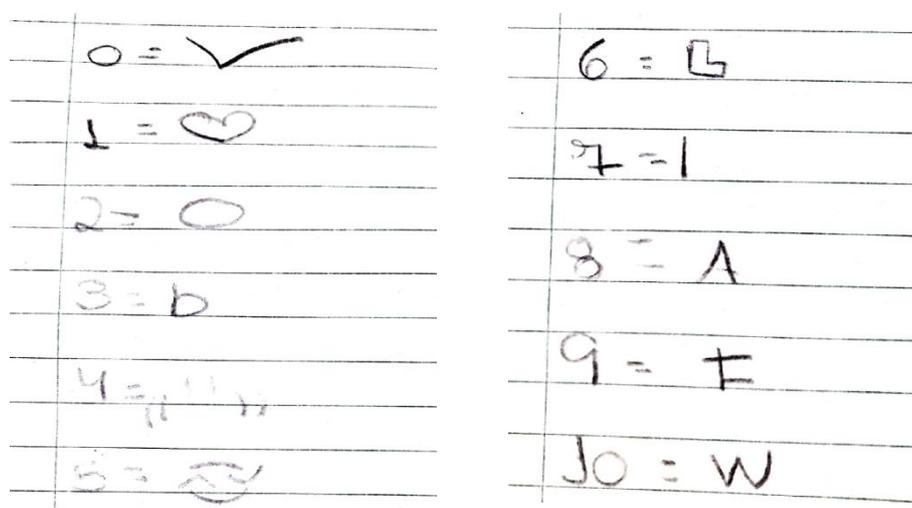
b. inunon → segundo sistema de escrita inventado pelo grupo

SUBST-FEM

bala

Esse grupo também criou uma linguagem de sinais, para indicar os números. Como os gestos não foram gravados, mostraremos a imagem de alguns deles nas figuras de 20 a 23. A figura abaixo demonstra os símbolos referentes a cada número e que representam um sinal gestual.

Figura 19: Símbolos – numerais



As figuras 20, 21, 22 e 23 apresentam os exemplos dos números 0 (zero), 1 (um), 5 (cinco) e 10 (dez), respectivamente. O grupo criou uma espécie de ‘línguas de sinais’, para representar os numerais. Cada gesto simboliza um número. Um fator interessante desse sistema e que comprova uma regularidade, são os alunos fazerem a junção dos símbolos um e zero para indicar o numeral dez (demonstrado na figura 23).

Figura 20: sinal representando o n.0



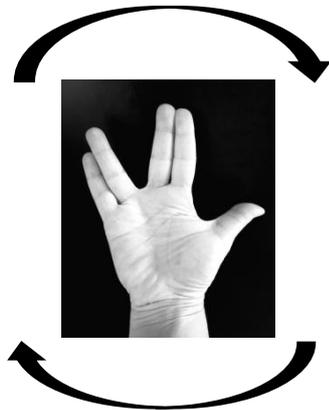
Fonte: Foto elaborada pela autora

Figura 21: Sinal representando o n. 1



Fonte: Foto elaborada pela autora

Figura 22: sinal representando o n.5



Fonte: Foto elaborada pela autora

Figura 23: sinal representando o n. 10



Fonte: Foto elaborada pela autora

Ao analisarmos todas as línguas inventadas, tanto na primeira quanto na segunda, constatou-se que esse foi o único grupo que criou sílabas e uma linguagem de sinais. Logo, é possível notar que mesmo não sendo direcionados, eles têm certa percepção da língua e compreendem o que pode ou não ser usual. Conclui-se, então, que se tivessem tempo hábil poderiam tornar a língua praticável e, possivelmente, inventar uma linguagem de sinais.

- Grupo Estrangeironário

Contexto: A história é baseada em uma legião de vampiros que pretendem invadir a Terra. Esses invasores criaram uma nova língua para se comunicarem sem que os humanos compreendam.

O grupo criou os sons da língua baseados na criptografia por substituição, já elucidada na metodologia. Inclusive os participantes empregaram os sons do alfabeto da língua portuguesa para “criar” os sons na língua inventada.

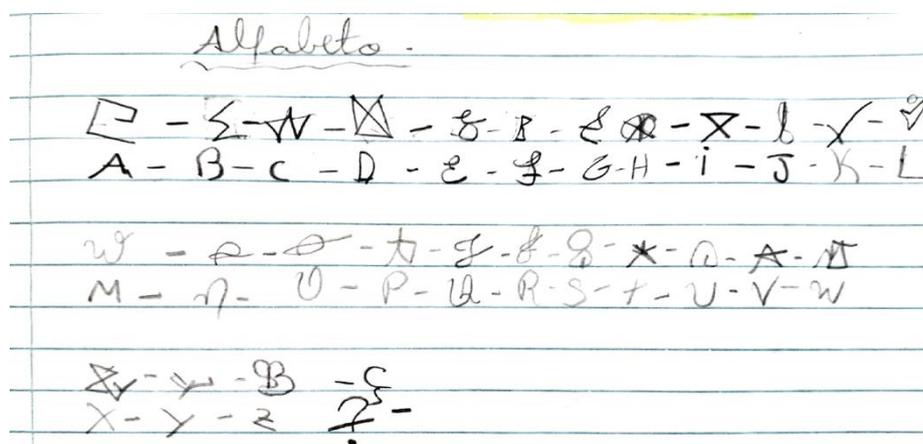
QUADRO 12 – Sons - grupo Estrangeironário

A	ZE
B	A
C	BE
I	AGA
S	ERRI
Z	IPICILON

Analisando o quadro é possível notarmos a cifra por substituição, nesse caso é sempre o grafema que vem em seguida. Mesmo se apropriando da fonética da língua portuguesa o grupo não conseguiu se comunicar na língua inventada, possivelmente por não assimilarem e associarem os respectivos sons.

A figura abaixo nos mostra o sistema criptográfico criado pelo grupo, o qual foi utilizado para a escrita.

Figura 24: Sistema criptográfico – grupo Estrangeironário

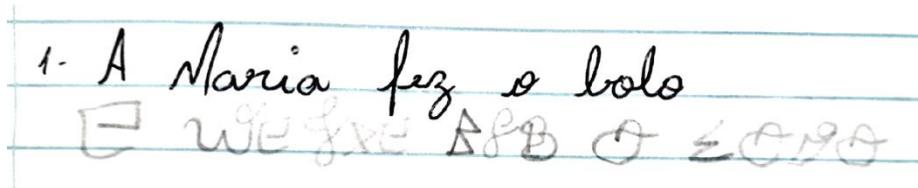


Fonte: dados coletados do caderno do grupo

De acordo com a figura, os participantes elaboraram símbolos que representam cada grafema do alfabeto da LP. Como podemos observar os participantes criaram um símbolo para representar o <ç> (cê – cedilha) e isso é um reflexo da ideia que os estudantes têm acerca da língua, ou seja, para eles, criar uma língua é codificar o alfabeto e a escrita da LP, no entanto, a criação engloba perceber os fenômenos e aspectos linguísticos, algo para o qual eles não estavam preparados.

Como aludido anteriormente, esse sistema foi utilizado na escrita, como apresenta a figura 25.

Figura 25: Frase no sistema criptográfico



ART-FEM MARIA FAZER- PRET-PERF-3SG ART-MASC SUBST-MASC

A Maria fez o bolo.

▪ Exploradores do espaço

Contexto: A história é sobre um grupo de explorados que vive em um mundo que funciona com o Sol. De acordo com o contexto, esse Sol reflete em um prisma situado no centro da cidade. Alienígenas invasores roubaram esse prisma e, para recuperá-lo foi necessária a criação de uma língua para que os alienígenas não a compreendam.

Com base no contexto, o grupo, a princípio, elaborou dois alfabetos: um que seria dos exploradores e outro que seria dos aliens. Isso de acordo com o contexto que criaram. Contudo, essa ideia foi descartada quando os participantes perceberam que precisavam tornar a língua usual durante a pesquisa, o que cabe destacar, não aconteceu. Os sons desse grupo são formados por CCCV, VCC, CVVC, CCV, ou seja, a construção das sílabas não é frequente em LP, e isso dificultou a comunicação na língua. Essa ocorrência se dá em ambas as línguas criadas pelo grupo. Vejamos os exemplos nos quadros abaixo.

QUADRO 13 – Sons – língua exploradores

C	XI
D	DHCU
E	EPK
I	GUAY
S	ARUR
Z	UZY

QUADRO 14 – Sons – língua alienígenas

A	BLU
D	EI
E	FUB
I	JHE
S	THU
Z	AU

Segundo análise do quadro 11, alguns sons são quase impraticáveis, pois têm a junção de três consoantes, como podemos notar no grafema <d>. Comparando ambos os quadros (13) e (14), é possível notar que mesmo contendo sons mais intrincados que outros, a língua apresentada no quadro (14) é mais praticável que a anterior (quadro 13).

Abaixo, apresentamos os sons dos grafemas <a> e , para demonstrar que muitas vezes alguns sons remetem à LI, por exemplo, a pronúncia do grafema <h>, nas sílabas ‘há’ e ‘hur’, são iguais a ‘hospital’ na LI, que tem o som de [h].

(18) a. há [ha]²⁷

b. hur [hur]

<a>

Além disso, diversos grafemas terminam em sílabas travadas. Porém, na pronúncia ocorre a epêntese, ou seja, adiciona-se uma vogal de apoio, como [‘piki] em (19a) e [‘muki] em (19c). Esse fenômeno é recorrente em falantes de PB.

(19) a. pik [piki]

<p>

b. flyrr [flir]

<h>

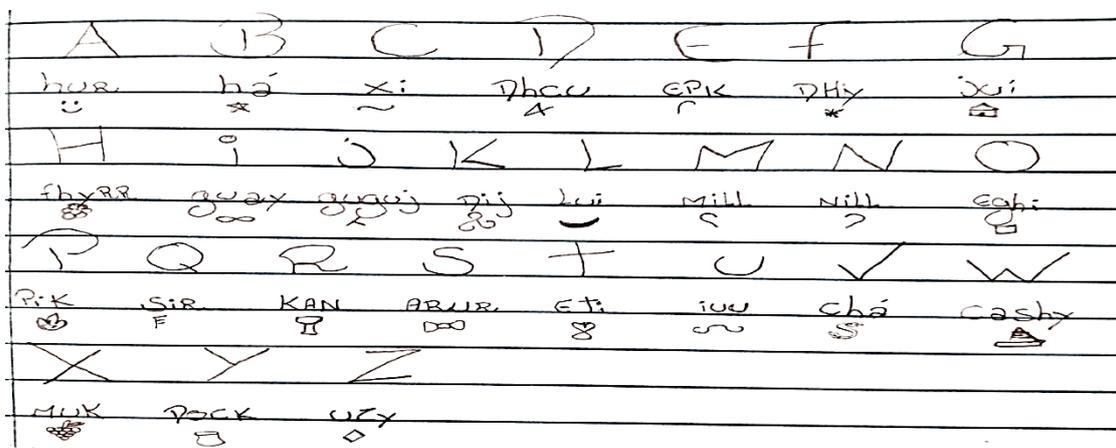
c. muk [muki]

<x>

Diante das análises acerca dessa língua, percebemos que os participantes criaram muitos elementos, o que contribuiu para a língua não ser usual e praticável.

²⁷ Por se tratar de uma língua inventada, que não possui registro, representamos a fonética das línguas com o uso dos colchetes [] e não barras //.

O grupo também criou um sistema criptográfico para a primeira língua, o qual foi utilizado para a escrita.



Fonte: Dados coletados do caderno do grupo

A figura apresenta tanto o sistema criptográfico como os sons que o grupo elaborou. O grupo desenvolveu os símbolos criptográficos que representam cada grafema da LP e que como aludido foram usados para a escrita.

- Grupo Maap

Contexto: A cidade de Maap (cidade imaginária criada pelo grupo) foi invadida por zumbis. Para salvar a cidade os habitantes precisam encontrar um frasco com um líquido denominado maaps. Todas as instruções a serem seguidas estão no diário de um pesquisador. Os habitantes precisam decifrar o código escrito no diário para conseguir encontrar o frasco.

O grupo criou um alfabeto silábico, porém esse alfabeto ficou incompleto a partir do grafema <q>. Possivelmente, essa ocorrência se deva ao fato do grupo ter iniciado uma lista com algumas palavras, o que mudou o foco do alfabeto para talvez uma visão mais comunicacional. Além disso, os

participantes focalizaram no contexto o que afetou o andamento da língua, pois os participantes ressaltaram a parte criativa, como por exemplo, elaborando desenhos sobre os tipos de zumbis (anexo I). Como mencionado na metodologia, nessa fase os grupos ficaram demasiadamente volumosos, acarretando nesse tipo de dispersão.

QUADRO 15 – Sons - língua zumbiland

A	HÁ
D	DAN
F	FIFON
H	MALHAMA
M	VIN
O	NON

Com base na análise do quadro 13, podemos notar que alguns sons são trissílabos, como é o caso do exemplo do grafema <h>. Com isso, alguns termos são fonotaticamente carregados de vogais e sílabas complexas. Vejamos o exemplo (20), o qual demonstra o vocábulo ‘hoje’.

(20) malhama-non-loon-eeiy

h - o - j - e

Para compararmos, o exemplo (21) traz o termo ‘bala’.

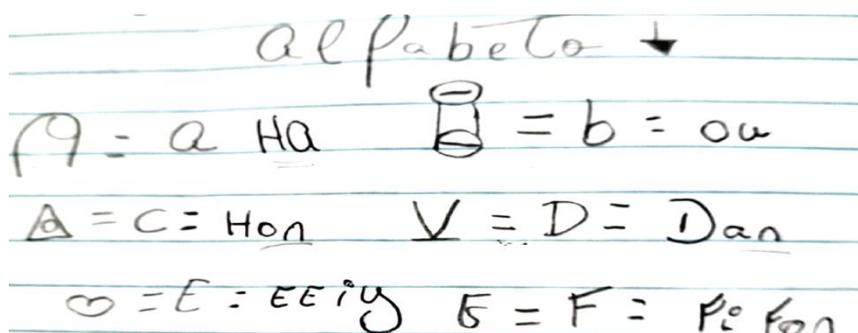
(21) ou-ha-xin-ha

b - a - l - a

Comparando os exemplos, percebe-se que ambos os termos apresentam similaridades, como sílabas complexas e excessivo número de vogais. Entretanto, o termo 'bala' ainda possui menor número de sílabas em relação a 'hoje' na língua inventada.

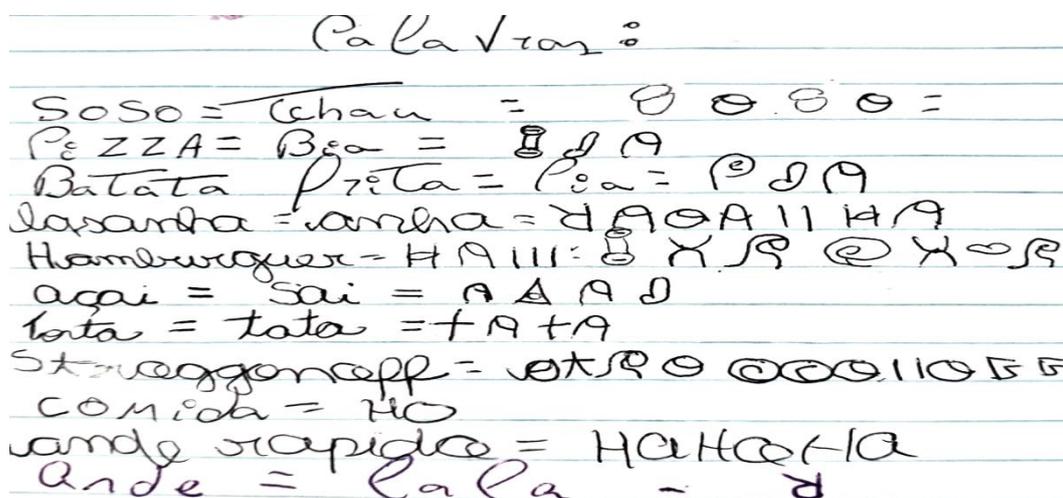
O grupo, ainda criou um sistema de símbolos, que foi preenchido de A - Z, diferentemente dos sons. As figuras 27 e 28 mostram, respectivamente, alguns exemplos do sistema de símbolos e a lista de vocábulos.

Figura 27: sistema de Símbolos



Fonte: Dados coletados do caderno do grupo

Figura 28: Lista de vocábulos



Fonte: Dados coletados do caderno do grupo

A lista demonstra que as palavras têm os sons baseados na língua portuguesa, e a simbologia foi representada de acordo com o som de cada palavra.

Contudo, devido ao excessivo número de sílabas contidas nas palavras, e o inconcluso alfabeto, a língua ficou inviável, não sendo usada pelos participantes do grupo. Propusemos comunicação como forma dos estudantes perceberem o que poderia ou não funcionar na língua inventada, e com isso a modificarem se fosse necessário, além de notarem os fenômenos linguísticos. No entanto, devido à escassez de tempo, não ocorreu.

▪ Grupo Criadores de línguas do SOR²⁸

Contexto: A história criada pelo grupo retrata a existência de uma caverna situada na África. Nessa caverna habitava um povo que falava uma língua muito estranha e diferente. Por curiosidade, os visitantes resolveram inventar uma língua semelhante à desse povo.

Esse grupo foi o único que iniciou a língua por meio de um glossário, um fato interessante, já que todos os outros grupos partiram da criação de um sistema alfabético. Os sons das palavras remetem à língua inglesa e, por isso, apresentam algumas sílabas travadas, mas que ao serem pronunciadas faz-se uso da vogal de apoio, pois como aludido antes, isso é frequente em falantes de PB, visto que não temos determinados fonemas que são frequentes em LI, como a pronúncia de /k/ no final dos termos, *work* e *milk*, por exemplo.

28 SOR - Sebastião de Oliveira Rocha

(22) a. hulk [hulkɪ]

SUBST-NEUTRO

peessoa

b. puc [pukɪ]

ADV-NEG

nãoo

c. kill [kiʊ]

PRON-DEMONST-FEM-3SG

aqueela

d. piter [piteɪ]

PRON-PESS-2SG

você

e. sy [saɪ]

ROTINA

obrigado

f. hul [hʊ]

PRON-PESS-1SG

eu

De acordo com os exemplos (22f) tem a pronúncia [hʊ], sendo o grafema <h> produzido da mesma forma que no vocábulo ‘hospital’ da língua inglesa. No exemplo (22e), o grafema <y> tem som de /ai/, sendo a pronúncia

do vocábulo sy [sai]. Da mesma forma, percebemos a influência do idioma inglês nos demais exemplos.

Dentre todos os grupos esse foi o que tornou a língua mais econômica. Provavelmente, isso é um reflexo da criação de um glossário ao invés de um alfabeto. Com base nos dados analisados, todas as outras línguas, embora sejam compostas por algumas regularidades, apresentam também, de certa forma, uma complexidade, no sentido dos participantes adotarem um sistema de escrita por códigos, o qual teve o intuito de ser indecifrável.

3.4. Conclusão das análises dos dados: Fase I

Concluimos com base nas análises dos dados dessa fase:

a) Os grupos não tornaram a língua praticável – esse resultado pode ser atribuído ao fato de ter havido a criação de um sistema de escrita por códigos, o que dificultou a interação dos grupos na grafia e língua falada. Isso é devido aos estudantes partirem da ideia de que a grafia de uma língua deve ser complexa. Possivelmente, isso é reflexo do ensino utilitarista que recebem ao ingressarem na escola, como aludimos no decorrer do trabalho. Percebe-se, com isso, que os estudantes não distinguem a língua falada de língua escrita, ou seja, para eles ambas apresentam o mesmo sistema de linguagem, um sistema grafocêntrico, baseado na cultura do letramento;

b) Não houve tempo hábil – alguns grupos perceberam que as línguas não eram usáveis e que poderiam ser modificadas. No entanto, notaram essa característica quase ao final da pesquisa e, portanto, não houve tempo suficiente para essas modificações;

c) Não houve direcionamento – os grupos tiveram liberdade para criarem as línguas de acordo com suas intuições. Em nenhum momento

receberam orientações da pesquisadora e, por isso, a maioria criou um sistema de escrita.

d) Grupos grandes – como mencionado na metodologia, a oficina foi aplicada no formato de uma disciplina eletiva e isso resultou na participação de muitos estudantes. Ao dividirmos os grupos, eles ficaram muito grandes o que pode ter dificultado a criação da língua e também em torná-la praticável.

Diante dos fatores acima, verificamos que os estudantes poderiam ser direcionados na elaboração das línguas. Nossa hipótese é de que por meio de um direcionamento os estudantes são capazes de perceber os fenômenos existentes nas línguas. Sendo assim, na seção seguinte, apresentaremos os dados coletados durante a segunda fase da pesquisa, que foi aplicada por meio de atividades direcionadas e, que tiveram o intuito de induzir os participantes a perceberem as línguas como objeto científico.

3.5. Fonética das línguas inventadas – Segunda Fase

Com base nos dados coletados na primeira fase, concluímos que seria necessário adotar novos procedimentos para a coleta de dados da fase II. Sendo assim, a criação das línguas ocorreu com orientações da pesquisadora sobre os aspectos morfossintáticos e fonéticos. Além disso, as atividades foram direcionadas para captar intuições acerca desses aspectos.

3.5.1. Análise dos dados

Nesta seção, veremos a fonética das línguas na segunda fase da pesquisa. Vale lembrar, embora já explicado no capítulo Metodologia, que os

grupos que participaram da segunda fase foram direcionados. Sendo assim, a criação das línguas se iniciou a partir de um glossário, diferentemente das línguas da primeira fase. Esses grupos só criaram um alfabeto ao final da pesquisa. Abaixo veremos alguns exemplos acerca das línguas. Discorreremos sobre alguns termos do glossário e também apresentaremos o alfabeto de cada língua.

Assim como na primeira fase, para melhor compreensão das línguas inventadas, apresentaremos um resumo do contexto escolhido pelos grupos.

- Grupo A

Contexto²⁹: A história é baseada em quatro exploradores que foram enviados a uma missão para explorar um planeta chamado Zoobalândia. Para conseguirem decifrar a língua desses habitantes – conhecida como “língua do K” - os exploradores estudaram um livro que continha explicações sobre essa língua.

Esse grupo criou uma língua, que segundo os integrantes do grupo, foi “baseada na língua coreana”. Todas as palavras da língua inventada começam com o grafema <k>, além disso, os termos dessa língua são compostos pelos grafemas <y>, <th>, <tch>, <kn>; os quais são comuns na grafia da língua inglesa e coreana. Porém, a pronúncia difere da LI, por exemplo, na palavra *know* da LI, o grafema <K> não é pronunciado, já na LInv o termo “kno’t é pronunciado com o grafema <k>, além da vogal de apoio [qui’noʈfi]. Dessa forma, embora a escrita se compare com a LI e coreana, a pronúncia se iguala ao PB.

29 Os contextos completos da fase II estão dispostos no anexo II.

O exemplo (23) apresenta a grafia dessa LInv.

(23) kathuska [katuska]

PRON-PESS-2SG

você

Podemos observar com o exemplo acima que a grafia da língua inventada é parecida com a língua inglesa, principalmente pelo uso dos grafemas <t> e <h>, porém como aludido anteriormente, a pronúncia não se assemelha à língua inglesa, mas sim à língua portuguesa.

A figura abaixo apresenta alguns dos termos criados pelo grupo.

Figura 29: lista de vocábulos -grupo A

Português	Língua Inventada
Eu	KYUICHOAR
Você	KATHUSKA
Aqui	KAY
Ele	KAUANONA
Ali	KELLY
Não	KITIMATU KNOIT
Menina	KARATEK

Fonte: Dados coletados das fichas do grupo

Como a figura acima apresenta apenas a grafia dos termos criados pelo grupo, faz-se necessário a apresentação da próxima figura (30), a qual demonstra os sons criados pelos participantes.

Figura 30: Representação dos sons

Som "A" = KAK	VIDRO QUE BRANDO
Som "B" = Kiglaw	Som da letra
Som "C" = Kisece	Som da letra
Som "D" = Kcade	Som da letra
Som "E" = Kesbca	Som de Pedra
Som "F" = Kape	Som da letra
Som "G" = Kiqeg	Som da letra
Som "H" = Kaga	Som da letra
Som "I" = Kips	Som de chips
Som "J" = Kola	Som da letra

Fonte: Dados coletados das fichas do grupo

Embora, tenha sido discutida com os participantes a diferença entre língua escrita e falada, ao analisarmos a figura acima, é possível notar que os estudantes encontraram um grande desafio, pois não conseguiram associar os sons com a grafia da língua. Novamente, deparamo-nos com o fato da cultura do letramento, com foco na escrita correta, sem abordar os diferentes sons existentes nas línguas. Por isso, é importante ressaltar que a criação dos sons foi um grande desafio para todos os participantes, pois não conseguiram distinguir a língua falada da língua escrita.

● Grupo B

Contexto: Na história criada pelo grupo, todos eles são astronautas designados a fazer uma pesquisa sobre a Lua. No entanto, durante a viagem ocorreu um erro que acarretou na chegada deles a um planeta chamado Bumps. Os habitantes desse planeta falavam a língua Byps, que é uma língua em que todas as palavras começavam com o grafema . Para conseguirem se comunicar os astronautas precisaram aprender essa língua.

Assim como o grupo mencionado anteriormente, em que todos os termos começam pelo grafema <k>; esse grupo tem apresenta todos eles

iniciados pelo grafema . Da mesma forma, alguns sons do grupo são influenciados pela língua inglesa.

(24) Bafnu [ˈbæfnu]

ART-IND-MASC-SG

um

No exemplo (24) o grafema <a> tem som de /æ/ como na palavra *bad* /bæd/ em inglês. Veremos a figura 31 com mais exemplo dessa língua.

Figura 31: lista de vocábulos do grupo B

Homem	Bolly
Pássaro	Biu Biu
Um	Bafnu
Agora	Bilni
Gato	Blink
Cachorro	Boog
Árvore	Brash
Flor	Blary

Fonte: Dados coletados das fichas do grupo

Podemos observar na figura 31 que vários termos se assemelham a grafia da LI, bem como a pronúncia, como por exemplo, os termos ‘blink’ e ‘brash’ que terminam em sílaba travada, assim como vários termos da LI - *work, shark, risk*.

(25) blink [ˈblinkɪ]

SUBST-MASC

gato

As figuras seguintes trazem exemplos de alguns sons criados pelo grupo.

Figura 32: Sons de A - C

VJ - A	A É Ê
My - B	Bê Bi
RCL - C	Cê Si Xô
ZUS - D	

Figura 33: Sons de F - H

VX - F	E
LGN - G	Efe fff
LRW - H	Gê Gui
... - I	Mudo Errc

Nota-se que os sons ora se assemelham com o PB, ora com a LI, como por exemplo, o grafema <h> (fig. 33), o qual, segundo o grupo tem a pronúncia de [h] como em ‘hospital’ na LI ou ‘carro’ em PB, e, às vezes, o grafema também pode ser mudo, como na palavra ‘hoje’ do PB. O grupo associou o alfabeto com as palavras inventadas.

• Grupo C

Contexto: A história é sobre uma equipe que estava em expedição a bordo de um submarino e que ao ocorrer um problema pararam na cidade de Atlântica onde conheceram os habitantes, os quais eram metade polvo e metade humano.

Os sons da língua inventada por esse grupo são parecidos com os do PB, porém a grafia difere um pouco, assemelhando-se mais com termos da LI, já que muitos deles contêm os grafemas <y> e <k>. O alfabeto fonético, ou os sons criados pelo grupo, e que correspondem a cada grafema do alfabeto do PB são extensos e não têm associação com a grafia da língua inventada. As figuras 34 (a) e (b) apresentam alguns exemplos desses sons.

Figura 34 (a): Sons dos grafemas – Grupo C

F	fquini
G	ku
H	inzuika
i	noduka
J	tratchita
K	nutgawot
l	mak

Fonte: Dados coletados das fichas do grupo.

Figura 34 (b): Sons dos grafemas – Grupo C

Y	...dowu
Z	...fhuca
C	...olowu
Á	...í
Â	...ĩ
É	...íu
Í	...salukoná
CH	...noruka
Ô	...olós
Ó	...suduoruka

Fonte: Dados coletados das fichas do grupo C

Nas figuras acima, assim como outros dados do grupo³⁰ é possível verificarmos alguns sons de determinados grafemas, como demonstrados no exemplo 26:

- (26) a. <f> [fikiu]/
- b. <g> [sika]
- c. <h> [noruka]
- d. <j> [natchita]
- e. <i> [saduka]
- f. <a> [i]
- g. <á> [ɪ]

30 Os demais dados encontram-se no anexo I.

h. <ã>[im]

i. <e> [iú]

No entanto, os sons dos grafemas, expostos acima, não dizem respeito à grafia dos termos criados na LInv, e isso é perceptível, como mostram os exemplos abaixo.

(27) a. João [ʒuãõ]

João

b. Ylepe [ilepi]

PRON-DEMONST-MASC-3SG

Aquele

c. tivak [ti'vaki]

SUBST-MASC

carro

d. cintosudo [sinto'sudu]

Ir- PRES-IND-3SG

vai

Ao analisarmos os exemplos, é notável que a grafia e o som não apresentam semelhanças, ou seja, os estudantes não têm uma percepção quanto à fonética da LM e demais línguas existentes, pois o tópico não é abordado durante as aulas. E isso é decorrência de um ensino grafocêntrico, como já mencionado.

• Grupo D

Contexto: A história desse grupo é sobre quatro estudantes que foram em uma ilha fazer uma pesquisa. Na ilha havia um vulcão, o qual entrou em erupção derrubando diversas pedras da montanha. Uma dessas pedras continha uma inscrição em uma outra língua, que não era conhecida dos estudantes. Então, resolveram decifrar a linguagem escrita encontrada na pedra.

A grafia desse grupo apresenta sílabas travadas, o que não é muito comum no PB, porém esse é um reflexo da L2 de conhecimento dos estudantes, no caso a LI. Os exemplos abaixo mostram algumas das grafias da LInv do grupo.

(28) a. fiq ['fiki]

SUBST-MASC

gato

b. zif ['zifi]

SUBST-MASC

cachorro

c. shika ['ʃika]

SUBST-FEM

cabeça

d. urf ['ʌɪfi]

ROTINA

olá

e. ortsə [ˈɔrtsə]

SUBST-FEM

montanha

De acordo com o exemplo (28), notamos que vários termos apresentam semelhanças em relação à LI. Citamos a LI, pois essa é a segunda língua que os alunos têm contato.

Além disso, os termos nessa LInv apresentam sons diferenciados conforme o tipo de frases em que são utilizados – afirmativas ou interrogativas. O exemplo (29a) traz o grafema <a>, o qual tem o som de [r] seguido de [o] quando está na interrogativa, e o exemplo (29b) traz o som de [x] quando está na afirmativa, seguido do fonema [ɔ].

(29) a. <A> [ro]

b. <A> [xɔ]

A figura abaixo apresenta o alfabeto com a diferença de sons.

Figura 35: Sons nas formas interrogativa e exclamativa

A = RO	Rô (int.) rraô (excl.)
B = XA	tcha (int.) chê (excl.)
C = XI	tchi (int.) chi (excl.)
D = XO	tcho (int.) chô (excl.)
E = RI	Ri (int.) rri (excl.)
F = XE	tche (int.) chê (excl.)
G = ZI	zi (int.) chi (excl.)
H = ZOQ	zô (int.) zãô (excl.)

Fonte: Dados coletados das fichas do grupo.

É possível notar os sons para as sentenças interrogativas e assertivas – que o grupo denominou como exclamativas. A diferença de sons entre os tipos de frases ocorre devido ao som dos grafemas e não apenas pela entonação, como acontece em PB.

(30) a. <a> [ro]

INT

<a> [xo]

AFIRM

b. <c> [tʃi]

INT

<c> [ʃi]

AFIRM

c. <m> [kitor]

INT

<m> [kiktor]

AFIRM

O grupo também fez uso da pontuação no início da frase para indicar interrogação, por exemplo, como ocorre no espanhol. Os exemplos abaixo trazem essa pontuação (31a), e também a diferença dos sons dos determinantes – (31a) e (31b) - conforme o tipo de frase.

(31) a. ? Ro Maria phil zef okiba ro habuka?

? [ro] Maria phil zef okiba ro habuka?

A Maria não fez toda a lição?

b. Ro João phil zef okiba ro hakuba.

[xɔ] João phil zef okiba ro hakuba.

O João não fez toda a lição.

Notamos que as frases nas LInvs possuem determinantes no início e no meio das frases, no entanto, somente o determinante no início da sentença apresenta diferença de som diferenciando as formas interrogativa e afirmativa.

- Grupo E

Contexto: A história é sobre estudantes que estavam na sala de leitura da escola e quando alguém pegou um livro da prateleira apareceu um portal para outra dimensão. Todos foram sugados por esse portal e surgiram na dimensão de Danafoul. Os habitantes do local falavam a língua Llefth, a qual foi ensinada a todos os estudantes.

Para a “criação” de alguns termos o grupo reutilizou a grafia da LI. É possível notar isso em “bug”, o qual na LInv refere-se ao pronome masculino ‘ele’. Além desse termo há outros idênticos a LI, porém com significados diferentes da língua original.

Mesmo fazendo uso da grafia da LI, o grupo optou por utilizar ritmo italiano para dar entonação nas frases interrogativas, diferenciando-as das demais. Essa informação foi coletada com o grupo durante a aplicação da pesquisa. Para as frases assertivas e negativas, contudo, o grupo usa sotaque do PB e não da LI, como previsto de acordo com a grafia da LInv.

A figura abaixo traz exemplos das palavras do grupo.

Figura 36: Lista de palavras – LInv grupo E

Eu	iba
Você	heu
Aqui	labb
Ele	Bug
Ali	will
Não	ker
Menina	lady
Dois	sinty
Homem	kaier
Pássaro	gaine

Fonte: Dados coletados no caderno do grupo

Como podemos notar na figura 36, além do termo “bug”, citado anteriormente, temos também ‘will’ que na LInv refere-se ao vocábulo ‘ali’. Além desses termos mencionados, há ainda ‘cool’, ‘it’, ‘bag’, entre outros.

No entanto, como aludido, a pronúncia não se assemelha a LI.

(32) a. bug [’bugɪ]

PRON-PESS-MASC-SG

Ele

b. bag [’bagɪ]

PRON-PESS-FEM-SG

Ela

Outros grafemas da LInv apresentam sons do PB, porém “trocados”, como veremos no exemplo (33).

(33) a. <a>

[u]

b. <o>

[i]

c. <e>

[a]

● Grupo F

Contexto: Três escoteiros andavam pela floresta quando encontraram um foguete. Após consertá-lo viajaram para o espaço pousando em um planeta que era habitado por onças que falavam uma língua

estranha. Para se comunicarem os escoteiros aprenderam a língua das onças.

Os sons, assim como os termos criados são semelhantes a algumas palavras do PB. Vejamos o exemplo (34).

(34) a. taxa [ˈtaʃa]

PRON-PESS-1SG

eu

b. gole [ˈgɔli]

ADJ

bom

Eles reutilizaram os sons e os termos dando um novo significado a eles. Alguns desses vocábulos “criados” apresentam exclusão ou inversão de ordem de um ou mais grafemas em relação aos originais do PB. O exemplo (35) mostra algumas dessas palavras.

(35) a. agem [aʒem]

SUBST

Viagem

b. ento [ento]

SUBST

vento

c. ente [ente]

ADJ

quente

d. dai [dai]

SUBST

dia

Ressaltamos que a minoria dos termos criados pelo grupo tem esse formato como o apresentado no exemplo acima. Além desse tipo de grafia, alguns vocábulos são terminados em sílabas travadas, com o uso dos grafemas <k>, <ch>, <ck>, <ms> entre outros.

A figura (37) traz alguns desses vocábulos elaborados pelo grupo.

Figura 37: Lista de vocábulos criados pelo grupo F³¹

31 A lista completa encontra-se no anexo I.

95	PARA	AGHE
96	SUI	COCK
97	BORBOLETA	BEAG
98	VOA	VALD
99	GRACIOSAMENTE	WIZZI
100	VIADOU	WIRBUN
101	NA	ANDER
102	PASCOA	XCCO
103	SEU	FRG
104	MARIDO	CHIE
105	VIAJARAO	AGEN
106		
107	a	ITCH
108	TRILIA	ARROW
109	NATAL	NEG
110	LAVA	AVA
111	CARRO	POCK
112	TUDO	TORK
113	ESTAVAM	TROUD
114	CANSADOS	BRADOK
115	APOS	ANOB
116	CORRIDAS	RAZ
117	TODAS	ERGS
118	GANHARAM	RNALT
119	PRESENTE	CRUL
120	TEM	TCHE
121	POUCAS	CAPOS
122	PROVAS	TROPS
123	MES	RORMS
124	MAIO	MAIO
125	COMPRARAM	HOLS
126	MUITAS	WITA
127	ROUPAS	ROTOG
128	FAZER	ZCRA
129		
130		
131		
132		
133		

Fonte: Dados coletados do caderno do grupo

Esse grupo, no início, tentou elaborar uma língua com cliques, porém abandonou essa ideia por não conseguir demonstrar esse tipo de som. Sendo assim, optou por utilizar alguns termos existentes na própria língua materna.

● Grupo G

Contexto: A história é sobre um grupo de historiadores que viviam no ano de 2104 e descobriram um planeta na galáxia Kripton. Nesse planeta encontraram livros e os habitantes do planeta. A princípio os historiadores não compreendiam os aliens, mas conforme estudaram a língua, perceberam que os grafemas eram iguais aos do PB.

Os termos criados pelo grupo apresentam sílabas complexas como <bl>, <ch>, e também sílabas travadas como , <nc>, <ck>, <rp>. Esses grafemas, às vezes, aparecem no mesmo vocábulo.

(36) a. chablau [ʃa'blau]

ADV

ali

b. blaschu ['blasʃu]

SUBT

montanha

c. orp ['ɔrpɪ]

SUBT

mar

d. pb ['pebe]

SUBST

Manhã

e. nesck ['neski]

ADJ

bom

Além do uso das sílabas complexas e travadas nos termos, alguns sons designados para os grafemas do alfabeto do PB apresentam sílabas travadas também. Como exemplo temos os grafemas <h>, <i> e <p>.

(37) a. bp [bepe]

<h>

b. xz [ʃis]

<i>

c. cd [ˈsidɪ]

<p>

Os demais grafemas apresentam sons silábicos. Nenhum dos sons elaborados para os grafemas foram associados com os vocábulos da LInv. Os quadros 16 e 16.1 demonstram essa diferença.

Quadro 16: Demonstração dos sons de grafemas

Grafema	<a>	<o>	<e>
Som LInv	Xi	Li	Xó
Transcrição fonética	[ʃɪ]	[lɪ]	[ʃɔ]

Quadro 16.1: Demonstração dos sons dos determinantes e conectivos

Determinantes e conectivos	A	O	E
Som LInv	Ko	Duka	Egô
Transcrição fonética	[ko]	[duka]	[ego]

É possível notar com as tabelas acima representadas que durante a elaboração do alfabeto fonético da LInv o grupo optou por abandonar os sons

existentes – como os que representam o conectivo e os determinantes - criando outros para representar cada grafema. Provavelmente, essa ocorrência é devido ao fato de o alfabeto silábico ser solicitado apenas ao final de todas as atividades.

● Grupo H

Contexto: A história é sobre um cientista que foi ao planeta Nerelict por meio de um teletransportador. Ao chegar no planeta, usou um tradutor para entender a língua dos habitantes, porém quando estava na base, o alien Worper invadiu o local e o matou.

Os sons que o grupo criou são complexos e silábicos. Alguns deles apresentam sílabas travadas e complexas, como podemos ver nas representações de alguns grafemas.

(38) a. hbe [ɛbɪ]

<h>

b. oskis [ɔskɪs]

<i>

c. oshi [oʃɪ]

<o>

d. puk [ˈpukɪ]

<p>

Outros grafemas, embora silábicos são mais simples se comparados com os anteriores. Esses sons são representações quase idênticas do PB.

(39) a. ah [a]

<a>

b. bi [bi]

c. es [es]

<e>

d. ki [ki]

<q>

Alguns termos presentes na LInv são mais complexos e possuem mais sílabas que os termos do PB.

(40) a. derdiman [derdɪmɛ]

Dia

b. floediny [floedɪni]

bom

c. tenyodind [teniodɪndi]

fogo

Percebe-se com o exemplo acima que a LInv pelo grupo apresenta termos - embora com grafia complexa – com sons parecidos com o PB. Entretanto, os termos que são monossilábicos em PB se tornaram dissílabos na LInv, como verificados no exemplo (40).

- Grupo I

Contexto: A história é sobre o fim do planeta Terra. Alguns cientistas descobriram o planeta Arquituris. Para poderem se salvar, resolveram ir para esse planeta. Para isso usaram disfarces de alienígenas e aprenderam a língua do planeta.

O grupo elaborou termos em que grande parte deles não representam sons referentes ao PB (41).

(41) a. kir [kɪɾ]

o

b. dolk [dɔʊkɪ]

quando

c. flix [flɪkɪs]

pássaros

d. joukirm [ʒoʊkɪɾ]

viajarão

Com base nos dados acima, constatamos que alguns sons da LInv possuem número de sílabas menor em relação ao PB, por exemplo, em (41c) o termo inventado é monossílabo enquanto no PB é trissílabo. Mesmo assim, todos os sons que representam os grafemas do alfabeto são silábicos. O grupo não associou o alfabeto fonético com os termos criados anteriormente. Além

disso, todos os sons na LInv iniciam com seu grafema semelhante ao PB. A figura 38 apresenta alguns exemplos.

Figura 38: alfabeto fonético A - G

A = Δ	All
B = O	Bank
C = ⊙	chance
D = Δ	rank
E = ⊙	ench
F = U	fence
G = C	gab

Com base na análise do alfabeto, é possível notar que os vocábulos terminam em sílabas travadas, sendo com exceção dos grafemas <u> e <v> que são terminados em vogais, como mostra o exemplo (42).

(42) a. uli [uli]

<u>

b. vilvi [viuvi]

<v>

● Grupo J

Contexto: Um grupo de amigos estavam em um barco, quando precisaram parar em uma ilha. Ao andar pela ilha avistaram uma caverna e, quando estavam dentro dela foram “sugados” para o ano de 2050.

Os sons criados pelo grupo apresentam traços da LI. Cabe ressaltar que um integrante do grupo tem fluência em LI. Alguns vocábulos têm som de /tʃ/, o grafema <h> possui o som de /h/, e os termos criados ainda possuem os grafemas <y>, <k>, <ch> entre outros. O exemplo (43) apresenta alguns desses termos.

(43) a. mich [mɪtʃɪ]

Eu

b. yurgam [iʊrgɛ]

homem

c. shipta [ʃipɪtə]

pássaro

d. hortam [hɔrtɛ]

você

Embora os termos apresentem influência de uma L2, o mesmo não ocorreu na elaboração do alfabeto. Os sons criados para os grafemas são idênticos ao PB. A figura abaixo demonstra alguns exemplos.

Figura 39: Sons dos grafemas <h – n>

h	AhA	AhAA
i	i	ih
j	JOtA	JOOtAA
k	kA	kAA
L	eLE	eLEe
m	eME	eMCE
n	eNE	eNEe

Fonte: Dados coletados das fichas do grupo

A figura 39 mostra dois tipos de sons para cada grafema. Essa diferenciação é para distinguir sentenças assertivas e interrogativas. Em PB a entonação ocorre em sentenças interrogativas, enquanto na LInv realiza-se nas assertivas. Essa entonação é marcada pelo prolongamento da primeira sílaba do último componente da frase.

(44) a. Or João nanumh ifis air **denim?**

[deenim]

O João não fez a lição?

b. Air Maria nanumh ifis air **denim.**

[denim]

A Maria não fez a lição.

De acordo com os exemplos (44a) e (44b) é possível perceber a diferença de entonação dos termos posicionados no final das sentenças.

3.6. Conclusão das análises dos dados: Fase II

Concluimos com base nas análises dos dados dessa fase que alguns grupos tornaram a língua mais utilizável que os grupos da primeira fase; mesmo assim ainda há certa resistência quanto à interação verbal das LInvs e, provavelmente, advém de o fato dos grupos terem tornado as línguas criadas mais complexas que a LM. Além disso, o tempo disponível para a aplicação da segunda fase foi o mesmo que o da primeira e, como aludido na metodologia, houve vários contratempos o que acarretou em diminuição de número de encontros e, por isso, as LInvs não foram testadas e aprimoradas pelos estudantes.

Nessa fase os grupos foram direcionados – o que os difere dos da primeira fase – porém, o excesso de grupos na pesquisa dificultou o aprimoramento das LInvs, ou seja, alguns pontos ainda precisam ser aperfeiçoados para o bom funcionamento das línguas; por exemplo, explicar a fonética para os alunos, mostrando como ela funciona na LM e em outras línguas.

No entanto, mesmo com essa dificuldade os participantes conseguiram criar algo mais próximo de ser uma língua, diferentemente da fase I, em que criaram apenas um sistema de símbolos. Veremos nas próximas seções que os estudantes dessa fase criaram alguns padrões morfossintáticos para as LInvs, o que também não ocorreu na primeira fase.

Logo, o direcionamento é algo importante e imprescindível para a criação das LInvs, pois dessa forma os estudantes conseguem perceber os fenômenos da língua, além de associar as LInvs com a LM.

3.7. Análise Morfossintática

Nas próximas seções apresentaremos exemplos acerca da morfologia e sintaxe das LInvs na fase II. Ressaltamos que na fase I não houve padrões morfológicos, pois, os grupos elaboraram apenas um sistema de códigos. Na seção 3.7.2, faremos uma análise detalhada de todos os grupos da segunda fase, verificando os tipos de padrões morfológicos existentes nas LInvs.

3.7.1. Estrutura do PB e das LInvs (SVO)³² – breve introdução

Discorreremos nesta seção acerca da estrutura sintática das LInvs e do PB em relação à ordem dos constituintes nas sentenças.

Os dados analisados apresentaram traços sintáticos SVO por ser a mesma ordem sintática das línguas que os alunos têm mais conhecimento, como por exemplo, PB, inglês, espanhol e italiano. Essa ordem, possivelmente, foi a mais predominante devido ao fato dos estudantes estarem à vontade quanto ao seu uso e ser algo automático para eles, já que a usam com frequência no cotidiano (PEZATTI, 2014). Outro fator que pode ter contribuído para o uso dessa ordem é o fato de os alunos terem feito a tradução palavra por palavra.

No entanto, os alunos da fase II receberam informações, exemplificadas, quanto a outros tipos de ordem dos constituintes. Mesmo assim, durante a execução da terceira atividade (anexo III – ficha 03), na qual os grupos foram orientados a elaborar uma sentença usando algumas palavras que criaram, apenas um grupo optou por fazer a ordem OSV (45a), porém

32 Lê-se: sujeito – verbo - objeto

essa ordem foi, posteriormente, substituída pela SVO (45b) conforme o surgimento de outras atividades (ficha 04 – anexo III).

(45) a. Toddynho³³ chum de urruê³⁴.

SUBST-MASC ART-INDEF-MASC QUERER-PRES-IND-1SG PRON-1SG

Toddynho um quero tomar.

b. Urruê de chum Toddynho.

PRON-1SG QUERER-PRES-IND-1SG ART-INDEF-MASC SUBST-MASC

Eu quero um toddynho.

Essa alteração de ordem aconteceu devido à dificuldade que o grupo encontrou ao ter que elaborar sentenças mais complexas como as apresentadas no exemplo (46).

(46) a. João vai ver o jogo hoje.

b. Tomara que ele veja a Maria no parque.

c. Joana verá sua família no domingo.

Ao analisarem as sentenças acima, os estudantes optaram por trocar a ordem OVS por SVO, pois: a) as sentenças (46a) e (46c) apresentam advérbios, e isso os confundiu quanto a ordem na frase; b) a sentença (46b) apresenta dois verbos e isso impossibilitou aos participantes manterem a ordem OVS, pois também encontraram dificuldades em encaixar os verbos nessa ordem.

33 A expressão ‘toddynho’ assume a função de tópico no exemplo (45a). No entanto, não houve dado suficiente para atestarmos que esse tenha sido um padrão desenvolvido pelos estudantes. Compreende-se por “tópico sentencial o termo da frase do qual se afirma (ou pergunta) alguma coisa” (PERINI, 2006, p.193).

34 Sentença elaborada pelo grupo H.

Podemos concluir que os participantes, então, optaram pelo que é mais utilizável e comum para eles e, mesmo criando uma língua - a qual é mais complexa em relação à fonética - utilizam padrões sintáticos do PB por fazer parte de seu cotidiano.

3.7.2. Análises morfológicas das LInvs – fase II

Nesta seção abordaremos diversos exemplos acerca da morfologia das línguas criadas pelos grupos da segunda fase. Analisaremos os termos em busca de padrões para os elementos morfológicos, verificando se há marcação de plural, tempo verbal e atribuição de gênero. Em relação à sintaxe das línguas, como mencionado na seção anterior, os grupos utilizaram a ordem SVO para a elaboração das sentenças.

Iniciaremos nossa análise com a língua inventada pelo grupo D.

(47) Lioga fio nevir sa ortsa.

PRON-POSS-MASC-1SG SUBST-MASC CAIR-PRET-PERF-3SG PREP SUBST-FEM

Meu gato caiu da montanha.

O exemplo abaixo demonstra o comportamento dos seguintes elementos morfológicos: pronome, verbo e preposição, e argumentos. Estabeleceremos uma análise desses componentes, para verificar quais padrões há na LInv. O grupo não criou um pronome possessivo no feminino da primeira pessoa do singular e, por isso, não é possível verificar um padrão, no entanto, analisaremos os pronomes possessivos, masculino e feminino, na terceira pessoa do singular (48).

(48) a. us

PRON-POSS-MASC-3SG

seu

b. arva

PRON-POSS-FEM-3SG

sua

Em relação aos pronomes percebe-se que não há um padrão que indica gênero, no entanto, algumas categorias apresentam esse tipo de marcação (49).

(49) a. oni

PREP

no

b. one

PREP

na

O exemplo (49) mostra a alteração do último grafema do vocábulo para indicar gênero. Essa substituição é idêntica ao PB, porém os grafemas utilizados para atribuir gênero masculino é <i>, enquanto para o gênero feminino é <e>. Nesse caso a língua assemelha-se ao plural do italiano, mas como os alunos não têm esse conhecimento, a alteração pode ser devido à ocorrência dessa mudança em PB e para a LInv não ser parecida com a LM, foram trocados os grafemas <a> e <o> por <e> e <i>.

Continuando na análise de preposição, o padrão não permanece quando temos de + a e de + o. Nesse caso a preposição se dá da seguinte forma:

(50) a. sa

PREP

da

b. iu

PREP

do

Nota-se com os exemplos (49) e (50) que o grupo não elaborou um padrão, o que facilitaria na interação verbal e escrita, mas sim elaborou vocábulos aleatórios.

Verificaremos o verbo usado na sentença. O grupo criou o infinitivo do verbo, o passado e futuro. Vejamos no exemplo abaixo se há algum padrão em relação a marcação de tempo verbal.

(51) a. yuco

CAIR-INFINITIVO

cair

b. hiachaurl

CAIR-FUT-PRES-3SG

cairá

c. enka

CAIR-PRES-IND-3PL

caem

No exemplo acima não há padrão em relação ao tempo verbal, porém os verbos ‘fazer’ e ‘lavar’ mantiveram um radical, sendo acrescentada uma sílaba sufixal para indicar o tempo e modo (52) e (53).

(52) a. uol

LAVAR-PRES-IND-3SG

lava

b. uolvo

LAVAR-PRET-PERF-3SG

Lavou

(53) a. zef

FAZER-PRET-PERF-3SG

Fez

b. zefero

FAZER-FUT-PRES-3SG

Fará

Podemos notar que no primeiro exemplo (52) o grupo acrescentou a sílaba sufixal ‘vo’ para indicar que o verbo está no passado, já no exemplo seguinte (53) acrescentou-se a sílaba ‘ero’ para indicar que o verbo está no futuro. Entretanto, esse padrão não se mantém nos outros verbos com o mesmo tempo verbal (54), ou seja, o grupo não criou esse tipo de padrão, propositalmente. Isso mostra que mesmo compreendendo que é preciso haver um padrão, eles não conseguem manter uma sistematicidade. Outro fator que podemos notar é que o verbo ‘fazer’ no passado da LInv (53a) é um anagrama³⁵ do verbo ‘fez’.

(54) shels

VIAJAR-PRET-PERF-3SG

Viajou

35 Um anagrama é uma espécie de jogo de palavras, resultando do rearranjo das letras de uma palavra ou expressão para produzir outras palavras ou expressões. (WIKIPÉDIA)

Um padrão que foi criado pelo grupo é o acréscimo do grafema <k> ao final dos verbos no pretérito perfeito na 3ª pessoa do plural (55). Esse sufixo também faz parte do plural dos vocábulos inventados.

(55) a. rowk

GANHAR-PRET-PERF-3PL

Ganharam

b. tronxak

VOAR-PRET-PERF-3PL

Voaram

Os quantificadores apresentam padrões quanto ao gênero e plural. Como aludido anteriormente, o plural é indicado pelo uso do grafema <k> ao final dos vocábulos (56) e (57), enquanto o gênero é indicado pelo uso dos grafemas <i> e <a> ao final dos termos (57a) e (57b).

(56) a. relz

ADV-FEM-SG

Muita

b. relzk

ADV-FEM-PL

Muitas

(57) a. okibi

PRON-INDEF-MASC-SG

todo

a'. okibik

PRON-INDEF-MASC-PL

todos

b. okiba

PRON-INDEF-FEM-SG

Toda

b'. okibak

PRON-INDEF-FEM-PL

Todas

Esse padrão, no entanto, difere do padrão definido para a preposição, como vimos anteriormente, no exemplo (58).

(58) a. oni

PREP

no

b. one

PREP

na

Com base nos exemplos analisados, nota-se que para algumas classes de palavras foram criados padrões de marcação de gênero e plural. Porém, esse padrão de gênero, como vimos, não se mantém igual em todos os tipos de classes, diferentemente, da marcação de plural que é semelhante em todos os casos.

Analisaremos, a seguir, a língua criada pelo grupo C. Vejamos o exemplo (59) que traz uma sentença retirada dos dados do grupo.

(59) Ylepa nakimal fu mabiskita.

PRON-IND-FEM -SG

SUBST-FEM

SER-PRES-IND-3SG

ADJ-FEM

Aquela menina é bonita.

O exemplo acima apresenta o pronome indefinido no feminino; analisando os dados do grupo, percebe-se que há um padrão que diferencia gênero, o qual é marcado pelo uso dos grafemas <a> e <e>, como usado em PB para os pronomes indefinidos.

(60) a. ylepe

PRON-IND-MASC-SG

Aquele

b. ylepa

PRON-IND-FEM-SG

Aquela

O substantivo – usado na frase - não apresenta o mesmo padrão para marcação de gênero que o PB, mas sim é diferenciado como na língua inglesa – com o uso de vocábulos diferentes - como mostrado no exemplo abaixo.

(61) a. nakimal

SUBST-FEM-SG

Menina

b. keiriu

SUBST-MASC-SG

Menino

Alguns substantivos, no entanto, seguem o mesmo padrão do PB – com terminação nos grafemas <a>, para vocábulos do gênero feminino, e <o> para masculino.

(62) a. aloa

SUBST-FEM-SG

Árvore

b. gueto

SUBST-MASC-SG

Gato

Porém, alguns substantivos são exceções a essa regra citada acima.

(63) a. latika

SUBST-MASC-SG

Vento

b. drads

SUBST-FEM-SG

Casa

Como vemos no exemplo (63), o substantivo masculino é terminado pelo grafema <a>, enquanto o feminino é terminado em <s>. Entretanto, como <s> indica gênero em alguns termos da LInv, o grupo adiciona <z> ao final dos vocábulos para indicar marcação de plural.

(64) a. kutozo

PRON-INDEF-MASC-SG

todo

a'. kutozoz

PRON-INDEF-MASC-PL

Todos

b. kutoza

PRON-INDEF-FEM-SG

Toda

b'. kutozaz

PRON-INDEF-FEM-PL

Todas

Os exemplos acima, além de demonstrar o padrão criado para marcação de plural, apresenta a atribuição de gênero, que é diferenciada pelo uso dos grafemas <a> e <o> no final dos vocábulos, do mesmo modo que é definido em PB.

Em relação aos verbos, o grupo não criou um padrão específico para indicar marcação de tempo. Apenas os verbos ‘lavar’ e ‘voar’ apresentam um padrão que diferencia o tempo presente do indicativo do pretérito perfeito, porém de formas diferentes.

(65) a. iar

LAVAR-PRES-IND-3SG

Lava

a'. iarô

LAVAR-PRET-PERF-3SG

Lavou

b. sadiu

VOAR-PRES-IND-3SG

Voa

b'. sadiuco

VOAR-PRET-PERF-3PL

Voaram

Com a análise dos exemplos é possível verificar o acréscimo de um sufixo para indicar o pretérito perfeito. Entretanto, não há um padrão; o sufixo

acrescentado em ambos os verbos são diferentes, tornando a LInv menos acessível, já que há inúmeros padrões a serem lembrados.

Outro fator que colabora para a não usabilidade da LInv, é o fato de outros verbos não apresentarem nenhum tipo de padrão, como demonstrado nos exemplos (66) e (67).

(66) a. vesti

VER-PRET-PERF-3SG

viu

b. vartiges

PRES-SUBJ-1/3SG

Veja

c. lacá

FUT-PRES-3SG

Verá

(67) a. arroques

FAZER-INF

Fazer

b. irrirês

FAZER-PRET-PERF-3SG

Fez

c. ruça

FUT-PRES-3SG

Fará

Com base nos exemplos acima, é possível notar a inacessibilidade da LInv, pois não há um padrão existente para a marcação de tempo verbal. Isso demonstra que a língua foi criada aleatoriamente, e o grupo não pensou na proposta de torná-la utilizável.

Os próximos dados a serem analisados são do grupo G. Esse grupo criou um gênero neutro para o pronome pessoal na terceira pessoa e artigo.

(68) a. trec

PRON-NEUTRO-SG

ele/ela

b. loki

ART-NEUTRO-SG

Um/uma

Além dos pronomes e artigo neutros, o grupo também criou homônimos³⁶, como demonstra o exemplo (69).

(69) a. tori

SUBST-MASC-SG

Menino

a'. tori

SUBST-MASC-SG

Homem

36 Homônimos são os vocábulos que apresentam grafia e fonética iguais, porém significado diferente.

Outro fator que diferencia a LInv do PB é a marcação de plural, a qual é representada com a duplicidade dos vocábulos, como veremos no exemplo abaixo.

(70) a. trec trec

PRON-NEUTRO-PL

Eles/elas

b. tibu tibu

PRON-INDEF-MASC-PL

Todos

c. xeb xeb

SUBST-FEM-PL

Provas

Esse padrão de duplicidade não é somente usado para substantivos e pronomes, mas também para verbos quando estão no plural.

(71) a. lifo lifo

SER-PRES-IND-1PL

Somos

b. nam nam

FUT-PRET-3PL

Gostariam

Embora o grupo tenha criado um padrão que indique marcação de plural, o mesmo não aconteceu para a marcação de tempo verbal. Os verbos não apresentam um padrão que define os tempos usados; eles foram criados aleatoriamente.

(72) a. vuto

VER-FUT-PRES-3SG

Verá

b. vu

VER-PRET-PERF-3SG

Viu

c. vana

VER-PRES-SUBJ-1/3SG

Veja

d. veni

VER-FUT-PRET-1/3SG

Veria

Com base nos exemplos, o único padrão que podemos encontrar são os verbos manterem o grafema inicial <v>, o qual é usado em PB também. Porém, outros verbos não apresentam nenhum tipo de padrão. É o caso do verbo ‘ser’ apresentado no exemplo abaixo.

(73) a. nu

SER-PRES-IND-1SG

Sou

b. na

SER-PRES-IND-3SG

É

c. lifo lifo

SER-PRES-IND-1PL

Somos

Vemos nos exemplos acima que o padrão de duplicidade foi seguido quando se trata de marcar o plural, no entanto, de acordo com a regra do grupo, deveria ser o vocábulo ‘nu’ duplicado para indicar o verbo na primeira pessoa do plural. Porém, o grupo criou outro vocábulo para indicar o verbo no plural e, isso torna a língua mais complexa, pois não segue um único padrão.

A próxima análise é baseada nos dados do grupo H. O exemplo (74) apresenta uma sentença elaborada pelo grupo.

(74) Lege	drieg	chum
PRON-PESS-MASC-3SG	VER-PRET-PERF-3SG	ART-IND-MASC
kerzim	oms	hedren.
SUBST-MASC	PREP	SUBST-MASC

Ele viu um pássaro no céu.

Cabe ressaltar que esse grupo, como mencionado na seção 3.7.1, elaborou, a princípio, a sentença exemplifica em (45a) e reproduzida abaixo, a qual apresentava os constituintes dispostos na ordem OSV, no entanto, essa ordem foi abandonada no decorrer da pesquisa, como explicado na seção anterior. Sendo assim, a ordem predominante foi a SVO (74), com a qual os alunos já estão familiarizados.

(45) a. Toddynho	chum	de	urruê ³⁷ .
SUBST-MASC	ART-INDEF-MASC	QUERER-PRES-IND-1SG	PRON-1SG

Toddynho um quero tomar.

Analisaremos abaixo os padrões morfológicos encontrados na LInv.

37 Sentença elaborada pelo grupo H.

O grupo criou alguns padrões para estabelecer marcação de tempo verbal, contudo, a regra descrita abaixo não se manteve em todos os tempos, como demonstrado abaixo.

(75) a. sugi

VER-PRET-PERF-3SG

Viu

b. sukigi

VER- FUT-PRES-3SG

Verá

Com base no exemplo acima, nota-se que há o acréscimo de um ínxio –ki- que indica a marcação do tempo no futuro. Esse mesmo padrão, todavia, não se mantém quando se refere aos tempos futuro do pretérito e presente do subjuntivo do mesmo verbo.

(76) a. riave

VER-FUT-PRET-3SG

Veria

b. veg

VER-PRES-SUBJ-1/3SG

Veja

É possível observar com o exemplo acima que o grupo não manteve o mesmo radical para compor os tempos verbais dispostos no exemplo (76). Outro fato que podemos observar é que no exemplo (76a), o grupo utilizou um anagrama na elaboração do vocábulo inventado.

Mesmo assim, de certa forma, os verbos apresentam um certo padrão, conforme apresentado nos exemplos abaixo.

(77) a. fuca

FAZER-PRET-PERF-3SG

Fez

b. fucas

FAZER-FUT-PRES-3SG

Fará

(78) a. zu

VOAR-PRES-IND-1SG

Voa

b. zum

VOAR-PRET-PERF-3PL

Voaram

(79) a. zuzu

LAVAR-PRET-PERF-3SG

Lavou

b. zuzus

LAVAR-PRES-IND-3SG

Lava

(80) a. aika

GOSTAR-PRET-IMP-1/3SG

Gostava

b. guga

GOSTAR-FUT-PRET-3PL

Gostariam

A partir dos exemplos acima analisados, percebe-se que há um certo padrão para os verbos. Na maioria das vezes ocorre o acréscimo de um sufixo, como apresentado nos exemplos (77), (78) e (79) para indicar tempo e número e, raramente o verbo adquire formas diferentes indicando outro tempo verbal (80). Para indicar o presente do indicativo, no entanto, não há um padrão específico, pois há uma redução do grafema <m> no exemplo (78a), e o acréscimo do grafema <s> no exemplo (79b).

Com isso, conclui-se que, embora o grupo tenha criado uma certa regra para indicar marcação de tempo verbal, esta não se manteve padronizada para referir-se a um mesmo tempo em verbos distintos.

No que tange à marcação de plural, o grupo criou dois tipos de regras: a) o acréscimo do grafema <s> ao final dos vocábulos, como ocorre em PB; b) o plural neutro – os vocábulos mantêm a mesma forma no singular e plural. Os exemplos (81) e (82) demonstram essa regra, respectivamente.

(81) a. lege

PRON-PESS-MASC-SG

Ele

a'. leges

PRON-PESS-MASC-PL

Eles

b. lega

PRON-PESS-FEM-SG

Ela

b'. legas

PRON-PESS-FEM-PL

Elas

(82) a. kazim

SUBST-MASC-SG/PL

Pássaro (s)

Em relação à marcação de gênero e plural para os advérbios e pronomes indefinidos, o grupo criou um padrão neutro.

(83) a. yad

PRON-INDEF-NEUTRO-SG/PL

Todo (s)/ toda (s)

b. har

ADV-INTENS-NEUTRO-SG/PL

Muito (s)/ muita (s)

Baseado nos exemplos, verificamos que a distinção quanto ao gênero e marcação de plural, provavelmente, dá-se de acordo com o contexto. Esse tipo de padrão é semelhante à regra gramatical da língua inglesa para os adjetivos, os quais não possuem gênero ou plural.

Contudo, os padrões não são os mesmos no que concerne aos artigos e preposições, como mostra os exemplos abaixo.

(84) a. bo

ART-DEF-MASC-SG

O

a'. don

ART-DEF-MASC-PL

Os

b. ba

ART-DEF-FEM-SG

A

(85) a. ony

PRON-INDEF-FEM-SG

Uma

b. chum

PRON-INDEF-MAS-SG

Um

Ao analisarmos o exemplo (85b), notamos que o grupo apenas acrescentou os grafemas <ch> como prefixo, distinguindo o vocábulo da grafia do PB. Pode ser, por isso, que os pronomes indefinidos (85) não apresentem um padrão de gênero.

O mesmo ocorre com a preposição. Com base no exemplo apresentado abaixo (86), ela não demonstra um padrão, como ocorre com as demais classes de palavras analisadas anteriormente. Podemos verificar que em PB - na contração com a preposição - temos o determinante que diferencia gênero, no entanto, na LInv não há um grafema que indique essa diferença.

(86) a. ons

PREP

em + o →no

b. bei

PREP

Em + a →na

De acordo com os dados analisados, concluímos que o grupo tentou criar determinados padrões para a LInv, todavia, alguns deles foram

“esquecidos” conforme criaram outros vocábulos e classes de palavras. Como os estudantes do grupo não foram questionados em relação à essa discrepância de regras, não há como prever se foi algo proposital. Esta falha deverá ser corrigida em novas aplicações do método.

Em relação aos nomes próprios, o grupo apresentou algumas alterações. Somente o grupo em questão e o grupo B modificaram os nomes.

(87) a. Cabará

Pedro

b. Jhak

Julia

c. Nechan

Maria

Com base no exemplo acima descrito, é possível analisar que os nomes não apresentam uma regra quanto à sua modificação. Nesse caso foram alterados aleatoriamente, diferentemente do grupo B (que veremos adiante), o qual elucida a regra sobre como transformá-los.

A seguir, analisaremos os dados coletados das fichas do grupo E. Esse grupo utilizou diversos vocábulos existentes na língua inglesa, como demonstra os exemplos abaixo. Esses termos são homônimos homógrafos, ou seja, apresentam a mesma grafia – no caso a da LI - porém com fonética (seção 3.5.1) e significado diferentes da língua original.

(88) a. bug

PRON-PESS-MASC-SG

Ele

b. bag

PRON-PESS-FEM-SG

Ela

Com base nos exemplos analisados, nota-se que o grupo criou um padrão, no qual troca-se a vogal para diferenciar o gênero; como ocorre em PB. Entretanto, quando se trata dos artigos indefinidos, esse padrão não existe.

(89) a. cool

ART-INDEF-MASC-SG

Um

b. an

ART-INDEF-FEM-SG

Uma

Podemos verificar, com os exemplos acima, que os vocábulos utilizados são da LI, inclusive no exemplo (89b) o vocábulo utilizado tem o mesmo significado na língua de empréstimo.

Como a maior parte dos vocábulos criados não apresentam esse estrangeirismo, possivelmente, foi algo criado de forma aleatória e não proposital.

Um fator peculiar que difere essa LInv das demais inventadas é a marcação de plural. O grupo criou a seguinte regra: a) quando se trata de seres animados, acrescenta-se o grafema <s> ao vocábulo; b) quando se refere a seres inanimados, retiram-se o primeiro e o último grafemas do vocábulo. Seguem abaixo os exemplos que demonstram essa regra.

(90) a. zaine

SUBST-MASC-SG

Pássaro

b. zaines

SUBST-MASC-PL

Pássaros

(91) a. lucifer

SUBST-FEM-SG

Ideia

b. ucife

SUBST-FEM-PL

Ideias

Contudo, no que se refere a marcação de tempo verbal, o grupo não elaborou um padrão e, por isso, os verbos não possuem a mesma morfologia verbal. No exemplo (92) apresentaremos o verbo ‘ir’. Percebe-se que o passado do verbo é um anagrama, como apresenta o exemplo (a).

(92) a. ifo

IR-PRET-PERF-3SG

Foi

b. piu

IR-INFINITIVO

Ir

c. ido

IR-PRET-PERF-1SG

Fui

Os demais verbos – analisados abaixo – também não apresentam padrões quanto à marcação de tempo.

(93) a. ine

FAZER-FUT-PRES-3SG

Fará

b. ficx

FAZER-PRET-PERF-3SG

Fez

(94) a. zeus

VER-INFINITIVO

b. arva

VER-FUT-PRES-3SG

Verá

(95) a. ryei

GOSTAR-FUT-PRET-3PL

Gostariam

b. peck

GOSTAR-PRET-IMP-3SG

Gostava

De acordo com os exemplos analisados, não encontramos padrões que definam a marcação de tempos verbais. Possivelmente, pela falta de tempo, o grupo não refletiu sobre elaborar uma regra para manter um radical, acrescentado afixos para indicar o tempo.

Analisaremos na sequência a LInv pelo grupo J. Esse grupo criou algumas regras quanto à marcação de gênero, e ainda mantiveram alguns radicais dos verbos, aos quais são acrescentados um sufixo que indica a marcação de tempo verbal.

Os exemplos abaixo demonstram a regra criada para marcar gênero.

(96) a. Mona

PRON-INDEF-FEM-SG

Toda

b. Moni

PRON-INDEF-MASC-SG

Todo

Para marcar o plural apenas acrescenta-se o grafema <s> ao final dos vocábulos.

(97) moni

PRON-INDEF-MASC-PL

Todos

Contudo, o mesmo padrão não se mantém nas demais classes de palavras, pois para diferenciar gênero nos pronomes pessoais – 3ª pessoa do singular – altera-se o primeiro grafema dos vocábulos.

(98) a. vorgan

PRON-PESS-MASC-3SG

Ele

b. Morgan

PRON-PESS-FEM-3SG

Ela

No caso dos verbos, eles mantêm o radical, acrescentando-se sufixo que indicam o tempo verbal. Esses sufixos, no entanto, não são os mesmos em todos os verbos, já que alguns recebem o grafema <a>, enquanto outros recebem os grafemas <k> ou <o>.

(99) a. fif

LAVAR-PRET-PERF-3SG

Lavou

b. fifa

LAVAR-PRES-IND-3SG

Lava

(100) a. phil

VER-INFINITIVO

b. philo

VER-FUT-PRET-1/3SG

Veria

O exemplo (99b) expõe o acréscimo do grafema <a> para indicar o presente, enquanto no exemplo (100) o grafema <o> indica futuro.

(101) a. crosmir

VIAJAR-PRET-PERF-3SG

Viajou

b. crosmin

VIAJAR-PRET-PERF-3PL

Viajaram

O exemplo (101), demonstra o acréscimo dos grafemas finais <r> e <n> que indicam o passado, no singular e plural, respectivamente.

No entanto, o verbo ‘ver’, não exhibe o mesmo padrão que o verbo exposto no exemplo anterior. Nesse caso, adiciona-se um sufixo para indicar

o plural do verbo. Ambos os verbos estão no passado, porém usados no singular e plural. Vejamos o exemplo (102).

(102) a. lan

VER-PRET-PERF-3SG

Viu

b. lank

VER-PRET-PERF-3PL

Viram

Ao considerar os termos presentes nos exemplos (101) e (102), constatamos que não há um padrão específico para todos eles, mas sim, que cada verbo possui uma regra que caracteriza singular e plural, além dos tempos verbais.

Averiguaremos, a seguir, os dados desenvolvidos pelo grupo I. Após analisar os dados coletados, constatamos que o grupo em questão não descreveu nenhum tipo de padrão para os tempos verbais, aliás em alguns casos é possível verificar a elaboração de anagramas, como os demonstrados nos exemplos abaixo.

(103) a. denks

GOSTAR-FUT-PRET-3PL

Gostariam

b. kends

GOSTAR-PRET-IMPERF-1/3SH

Gostava

(104) a. alpy

VER-FUT-PRET-1/3SG

Veria

b. layp

VER-INFINITIVO

Os exemplos abaixo demonstram outros verbos, dos quais, como mencionado, não apresentam padrões para marcação de tempo.

(105) a. zeff

FAZER-PRET-PERF-3SG

Fez

b. thimg

FAZER-FUT-PRES-3SG

Fará

(106) a. wulbim

VIAJAR-PRET-PERF-3SG

Viajou

b. jourkirm

VIAJAR-FUT-PRES-3PL

Viajarão

Assim como os termos demonstrados nos exemplos (103) e (104), percebe-se que o exemplo (105a) também apresenta um anagrama.

Em relação aos pronomes, ora o grupo mantém neutro, quando se refere a pronomes pessoais, ora mantém com diferenciação de gênero; porém, para este último também não encontramos um padrão específico.

(107) a. ardoco

PRON-INDEF-FEM-SG

Toda

b. odolfi

PRON-INDEF-MASC-SG

Todo

(108) liubi

PRON-PESS-NEUTRO-SG

Ele/ela

Assim como os verbos, a maioria dos termos criados pelo grupo também não apresenta padrões em relação à marcação de plural. Os vocábulos apresentam diversas terminações, o que dificulta estabelecer uma determinada regra. Alguns termos, inclusive, terminam com o grafema <s> quando estão no singular.

(109) jupins

SUBST-FEM-SG

Torta

(110) sentospa

SUBST-MASC-PL

Presentes

(111) aurkin

SUBST-FEM-PL

Provas

No entanto, encontrou-se um padrão para marcação de plural em relação ao gênero. Quando o termo pertence ao gênero feminino, percebemos que a marcação de plural se dá com o grafema <s> ao final do vocábulo. Já para marcar plural masculino, o termo termina com o grafema <ɾ>.

(112) a. aldarfs

PRON-INDEF-FEM-PL

Todas

b. cllorps

SUBST-FEM-PL

Meninas

(113) a. ordolfr

PRON-INDEF-MASC-PL

Todos

b. clarpr

SUBST-MASC-PL

Meninos

Com base nos exemplos analisados é possível constatar que, embora a LInv apresente um determinado padrão para marcar gênero e número, este não é algo definido a todos os termos, isto é, possivelmente foi criado aleatoriamente. Contatamos, com isso, que esse grupo não refletiu sobre o funcionamento da língua, cabendo ressaltar que durante a pesquisa os participantes se mostraram mais preocupados com a parte criativa, concentrados em elaborar uma grande história para contextualizar o descobrimento da LInv.

De qualquer forma, apresentam dados interessantes, como é o caso do pronome pessoal neutro, e o plural com terminações incomuns ao PB.

Os dados abaixo pertencem ao grupo A. Os participantes elaboraram uma LInv, que segundo eles, é baseada no coreano. Porém, com a análise da língua, é possível notar que muitos vocábulos apresentam grafia da LI ou do PB, com exceção do grafema <k> usado no início de todos os termos.

(114) a. krum

PREP

De

b. klower

ANDAR-INFINITIVO

No exemplo (114a) vemos o uso do artigo indefinido ‘um’ no termo, enquanto no exemplo seguinte (114b) é possível ver que há uma referência ao vocábulo “flower” da LI. Outros termos, todavia, não apresentam menção a outras línguas naturais.

Para marcar o futuro, tanto do presente como do pretérito, alguns termos apresentam uma espécie de partícula, encaixada ao final do vocábulo após um hífen (115). Contudo, essa partícula não se refere a determinado tempo verbal, pois não há um padrão específico (116). Esse último exemplo, inclusive, apresenta grafia do verbo no PB, como veremos abaixo.

(115) a. kenis-ta

FAZER-FUT-PRES-3SG

Fará

b. Kilut-lu

GOSTAR-FUT-PRET-3PL

Gostariam

(116) a. kairá

IR-FUT-PRES-3SG

Irá

Em relação à marcação de plural, os termos apresentam a mesma regra do PB. Para diversificar o grupo usou o apóstrofo antes do grafema <s> para indicar plural nos pronomes indefinidos.

(117) a. knois

SUBST-MASC-PL

Balões

b. kletas

SUBST-FEM-PL

Provas

(118) a. killar's

PRON-INDEF-FEM-PL

Todas

b. killor's

PRON-INDEF-MASC-PL

Todos

Outro ponto a destacar é o fato de alguns termos possuírem número de grafemas superior em relação ao PB.

(119) a. kauanona

PRON-PESS-MASC-3SG

Ele

b. kyutchnoar

PRON-PESS-1SG

Eu

Com base no exemplo (119) nota-se que em relação ao pronome da primeira pessoa do PB para o da LInv o número de sílabas quadruplica, assim como o exemplo (119a). Possivelmente, pela LInv ser baseada no coreano, o grupo resolveu deixá-la mais complexa. É importante ressaltar, no entanto, que apenas um dos integrantes do grupo alegou ser estudante autodidata da língua coreana, “impondo” aos demais esse formato da LInv. Isso resultou no desinteresse do grupo em relação à língua, além de acarretar em alguns termos complexos, os quais a maioria não compreendia, prejudicando, dessa forma, o desempenho do grupo.

Os próximos dados expostos pertencem ao grupo F. O exemplo abaixo apresenta uma das sentenças elaborada pelo grupo.

(120) Itch priu engo kale.
ART-FEM-SG SUBST-FEM-SG PEGAR-PRET-PERF-3SG SUBST-MASC.SG

A montanha pegou fogo.

Os dados analisados, não demonstraram um padrão que indique marcação de gênero.

(121) a. cap
PRON-PESS-MASC-3SG

Ele

b. capy

PRON-PESS-FEM-3SG

Ela

(122) a. lipy
ART-MASC-SG

O

b. itch

ART-FEM-SG

A

O exemplo (121) mostra o acréscimo do grafema <y> que indica o gênero feminino, no entanto, esse padrão é quebrado ao constatarmos o exemplo (122), que apresenta o uso do mesmo grafema, porém para indicar gênero masculino.

Em relação aos verbos também não foi encontrado um padrão para marcar tempo.

(123) a. zenn

FAZER-PRET-PERF-3SG

Fez

b. fipá

FAZER-FUT-PRES-3SG

Fará

(124) a. viriun

VIAJAR-PRET-PERF-3SG

Viajou

b. agend

VIAJAAR-FUT-PRES-3PL

Viajarão

Em alguns verbos, como o apresentado abaixo, apresentam o mesmo tipo de desinência do PB para indicar número e pessoa.

(125) a. ava

LAVAR-PRES-IND-3SG

Lava

b. lipia

VER-FUT-PRET-1/3SG

Veria

No entanto, esse padrão não se mantém para todos os verbos, como vimos nos exemplos (123) e (124).

Para a marcação de plural, também não foi constatado padrões (125). Inclusive em alguns termos, há o uso da grafia do PB, com exceção ou troca de um ou mais grafemas (124a).

(126) a. jong

SUBST-MASC-PL

Balões

b. trops

SUBST-FEM-PL

Provas

c. crul

SUBST-MASCU-PL

Presentes

(127) a. saro

SUBT-MASC-PL

Pássaros

b. crança

SUBST-FEM-PL

Crianças

O termo 'pássaro' não apresenta distinção de número.

(128) saro

SUBST-MASC-NEUTRO

Pássaro (s)

Entre os termos analisados, quanto à marcação de plural, esse foi o único que apresentou esse formato neutro.

(129) a. cap

PRON-PESS-3SG

Ele

b. caps

PRON-PESS-3PL

Eles

Segundo a análise dos dados, não há um padrão que especifica marcação de plural, tempo verbal ou gênero na LInv. Além disso, vimos que muitos termos apresentam a grafia semelhante ao PB. Conclui-se, dessa forma, que o grupo não refletiu acerca do funcionamento da LInv, criando apenas vocábulos aleatórios.

Por fim, analisaremos os dados coletados das atividades do grupo B.

A língua criada pelo grupo apresenta regras para atribuição de gênero, além de marcação de plural e tempo verbal. No entanto, os padrões morfológicos são os mesmos encontrados no PB.

O exemplo (130) demonstra a marcação de plural típica do PB; inclui-se o grafema <s> ao final dos termos.

(130) a. baion

ADV-SG

Muita

b. baions

ADV-PL

Muitas

Porém, em alguns casos, a marcação de plural não apresenta essa característica citada anteriormente.

(131) bogni

SUBST-NEUTRO-SG/PL

Meninos / meninas

No exemplo acima, nota-se que o substantivo é neutro, isto é, não há atribuição de gênero, além de possuir uma marcação de plural, a qual é baseada em alternância vocálica, como, por exemplo, em italiano, com exceção de ser neutro.

O próximo exemplo mostra como o grupo atribuiu gênero a alguns termos.

(132) a. beaul

PRON-PESS-FEM-3SG

Ela

b. biaul

PRON-PESS-MASC-3SG

Ele

No exemplo, percebe-se a substituição dos grafemas <i> e <e> para indicar gênero masculino e feminino. Em outros casos, os grafemas foram trocados em relação ao PB, exemplo (133).

(133) a. bon

ART-DEF-FEM-PL

As

b. bam

ART-DEF-MASC-PL

Os

No caso do singular dos determinantes citados acima, a atribuição de gênero não segue o mesmo padrão.

(134) a. bo

ART-DEF-FEM-SG

A

b. be

ART-DEF-MASC-SG

O

Em relação aos verbos, o grupo manteve um radical, atribuindo uma desinência para indicar a marcação de tempo verbal. Essa desinência, contudo, não permanece a mesma em todos os verbos, como ocorre em PB, ela é alterada conforme o verbo utilizado.

(135) a. bild

FAZER-INFINITIVO

b. bildi

FAZER- PRET-PERF-3SG

Fez

c. bildo

FAZER-FUT-PRES-3SG

Fará

(136) a. bonu

VER-INFINITIVO

b. bonu

.VER-PRET-PERF/IMPERF-3SG

Viu/via

c. bonur

VER-PRES-SUBJ-1/3SG

Veja

d. bonus

VER-FUT-PRES-3SG

Verá

Com base nos exemplos acima, fica claro a atribuição de uma desinência para designar tempo verbal. Vemos que cada verbo manteve seu radical, caracterizando, dessa forma, um padrão para marcação verbal. Para retratar o passado, o grupo manteve o mesmo termo para os dois tempos verbais no PB (136b).

Além desses padrões, o grupo também elaborou uma regra para os nomes próprios, a qual funciona como um jogo de palavras – exclui-se alguns grafemas ou troca suas posições no vocábulo e adiciona o grafema ao início.

(137) a. Bão

João

b. Bira

Maria

É considerável salientar que no início das atividades o grupo pensou em utilizar o mesmo termo para indicar todos os tempos verbais. Por exemplo, o termo ‘benur’ seria usado para indicar presente, passado e futuro, distinguindo-o somente de acordo com o contexto. Por fim, conforme criaram a LInv, os participantes perceberam que deveriam criar desinências para indicar tempo verbal, pois sem uma partícula ou desinência seria improvável distingui-lo nas sentenças.

3.8. Conclusão das análises morfossintáticas (fase II)

Diante dos dados analisados, podemos concluir que em muitos casos os grupos elaboraram um padrão morfológico para que a língua se tornasse acessível, no entanto de modo bastante tímido. Esse tipo de atividade lúdica envolve o aluno, fazendo-o aprender uma língua sem a memorização de regras, mas sim compreendendo como tais regras se comportam e funcionam na língua, visto que, utilizam a intuição de falante para construir uma gramática. Percebe-se, no entanto, com base nos dados, que há ainda o desafio de fazer com que os alunos reflitam sobre as regularidades que a língua apresenta.

Com o intuito de contribuir na visualização da ocorrência dos padrões morfológicos criados pelos grupos, elaboramos as seguintes tabelas.

Quadro 17: Atribuição de gênero

Grupos	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
Atribuição de gênero	✓	✓	✓	✓	✓	✗	✗	✓	✓	✓

Quadro 18: Marcação de plural

Grupos	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
---------------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------

Marcação de plural	✓	✓	✓	✓	✓	✗	✓	✓	✗	✓
--------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

Quadro 19: Marcação de tempo verbal

Grupos	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
Marcação de tempo verbal	✗	✓	✗	✓	✗	✗	✗	✓	✗	✓

De acordo com o quadro 17, apenas dois grupos não apresentaram um padrão em relação à marcação de gênero. No caso dos grupos em questão, o padrão neutro também não foi atribuído. Temos, então, uma grande incidência dessa ocorrência, o que mostra que os estudantes/falantes, estão acostumados com esse padrão para atribuir gênero, uma vez que no PB o gênero é marcado – nesse caso, apenas o gênero feminino é marcado, enquanto o gênero masculino não é marcado, pois é designado para marcar uma forma mais generalizada (KOLODNY, 2016). Salientamos que nem todos os grupos criaram o mesmo padrão, pois como aludido nas análises, alguns grupos criaram as desinências <e> e <i> para determinar o gênero, de qualquer forma, os estudantes perceberam que seria necessária a elaboração de uma regra para diferenciar os gêneros. Outros grupos, como o H e o I, elaboraram também uma espécie de gênero neutro, ou seja, o mesmo termo é usado para designar masculino e feminino.

O quadro 18 mostra a ocorrência da regra para marcar plural. A maioria dos grupos também elaborou um padrão. Com isso, constatamos que mesmo o falante não fazendo a concordância dos constituintes – de acordo com a norma culta - ele compreende que é necessário ter alguma indicação de plural. No entanto, o grupo F, novamente, não mostrou uma elaboração de padrões, ou seja, a LInv apresentada pelo grupo não revelou nenhum tipo de regra gramatical.

Em relação à marcação de tempo verbal, vê-se pela tabela 5 que uma minoria criou um padrão. Muitos grupos, no início da pesquisa, elaboraram apenas um tipo de verbo para marcar todos os tempos, porém alguns deles modificaram esse padrão por observar a necessidade de marcação de tempo verbal e número, por exemplo. Contudo, na língua inventada, pode haver a ausência de marcação de tempo verbal e, talvez por esse motivo, a maioria dos grupos tenha criado marcações gramaticais para os verbos de forma aleatória, não estabelecendo uma desinência que caracterizasse tempo verbal e número.

Por fim, concluímos que os falantes, a maioria deles, compreendem que para a língua funcionar devem existir padrões morfossintáticos e regras gramaticais. Todavia, de acordo com as análises, percebe-se que nem sempre compreendem como utilizar essas regras e, por isso, não conseguem elaborar padrões de forma consciente.

CAPÍTULO 4: ENCAMINHAMENTOS DIDÁTICOS

Este capítulo tem como intuito sugerir atividades de forma que profissionais da área de educação possam, de alguma maneira, reaplicá-las em suas aulas. Assim, explicitaremos as atividades bem como seus objetivos específicos, além de apontar como o professor pode trabalhá-las em sala de aula.

A pesquisa foi produzida por meio de atividades que direcionavam os estudantes na criação de uma língua, para que pudessem verificar quais tipos de padrões morfossintáticos e fonológicos poderiam elaborar na LInv. Todas as atividades propostas nesta seção foram aplicadas com estudantes de 6º e 7º anos (entre 11 e 13 anos), porém podem ser adaptadas e trabalhadas com alunos dos demais anos e níveis.

Para melhor compreensão das fases da oficina, abaixo explicitaremos cada uma delas:

I) Conceito de Língua - O que é uma língua? Escrita *versus* fala

Essa primeira parte da oficina é direcionada para instigar a percepção dos alunos acerca das diferenças da língua falada e da língua escrita. A atividade tem o intuito de expor aos estudantes que ambos os sistemas são utilizados na comunicação, porém cada um responde a um contexto específico de uso.

A discussão inicia-se por meio de um vídeo do canal Nerdologia, o qual fala sobre a língua alienígena falada no filme ‘A chegada’. Como complemento para a discussão, apresenta-se um segundo vídeo “Fala e escrita” de Marcuschi (CEEL UFPE, 2011), que retrata a diferença entre as duas linguagens. Esses vídeos norteiam a discussão sobre os tipos de linguagem.

O exercício contribui para que o aluno compreenda e perceba que os sistemas – escrito e falado – não são o mesmo tipo de linguagem. Com isso, promove-se um debate apontando as diferenças de ambas as linguagens, demonstrando em quais ambientes e contextos são utilizadas, apresentando as diversas variações existentes, principalmente, na língua falada. Essa atividade é essencial para iniciar o experimento, pois a maioria dos estudantes, muitas vezes, confunde as linguagens, isto é, o aluno não percebe que língua falada é diferente da escrita, para ele ambas representam o mesmo sistema de linguagem. Como mencionado no decorrer do trabalho, isso é devido ao ensino focado no grafocentrismo.

Após a discussão, o profissional pode solicitar aos alunos que escrevam, em breves palavras, a diferença entre língua falada e escrita. Isso ajudará ao profissional verificar se ficou claro esse assunto entre seus estudantes.

A atividade mencionada pode durar de uma a duas aulas, dependendo do direcionamento da discussão e da turma em questão.

Uma outra sugestão para a sensibilização dos estudantes, seria apresentar outros sistemas de escrita de outras culturas ou línguas. Isso poderia se dar através do seguinte exercício:

- a) demonstrar um curto texto de outra língua que não seja conhecida dos alunos;
- b) fazer com que eles ouçam o texto e tentem transcrevê-lo;
- c) depois das tentativas, mostrar o texto escrito e observar que cada cultura convencionou sua escrita de um jeito, por exemplo:

(138) Russo x Português

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.

Все люди рождаются свободными и равными в своем достоинстве и правах. Они наделены разумом и совестью и должны поступать в отношении друг друга в духе братства.

Fonte: www.omniglot.com

Finalmente, o educador pode preparar uma aula contando como se deu a história dos dois sistemas de escrita e demonstrar que eles são convenções que não nascem junto com a língua, mas que são construídos historicamente. Para isso é importante mostrar textos das diferentes fases do PB, de modo que os estudantes entendam que tanto a fala quanto a escrita vão mudando.

II) Elaboração de um contexto – como surgiu a LInv

Após a discussão sobre as diferenças acerca da língua falada e escrita, os estudantes recebem orientações acerca da criação de um contexto para indicar o surgimento da LInv.

Essa atividade auxilia o estudante na criação da LInv, pois é necessário criar um contexto, para criar a língua. Esse contexto direciona o aluno a refletir sobre a língua que inventará. O educador pode citar exemplos como: i) artefatos arqueológicos encontrados em uma caverna; ii) uma língua alienígena; iii) a língua de um povo antigo; entre outros exemplos. O interessante é observar a imaginação de cada estudante - ou grupo de estudante – durante a elaboração do contexto, visto que, nesse momento, os alunos devem explicar como

será a LInv. Essa atividade é essencial para a elaboração da língua, pois é partindo desse contexto que os estudantes definirão como será a pronúncia e a grafia da LInv.

Essa atividade tem a duração de uma aula.

III) Lista de *Swadesh*

A próxima atividade diz respeito à lista de *Swadesh*³⁸. Essa lista colabora no direcionamento dos alunos em relação à criação das primeiras palavras. A lista usada na pesquisa continha 30 palavras, entre elas algumas indicavam atribuição de gênero, outras apresentavam marcação de plural. Essa lista pode ser adaptada de acordo com o profissional, adicionando ou não mais termos. Após a criação desses termos, o profissional pode solicitar aos alunos a elaboração de uma frase na LInv. A criação de uma frase contribui para verificar a percepção dos estudantes acerca do uso de um verbo em uma sentença, já que na lista não havia nenhum entre os 30 termos. A ausência de verbos na lista foi proposital e, colaborou na reflexão do aluno sobre esse componente em uma sentença. Depois da elaboração da sentença, o profissional pode direcionar algumas frases com o verbo utilizado por cada grupo, para verificar se há marcação de tempo verbal. Vejamos um exemplo extraído do grupo B:

38 Lista de palavras que contém dois idiomas que são comparados (cf. seção 2.4.2)

(139) Bugi buba byer bounilha.

ADV PRON-PESS-2SG ESTAR-PRES-IND-3SG ADJ

Hoje você está bonito.

No exemplo citado, é possível verificar o uso do verbo ‘estar’, além de outros elementos como, advérbio, adjetivo, pronome. Para observarmos se há marcação de tempo verbal, além de atribuição de gênero, mudança no advérbio e adjetivo, podemos direcionar sentenças como:

(140) a. Ontem estava muito frio.

b. Ela estará na minha casa no domingo.

c. Ele vai estar cansado mais tarde.

Pode-se notar com as sentenças no exemplo (140) o uso de tempo verbal, além de variação no pronome e advérbios. Dessa forma, com essa atividade, é possível observar se o estudante criará uma marcação de tempo verbal, diferenciando-os em passado e futuro, por exemplo, além de marcação de gênero. Consequentemente, o profissional pode questionar o estudante acerca de sua escolha sobre esses componentes. Por exemplo, durante a pesquisa, alguns grupos criaram gêneros neutros, alegando que seriam diferenciados de acordo com o contexto. Outros grupos não criaram marcação de tempo verbal e, ao serem questionados, afirmaram que determinariam segundo o contexto, porém conforme criaram a língua, perceberam que deveriam elaborar algum componente que determinasse a marcação de tempo verbal, já que somente pelo contexto não seria possível identificá-la.

Esse é um exercício importante para reflexão dos alunos acerca do funcionamento da LInv, além de colaborar para que o profissional observe como os alunos compreendem a língua. Além disso, é

possível questionar e direcionar os estudantes por meio de exemplos, sem usar uma metalinguagem ou conceito baseado em regras da gramática normativa para explicar o funcionamento de cada componente na sentença. O objetivo desse exercício é fazer com que os alunos cheguem a possíveis respostas sobre a língua. A atividade pode durar duas aulas ou mais.

IV) Criação de frases – elementos de uma sentença

Nessa parte do experimento, os estudantes podem receber diversas frases em PB, dentre as quais serão traduzidas para a LInv. Assim como o exercício acima mencionado, o qual contribui para verificar marcação de plural, gênero e tempo verbal, essa atividade também colabora para averiguar a ocorrência desses padrões na LInv.

As frases dadas aos alunos podem conter variações de gênero, além de termos no singular e plural. Com isso, é possível o profissional verificar os padrões criados pelos grupos.

No caso desta pesquisa, percebeu-se que a maioria dos estudantes apresentaram dificuldades quanto à compreensão de uma desinência verbal, pois utilizaram o mesmo termo para designar os diferentes tipos de tempo verbal. Nesse caso, o profissional pode questionar o aluno perguntando: ‘Se o que você está contando se refere ao que vai acontecer amanhã, a frase seria a mesma?’. Se o aluno usa o mesmo tempo verbal para indicar uma frase no presente e futuro, essa pergunta o ajuda a perceber a diferença entre esses tempos verbais e, espera-se, com isso, que o aluno crie uma marcação de tempo verbal, a qual pode ser indicada por um afixo ou uma partícula (como os auxiliares na LI) que determine cada tempo. Já em relação a atribuição

de gênero e marcação de plural, averiguou-se um determinado padrão na maioria dos grupos. Por isso, nesse exercício o profissional deve estar atento para questionar os estudantes acerca de suas escolhas, instigando-os a refletir sobre como funcionará determinado elemento na sentença.

A atividade pode durar 3 aulas ou mais, dependendo do número de sentenças que o profissional solicitar aos estudantes e dos questionamentos acerca da LInv.

V) Pronúncia da LInv

Um dos desafios da pesquisa é fazer com que os alunos consigam estabelecer uma mínima comunicação na LInv. E, por isso, essa atividade é importante, pois por meio dela promovemos a reflexão sobre a língua ser funcional. No entanto, muitos estudantes criam sons complexos para se reproduzir, tornando a LInv não usável. Por isso, o profissional deve propor diálogos para estabelecer a comunicação entre os grupos, pelo menos durante a elaboração da LInv. Esse exercício contribui na percepção da fonética da língua. Além disso, essa atividade ajuda os alunos na elaboração da fonética da LInv. Após o diálogo, o profissional pode solicitar a elaboração do alfabeto fonético para os estudantes. Esse é um bom exercício para verificar as dificuldades dos alunos em relação aos sons de uma língua. Por exemplo, o grupo A desta pesquisa, elaborou sons de vidro quebrando para o grafema <a> e som de ‘chips’ para o grafema <i>; com isso, é possível notar a dificuldade em relação aos sons, para eles é algo diferente do usado na língua, pois nesse caso, não há como reproduzir esses sons e, por isso, é preciso um direcionamento quanto ao assunto.

O educador pode questionar os estudantes sobre esses sons e como seriam reproduzidos em determinado termo, por exemplo. Para verificar a fonética da LInv, o profissional pode solicitar que cada grupo elabore um diálogo ou pode passar um mesmo diálogo a todos. Após a elaboração desse diálogo na LInv o profissional pode gravar cada grupo falando na sua LInv. Isso contribuirá na verificação das pronúncias, observando se há ou não influência de uma L2.

Essa atividade pode durar duas aulas.

VI) Comparações entre LInv e PB

Por fim, veremos que durante a criação da LInv os alunos compararão, diversas vezes, a língua criada com o PB. Isso é o que se pretende com a pesquisa, pois ao associarem a LInv com a LM os alunos compreendem o motivo do uso de muitas regras gramaticais, as quais, antes não tinham o mínimo sentido para eles. Por exemplo, notam que é necessário o uso de um conectivo – como o ‘e’ ou ‘com’ – em frases como: a) pão com manteiga; percebendo que o significado atribuído a sentença (a) difere da sentença (b) pão manteiga. E, isso só é possível conforme comparam a LInv com o PB. Essas comparações contribuem na criação de uma regularidade para a LInv. Porém, cabe ressaltar que essa lógica difere de grupo para grupo, isto é, alguns não conseguem perceber a importância de manter uma sistematicidade na língua e criam termos aleatoriamente.

Para melhorar essa condição, seria interessante que exercícios para sensibilização da sistematicidade da língua fossem propostos. Até então, os falantes de qualquer língua navegam sobre sua sistematicidade sem a perceberem. Um bom exemplo é o trava-língua:

(141) Um ninho de mafagafos

Tinha sete mafagafinhos

Quem desmafagafar o ninho de mafagafos

Bom desmafagafador será

Muito embora não se saiba exatamente o que é um “mafagafo”, os alunos sabem que a raiz pode se tornar substantivo, verbo, adjetivo. Nesse sentido, jogos e brincadeiras com pseudopalavras da língua podem ser usados em sala e, a partir dele o professor pode encontrar as regularidades demonstrando que por poucos sons, poucas palavras, muitas frases podem ser criadas.

4.1. Conclusões

As singelas sugestões aqui apresentadas pretendem motivar o profissional para adaptação ou criação de exercícios contribuindo para reflexões sobre a língua de um modo particular, além de instigar o raciocínio dos estudantes. Pretende-se que os estudantes cheguem a possíveis respostas do funcionamento da língua, isto é, o profissional apenas direciona-os em relação às atividades, sem passar conceitos de regras de gramática normativa. Espera-se que os alunos usem a gramática internalizada para conseguirem compreender a importância de manter padrões, como por exemplo de marcação de tempo verbal. De acordo com a teoria da gramática internalizada, Chomsky (2006), todo falante é capaz de identificar o que pode ou não ser usado na língua. E é isso que esperamos que aconteça no decorrer das atividades direcionadas, que os alunos percebam, por exemplo, que usar

o mesmo verbo para marcar todos os tempos – presente, passado e futuro – não funciona quando se coloca a língua em uso, pois é necessário haver algum tipo de marcação para diferenciá-los. Para isso ocorrer, no entanto, o professor deve induzir o aluno, por meio de questões, fazendo-o refletir sobre os padrões morfológicos.

Pretende-se, então, que ao invés de transmitir as regras e esperar que os alunos as memorizem, como ocorre na gramática normativa (POSSENTI e ILARI, 1985), propor a eles uma atividade de raciocínio sobre o funcionamento de determinada regra gramatical, mostrando também que na língua há variações e que não devem ser descartadas. Dessa forma, o falante usa sua intuição e gramática internalizada para descobrir e compreender o funcionamento dos fenômenos linguísticos encontrados na língua.

CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos demonstrar a importância de os estudantes construírem uma gramática, analisando as variações existentes nas línguas e compreendendo o funcionamento das regras gramaticais, utilizando para tal a gramática internalizada e sua intuição de falante.

Partimos de Chomsky (2006) e sua afirmação acerca da gramática internalizada, alegando que todo falante a possui e, por isso é capaz de discernir as regras que funcionam ou não na LM. Essas regras, segundo Possenti e Ilari (1985, p.3) são as que o falante domina, reconhecendo o que faz parte ou não da LM.

O intuito do trabalho é mostrar que o aluno/falante tem conhecimento acerca das regras gramaticais existentes na sua LM – no caso o PB – e que não é por meio da memorização dessas regras que o ele adquirirá a linguagem formal, exigida pela sociedade.

Ressaltamos que é compreensível que as LInvs pelos estudantes não sejam línguas completas, muitas vezes nem podem ser consideradas uma língua. Nosso trabalho, no entanto, foi fazer com que os alunos criassem uma língua, para que, por meio de alguns dados conseguíssemos elaborar um método de ensino de conceitos linguísticos, no qual o estudante refletirá sobre as regras gramaticais da língua, além de compreendê-la como objeto científico. Essa atividade contribui para que os alunos percebam que essas regras gramaticais de uma língua não são de natureza social apenas, mas sim biológica, ou seja, a faculdade da linguagem é biológica. Não se trata de pensar em um conjunto de regras a serem memorizadas para uma prova, mas sim de um conjunto de dados vindo da natureza humana. E que a diversas diferenças entre as línguas e as variações das línguas são frutos de mudanças

sociais e históricas e que biologicamente essas mudanças são corriqueiras e precisam ser entendidas.

Nesse sentido, o Capítulo 1 aponta argumentos do motivo de se ensinar conceitos linguísticos, descrevendo que a língua não é somente um aglomerado de regras gramaticais que devem ser memorizadas para serem seguidas de acordo com o que a sociedade determina, mas sim que a língua possui variações dependendo do contexto histórico, social e econômico do falante e, que essas variações não devem ser descartadas e intituladas como “erros”.

Para este trabalho usamos os métodos de pesquisa-ação e atividades voltadas para o aluno que fossem indutivas, este último foi empregado no sentido de direcionar os estudantes nas atividades. Sendo assim, o segundo capítulo aborda e detalha os métodos elucidando-os quanto sua aplicação na pesquisa e ainda, descreve como ocorreram as primeira e segunda fase, além de detalhar as atividades propostas em cada uma delas.

No capítulo 3, analisamos as LInvs das fases I e II, demonstrando alguns dados de cada grupo. Verificamos que os estudantes não distinguem língua falada e escrita e, que para eles, ambas representam um mesmo sistema de linguagem. Por isso, a fonética das LInvs muitas vezes mostra-se confusa e com sons difíceis de reproduzir, pois para os estudantes a língua é um sistema de escrita complexo e, isso é devido ao sistema focado no grafocentrismo.

Ainda no terceiro capítulo, fazemos uma análise acerca da morfossintaxe das LInvs. Percebemos que todas as LInvs possuem a ordem SVO, já que é a única estrutura de conhecimento dos alunos. Em relação a morfologia, constatamos que na primeira fase não houve padrões quanto à marcação de plural, gênero e tempo verbal, pois os participantes elaboraram um sistema de escrita por códigos, o que gerou apenas substituição dos

grafemas do PB pelos da LInvs. No entanto, as LInvs da fase II apresentaram algumas particularidades acerca de atribuição de gênero, marcação de plural e tempo verbal. Constatou-se que alguns grupos, criaram padrões para marcar tempo verbal, usando um radical e acrescentando um sufixo; outros apresentaram marcação de gênero neutra e, às vezes, um mesmo termo foi utilizado, porém com significados diferentes. Entretanto, muitos alunos não conseguiram perceber a importância de estabelecer um padrão e, criaram os termos aleatoriamente. Por isso, é necessário aprimorar as atividades, apresentando o mesmo verbo em diferentes tempos, por exemplo. Além de demonstrar a diferença de sentenças com ou sem conectivos, como é o caso do exemplo (142).

(142) a. pão com manteiga

b. pão manteiga

Os exemplos apresentam significados diferentes. Em (142a) é um sintagma preposicional, enquanto em (142b) é um sintagma adjetival. Com isso, vemos a relevância de demonstrar vários exemplos para que os estudantes reflitam sobre a LM.

Conforme vimos no decorrer da pesquisa, um dos desafios é fazer com que o aluno perceba como funciona determinada regra gramatical na língua. Podemos atribuir como exemplo, o uso de um afixo para indicar marcação de tempo verbal. A maioria dos grupos não encontrou necessidade de marcar os tempos, porém é preciso haver alguma partícula para determiná-los. É devido a esse exemplo que percebemos que as atividades devem ser direcionadas, pois sem essa orientação os alunos não conseguem chegar às respostas, além de não elaborarem padrões morfológicos para as LInvs. Por isso, o profissional deve promover a reflexão dos estudantes por meio de exemplos e contextos, sem passar direto para o conceito de regra gramatical.

Por fim, como encaminhamentos futuros, pretendemos desenvolver um método de ensino de conceitos linguísticos, usando como aporte os dados coletados nesta pesquisa, bem como dados que serão coletados em pesquisas futuras. Esses dados contribuirão para direcionar-nos na elaboração do método. Para tanto, são necessários alguns aperfeiçoamentos nas atividades, demonstrando diversos tempos verbais de um mesmo verbo, para que o aluno perceba que não é possível identificá-los apenas pelo contexto, apresentando pronomes de diferentes gêneros para verificar se o estudante criará uma marcação de gênero. Esses exercícios devem contribuir para a compreensão e reflexão do aluno acerca da língua.

Utilizamos muito o exemplo da morfologia, no entanto todos os níveis podem ser abordados na oficina de língua inventada. A pesquisa ainda seguirá de modo que possamos aperfeiçoar o método e seu material, pois também percebemos que uma das grandes dificuldades, além da confusão entre língua falada e língua escrita, é a falta de compreensão da sistematicidade própria das línguas naturais. Por isso, no desenvolvimento do método, novas atividades serão elaboradas para que essa sensibilização seja desenvolvida e, por fim, que esse método possa ser empregado para a visão sobre o objeto “línguas” voltado para uma abordagem científica.

APÊNDICE A - TALE

TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “Apreensão de intuições linguísticas através da criação de línguas fictícias”. Neste estudo, pretendemos captar intuições linguísticas em alunos do 6º ano conforme os mesmos forem criando suas línguas, além de auxiliá-los a compreender a língua como objeto científico. O motivo que nos leva a estudar este assunto é a aparente dificuldade em apreender a Língua Materna assim como outras línguas como objeto científico.

Para este estudo, adotaremos os seguintes procedimentos:

1. Após a aprovação de seu responsável, a unidade escolar agendará uma aula por semana, sendo a primeira usada para a pesquisadora Jane Eder Girardi explicar o processo para o desenvolvimento da pesquisa;
2. Nos dias designados para a elaboração da pesquisa, você juntamente com um grupo iniciará o processo de elaboração de uma língua fictícia;
3. Essa pesquisa será realizada pela pesquisadora Jane Eder Girardi com orientação do Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde;
4. Durante a elaboração da língua a pesquisadora estará preparada para te auxiliará em qualquer dúvida;
5. A pesquisa terá duração de um semestre, onde ao final cada grupo terá desenvolvido sua própria língua fictícia.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em

qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo, pois possíveis desconfortos podem ocorrer como insegurança, cansaço e dúvidas relacionadas à elaboração da língua. No entanto, ressaltamos que você não será obrigado

APÊNDICE B – Termo de consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. Seu filho está sendo convidado para participar da pesquisa “Apreensão de intuições linguísticas através da criação de línguas fictícias”.
2. Justificativa, objetivos e procedimentos a serem utilizados:
 - a. Seu (Sua), filho(a) ou tutelado(a) foi selecionado(a) por estar matriculado(a) no sexto ano do Ensino Fundamental II da “E. E. Sebastião de Oliveira Rocha”. A participação nesta pesquisa não é obrigatória.
 - b. O objetivo geral deste estudo é colaborar para que a criança compreenda a língua como objeto científico e entenda aos poucos categorias e princípios morfológicos e sintáticos através da criação de uma língua.
 - c. A participação de seu(sua) filho(a) nesta pesquisa consistirá em criar uma língua fictícia juntamente com outros alunos, pois esse processo será realizado em grupo.
 - d. A pesquisa terá a duração e um semestre.
3. Possíveis desconfortos podem ocorrer emocionalmente: insegurança e/ou dúvida durante a criação da língua, e cansaço físico, no entanto, ressaltamos que o(a) participante não é obrigado(a) a participar da pesquisa, podendo interromper sua participação no momento que julgar oportuno. Esperamos que a pesquisa nos forneça dados para que possamos ajudar o(a) participante a apreender a língua como objeto científico. O risco a uma pesquisa como essa é de caráter emocional. Se a criança se sentir desconfortável durante a aplicação do trabalho, a pesquisadora deixará à vontade, incentivando-a a não se preocupar com o resultado. Além disso, a criança terá acesso a esse resultado ao final da pesquisa.
4. A pesquisa se dará em forma de oficina, onde os alunos serão divididos em grupos para começarem a criar a sua língua fictícia. Essa pesquisa será direcionada pela pesquisadora Jane Eder Girardi. Os participantes anotarão todo o procedimento em um caderno oferecido pela pesquisadora. Essas anotações serão utilizadas como dados na pesquisa e arquivadas. Os participantes não serão expostos em nenhum momento da divulgação dos dados. Os participantes e seus responsáveis têm total garantia de esclarecimentos, antes e durante o curso da pesquisa. A respeito dos procedimentos, podem solicitar artigos, relatórios e demais através do meio de contato (mensagem eletrônica).
5. O (a) participante possui total liberdade de consentimento antes e durante o desenvolver da pesquisa:
 - a. Todos os participantes desta pesquisa possuem o direito de se recusar a participar do projeto ou de retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, incluindo a fase de aplicação do teste.
 - b. A desistência ou recusa em participar não acarretará qualquer penalização ou prejuízo nas relações do(a) responsável e do (a) participante com a pesquisadora ou com a “E. E. Sebastião de Oliveira Rocha” e a UFSCar.
6. Os pesquisadores garantem o total sigilo quanto às identidades das crianças que participarão do teste, preservando, assim, a privacidade dos envolvidos:

- a. As informações obtidas através desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre a participação das crianças de seus responsáveis.
 - b. Os dados serão divulgados de forma a NÃO possibilitar a identificação do(a) participante. O procedimento da pesquisa será em forma de anotações, as quais serão feitas pelos participantes em caderno oferecido pela pesquisadora. Esses cadernos serão recolhidos sempre no final de cada oficina. O nome do(a) participante não será divulgado, assim como ao escrevermos o projeto e/ou divulgarmos os resultados, nenhuma identidade será revelada.
7. Você receberá uma cópia deste termo onde consta contato do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde
Universidade Federal de São Carlos
Rodovia Washington Luís, km 235 - SP-310
São Carlos - São Paulo | CEP 13565-905
Telefones (16) 3306-6453
e-mail: cleberconde2@gmail.com

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do(a) meu(minha) filho(a) ou tutelado(a) na pesquisa e concordo com a sua participação.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

São Carlos, _____ de _____ de 2017.

Nome da criança

participante: _____

(Assinatura – Responsável)

Nome do(a) responsável: _____

II.

Roteiro para o protocolo de aplicação do teste da pesquisa “Apreensão de intuições linguísticas através da criação de línguas fictícias”

A pesquisa deverá ser realizada com crianças do sexto ano do Ensino Fundamental II da escola “E. E. Sebastião de Oliveira Rocha”, e pode não obedecer a uma ordem determinada de aplicação, caracterizada por oferecer ao sujeito da pesquisa um ambiente descontraído e informal. Segue o roteiro com os procedimentos que serão aplicados:

- 1) Apresentação em linguagem simplificada para o(a) participante das justificativas, objetivos e os procedimentos que serão utilizados durante a pesquisa. Expor os possíveis riscos e benefícios de sua participação;
2. Lembrar que houve consentimento do responsável para a realização do trabalho, avisar que a identidade dele(a) será mantida em segredo e que seu nome não constará em nenhum relatório;
3. Deixar claro que todo procedimento será registrado em anotações como forma de manter a integridade dos fatos;

4. Comunicar que a pesquisa se constitui na elaboração de uma língua fictícia para uso de apreensões linguísticas;

5. Ao longo do processo será lembrado que o(a) participante tem total liberdade para recusar-se a continuar participando do teste, em qualquer fase da pesquisa.

É importante frisar que todas as etapas da pesquisa serão realizadas da forma mais descontraída possível e com um palavreado simplificado, de conhecimento e utilização dos alunos, para proporcionar um relaxamento e uma maior confiança dele (a) na pesquisadora, podendo transmitir, assim, de uma forma mais segura os dados necessários para a pesquisa.

III.

Atividades que serão aplicadas durante a pesquisa:

1) Primeira Fase:

- Primeiramente a pesquisadora levará os participantes ao laboratório de informática da escola para que eles possam pesquisar diversos sites que ajudarão a obterem mais informações sobre as diversas línguas faladas tanto no Brasil como em outros países;
- Após pesquisarem sobre as línguas nos diversos sites, os participantes assistirão ao filme “A chegada”, já que o mesmo corresponde ao tema.

2) Segunda Fase:

- Os participantes inventarão uma língua que pode ser baseada nos parâmetros da Língua Materna ou de outra língua;
- Criarão um glossário dessa língua, inventando palavras que considerarem úteis para as pessoas que precisam dominar a língua.

3) Terceira Fase:

- Os participantes receberão cadernos onde anotarão o desenvolvimento da construção de sua língua inventada.

APÊNDICE C – Roteiro das atividades

A seguir, descrevemos os passos que serão empregados para a realização da pesquisa:

1. Primeiramente a turma será dividida em grupos com no máximo 5 alunos por equipe;
2. A pesquisadora apresentará o filme “A chegada”, já que o mesmo é condizente com o tema;
3. Após o filme, os grupos discutirão sobre o mesmo com a pesquisadora falando sobre as questões linguísticas envolvidas na temática;
4. Posteriormente à discussão, a pesquisadora fornecerá as devidas informações para a realização da atividade de construção da língua inventada;
5. A pesquisadora motivará os alunos a pensarem em diferentes contextos sobre o acontecimento linguístico que demonstra onde e quando uma língua inventada pode se dar, por exemplo: a) uma ficção sobre a chegada de alienígenas; b) a descoberta de uma tribo perdida; c) uma viagem no tempo a uma civilização perdida; d) a invenção de uma língua por um grupo rebelde; e) a descoberta arqueológica de uma cultura perdida etc. Assim, cada equipe poderá escolher ou criar o seu contexto;
6. Os estudantes deverão inventar uma língua de acordo com o contexto;
7. A partir desse momento, começa o processo de invenção. Conforme os alunos forem inventando a língua, os mesmos discutirão com a pesquisadora sobre possíveis dúvidas em relação ao processo, além de conversarem sobre as suas descobertas relacionadas aos conceitos linguísticos. Ao término da atividade espera-se que os alunos possam se comunicar entre eles com a língua que inventaram; Esta será a parte mais trabalhosa e tomará mais tempo da coleta de dados.
8. À medida que a língua vai sendo inventada, ela também tem que ser documentada, ou seja, os alunos deverão criar glossários, dicionários, textos de exemplo etc;
9. Além do filme, a pesquisadora realizará junto com os alunos visitas a alguns sites para que eles possam verificar como algumas línguas foram inventadas, isso

ocorrerá no laboratório de informática da própria escola. Segue abaixo lista com os sites que deverão ser pesquisados

- Diversos dicionários: www.lexilogos.com
- Sobre os alfabetos de diferentes línguas: www.omniglot.com
- Sobre línguas inventadas: <http://inthelandofinventedlanguages.com>
- Dados comparativos sobre diferentes línguas: <http://wals.info/languoid>

APÊNDICE D – Atividades

Atividade I

• Primeiramente faremos uma visita ao laboratório de informática para que vocês possam pesquisar diversos sites. Esses sites ajudarão vocês a descobrirem mais informações sobre as diversas línguas faladas tanto no Brasil como em outros países, além das línguas inventadas. Segue abaixo sites:

- ✓ www.lexilogos.com (diversos dicionários)
- ✓ www.omniglot.com (sobre os alfabetos de diferentes línguas)
- ✓ <http://inthelandofinventedlanguages.com> (sobre línguas inventadas)
- ✓ <http://wals.info/languoid> (dados comparativos sobre diferentes línguas)
- ✓ <https://translate.google.com.br> (google tradutor)

• Vocês assistirão ao filme “A chegada”. Após o filme, haverá uma discussão sobre o mesmo com a pesquisadora. Essa discussão servirá para falarmos das línguas inventadas, tanto do filme quanto das quais vocês inventarão.

Atividade II

Vocês deverão inventar uma língua e para que tenha um bom resultado é preciso seguir alguns passos:

1. Invente uma história sobre como vocês descobriram essa língua.
Ex.: Vocês pode dizer que descobriu uns escritos em uma caverna e aos estudá-los descobriu que eram de um povo que viveu há muitos anos naquela região.

Use sua criatividade para elaborar a história.

2. Em quais situações uma língua poderia surgir? Línguas como Klingon, por exemplo, foram criadas para os filmes de Star Trek, no Brasil “Jornada nas Estrelas”, assim como o Sindarin que foi criado para o filme “O Senhor dos Anéis”.
3. Comece pensando como será essa língua. Se a mesma será ideográfica (como a Língua Chinesa) ou não.

4. Crie um primeiro glossário dessa língua, inventando palavras que vocês acreditem que sejam úteis para as pessoas que precisam dominar essa língua. .
Ex.: blá = árvore

Vocês podem pensar em como poderia ser o plural das palavras nessa sua língua, como as palavras se ordenam nas frases, se pode ou não pode juntar palavras etc.

Atividade III

- Vocês receberão cadernos onde anotarão o desenvolvimento da construção de sua língua inventada;

- Nesse caderno vocês falarão sobre essa língua;

Ex: Em que local a encontraram, como a descobriram, a quem pertence etc.

- Vocês registrarão a escrita da língua inventada;

- Segue abaixo alguns exemplos de línguas:

→ Em Klingon, temos o seguinte alfabeto:



(Alfabeto plqaD do KLI (Klingon Language Institute))

O provérbio “A vingança é um prato que se come frio!” na escrita Klingon é escrito da seguinte forma: *"bortaS blr jablu'DI' reH QaQqu' nay'!"*;

→ Em russo, temos o seguinte alfabeto cirílico:



Х Ц Ч Ш Щ Ъ Ы Ь Э Ю Я
/x/ /ts/ /sh /šč/ /ç:/ /-/ /i/ /oj/ /e/ /iu/ /ia/

O mesmo provérbio citado anteriormente se escreve da seguinte forma:

“мeсть этo блoдo, кoтoрoe пoдaют хoлoднoм”;

→ Em alemão, temos o alfabeto abaixo:

A	Ä	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	Ö	P	Q	R	S	ß	T	U	Ü	V	W	X	Y	Z
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

E o mesmo provérbio se escreve como mostrado a seguir:

“Rache ist ein Gericht am besten kalt serviert”.

Essas são algumas ideias para vocês observarem como as línguas são diferentes e para vocês pensarem a respeito da língua inventada que vocês serão autores.

ANEXO I – Contextos fase I

Grupo Maap

Nome da equipe: maap

Integrantes:

Líder/Representante:	Ana Beatriz
	Alice Prado
	Marcia Julia Struzzi
	Ana Clara Sousa
	Bela dos Santos

Contexto/Situação da Língua

A cidade maap foi invadida por zumbis e precisamos entender a língua deles, então estamos estudando a língua maap. Precisamos achar um livro com a língua maap para acabar com o apocalipse zumbi. Achamos um diário de um pesquisador que sabia que no futuro isso iria acontecer, e ele tem pistas a onde pode estar o praço!!!

Mais isso é só o começo precisamos de ajuda!!!

di. 18/18

• Características das Zumbis:

- normal
- com fome - fome
- Raiva
- triste

Grupo Estrangerionário



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PPGL - UFSCar

Nome da equipe: Estrangerionário

Integrantes:

Líder/Representante:	Alida Fernanda G. C.
	Julia Mates G. C.
	Andressa Favarro G. C.
	Alina Britina G. C.
	Victoria Riparecida G. C.
	Diogo Lima G. A.

Contexto/Situação da Língua

A história de ~~zumbis~~ vampiros para se comunicarem sem os humanos entenderem os seus códigos que podem indicar a Terra.

Grupo Linguagens do SOR



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
PPGL - UFSCar

Nome da equipe: Linguagens do SOR

Integrantes:

Líder/Representante: <u>Helaine 7ªA</u>
<u>Brenda 7ªC</u>
<u>Matheus 6ªB</u>
<u>Nicolas 6ªC</u>
<u>Otávio 7ªA</u>
<u>Marcos 8ªB</u>

Contexto/Situação da Língua

Os cientistas descobriram uma novíssima
espécie de alienígenas vindos de planetas e precisam
criar uma nova língua para se comunicar
com eles

Grupo clube das Wins

PPGL - UFSCar

Nome da equipe: Clube das Wins

Integrantes:

Líder/Representante: <u>Ana Clara / Aninha 7ªA</u>
<u>Almeida Victoria 7ªA</u>
<u>Ana Clara 6ªA</u>
<u>João Pedro 7ªB</u>

Contexto/Situação da Língua

uma antiga pedra estava cheia de símbolos
estranhos e foi encontrada em uma
antiga pirâmide, onde estava cheia de inscrições
na parede nessa mesma língua. Cujos e nomes são
AHRI

Grupo Criadores de língua do SOR



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PPGL - UFSCar

Nome da equipe: Criadores de línguas do Sor

Integrantes: Amanda, Ana Clara, Kescyane, 000

Líder/Representante: <u>Amanda</u>
<u>Ana Clara</u>
<u>Kescyane</u>
<u>Levi</u>
<u>Paulo</u>

Contexto/Situação da Língua

Nós fomos para a África e lá encontramos uma castela que tinha um povo que falava uma língua muito estranha, mas achamos ele legal e divertido. E com isso decidimos inventar uma língua semelhante a deles.

Grupo Exploradores do espaço



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PPGL - UFSCar

Nome da equipe: exploradores do espaço

Integrantes:

Líder/Representante: <u>Gabrieli C. pereira</u>
<u>Maria Julia dos Santos</u>
<u>Maria Eduarda S. Nunes</u>
<u>Loren Grazielly A. dos Santos</u>
<u>Kauan Yuri G. de Sousa</u>
<u>Maria Clara B. Raphael</u>

Contexto/Situação da Língua

~~Exploradores do Espaço~~ Exploradores do Espaço

o nosso mundo precisa com a pol que existe em um planeta que fica no meio do espaço. E os astronautas precisam de uma língua para se comunicar que não seja complicada e difícil de falar e entender.

Grupo Linguando palavras



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PPGL - UFSCar

Nome da equipe: Linguando Palavras

Integrantes:

Líder/Representante: <u>Rebeca 6^aA</u>
<u>Giordana 6^aA</u>
<u>Ellen 6^aB</u>
<u>gabriela 6^aC</u>
<u>Ellyn nicoly correa Ribeiro 6^aC</u>
<u>Maria antonia 6^aA</u>

Contexto/Situação da Língua

Os romas um grupo de astrónomos, que observamos de um colapso da terra, junto com 150 pessoas. Partamos por 2 mos viajando, quando nosso paquete começou a dar problema, e fomos forçados a parar num planeta desconhecido chamado: Malinqua, ele é um planeta de formas irregulares onde tudo é geométrico sendo assim as diferentes civilizações as formas geométricas e sua forma de comunicação também. E descobrimos que os locais eles demonstram símbolos geométricos diferentes, que eles conseguem com um pó mágico infinito chamado malinqua.

Grupo Náskuka



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PPGL - UFSCar

Nome da equipe: Naskuka

Integrantes:

Líder/Representante: <u>Katharina Camargo</u>
<u>Kehyuri</u>
<u>Xisi</u>
<u>Anna Elara</u>

Contexto/Situação da Língua

Um grupo de 4 estudantes foram a monte fazer uma pesquisa e encontraram ali a forma original a que eles falavam, porém não tinham entendido a língua e se comunicavam.

UFSCAR
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
PPGL - UFSCAR

Nome da equipe: Equipe Estrela

Integrantes:

Lider/Representante: <u>Mariana</u>
<u>Gabriel</u>
<u>Giuliani</u>
<u>João Pedro X</u>
<u>Kelvin</u>
<u>KIMBERLY</u>

Contexto/Situação da Língua

Os ~~unidades~~ unguenios moravam na Planície Baibante que
foi a única cultura, teve o contato com os humanos
e assim lentamente se comunicaram não entendi-
mos e depois começaram a criar palavras a guerra
humanos liberta unguenios, porém os unguenios
eram mais lentos. Depois criaram palavras identificando
língua dos unguenios

ANEXO II – Contextos fase II

Grupo A

Atividade 2: Contexto/história da língua

Equipe: A Data: 29/03/2019

ATIVIDADE

Apos as discussões da aula anterior, pense a respeito da língua que vocês inventaram. Escreva abaixo como surgiu a língua inventada de vocês. Invente uma história para a "descoberta" dessa língua inventada.

Existia quatro exploradores, mulheres, Estrela Negra, Estelar e Cometa. Elas participaram de uma agência interplanetária das exploradoras interplanetárias.

Certo dia, o homem que era chefe dele inventou uma missão. Para elas explorarem o Planeta Marte.

No outro dia bem cedo, colocaram as suas roupas interplanetárias, e partiram para a missão. Chegando lá as missionárias receberam os "Jumianos", falando que havia um problema no Planeta.

Elas ficaram sabendo que no Planeta estava acontecendo infecções de bichos não reconhecidos, que quando eles chegava perto deles, eles se machucava e você virava uma gelatina.

Por conta disso os exploradores, viajaram para outros planetas, e descobriram que esses bichos vivem de que planeta, Zabolândia, e eles eram os Paras Zabol.

Chegaram lá, o quarteto estava desesperado, pois a língua deles eram totalmente diferentes. Para que eles conseguissem conversar com os Zabol para eles pararem de usar outros planetas, e descobrir o porque eles estavam invadindo

outros planetas e por que a natureza deles estavam contaminando os planetas.

Elas voltaram para a agência, e falaram para a travestis que o Planeta Zabolândia falava outra língua, a língua da "K". Então o chefe disse, na "sala" andamos havia o livro preta (havia todos os livros pois era uma biblioteca) preta era o livro da idioma da "K" que eles aprenderiam em uma semana.

Depois de uma semana elas voltaram para a Zabolândia, e conversaram com o Prefeito "Zula" sobre a infecção dos Zabol. O Prefeito disse que eles estavam precisando de mais espaço para morar, pois estavam se reproduzindo muito rápido, e não tinha mais espaço construído escolas, trabalhos e etc...

Quando eles foram para o planeta Marte, e descobriram que eles iam resolver esse problema, quando a Cometa teve uma ideia de tentar achar um planeta vizinho com Pequena População.

No outro dia eles foram pesquisar planetas e acharam o Planeta Júpiter, a Super Prefeita para os Zabol.

Então a missão como era um mestre da ciência achou uma fórmula para reverter a infecção, e a Estelar como era uma construtora muito boa construiu o Planeta Marte e a Estrela Negra como era uma boa arquiteta e escultora, escreveu regras que deviam ser cumpridas para que aquele problema não se repetisse e elas criou as fontes turísticas do Zabol no planeta Júpiter e ensinou os Júpiterianos a falarem a língua da "K" e escreverem nessa língua.

E foi assim que o quarteto aprendeu a língua "K" e começaram a se interessar e...

ESTELAR - pelos novos idiomas
COMETA - vamos ter uma missão
MUVANO - e o problema é...
SIRIA - um hipotético rosa.
-ICGRA

Grupo B

Ficha n.º 02

Atividade 2: Contexto/ história da língua

Equipe: B

Data: 29/03/19

ATIVIDADE

Após as discussões da aula anterior, pense a respeito da língua que vocês inventarão. Escreva abaixo como surgiu a língua inventada de vocês. Invente uma história para a "descoberta" dessa língua inventada.

Olamos astronautas da organização Planeta e fomos enviados para a lua com a missão de pesquisa-la. Mas ocorreu um erro com a nave durante a viagem, que nos aproximou à uma lua mais segura, que acabou nos levando para um universo paralelo. Nesse tinhamos que pensar no planeta mais próximo chamado Bump. Lá habitava muitos seres de diferentes espécies como unicórnios e seres semelhante a cobras. Mas o único que disse é que eles falavam a língua tinha um nome diferente chamado Bups, e tudo o que eles falavam começava com B e se por acaso você for passar lá diga o seguinte: Bump Bump, Bump Bump. Tradução: Estou perdido, pode me ajudar.

Grupo C

Ficha n.º 02

Atividade 2: Contexto/ história da língua

Equipe: C

Data: 29/03/2019

ATIVIDADE

Após as discussões da aula anterior, pense a respeito da língua que vocês inventarão. Escreva abaixo como surgiu a língua inventada de vocês. Invente uma história para a "descoberta" dessa língua inventada.

Durante uma expedição à lua, fomos enviados para a lua com a missão de pesquisa-la. Mas ocorreu um erro com a nave durante a viagem, que nos aproximou à uma lua mais segura, que acabou nos levando para um universo paralelo. Nesse tinhamos que pensar no planeta mais próximo chamado Bump. Lá habitava muitos seres de diferentes espécies como unicórnios e seres semelhante a cobras. Mas o único que disse é que eles falavam a língua tinha um nome diferente chamado Bups, e tudo o que eles falavam começava com B e se por acaso você for passar lá diga o seguinte: Bump Bump, Bump Bump. Tradução: Estou perdido, pode me ajudar.

Nota da atividade: 0,5

Grupo D

Ficha nº 02

Atividade 2: Contexto/ história da língua

Equipe: D Data: 27/03/19

ATIVIDADE

Após as discussões da aula anterior, pense a respeito da língua que vocês inventarão. Escreva abaixo como surgiu a língua inventada de vocês. Invente uma história para a "descoberta" dessa língua inventada.

Entre outros foram a ilha de Moço
foi uma pequena ilha a ilha quando chegou
nos lá, mas um nome velho que era
a suposto um nome antigo de poder
ser que era poder então veio um
dia a ilha mudou que levou dois anos
to, mas não era a sua língua, então
acharam depois-lo.

Nota da atividade: 0,5

Grupo E

Ficha nº 02

Atividade 2: Contexto/ história da língua

Equipe: E Data: 29/03/19

ATIVIDADE

Após as discussões da aula anterior, pense a respeito da língua que vocês inventarão. Escreva abaixo como surgiu a língua inventada de vocês. Invente uma história para a "descoberta" dessa língua inventada.

Um dia nós estamos na sala de
leitura de trás foi pegar um livro, qua-
ndo pegamos o livro a porteleira abriu
um portal para outra dimensão que
surgiu todas nós para dentro dele, então
fezemos para em outra dimensão que se
chamava drangfenl (nos só ouviam os
sons que tinha uma placa). Nessa dimen-
são tinha pequenas rocas que tinham
menos de 15 em cada tabela de cores
diferentes, quando damos tentou aguçamos
a memória, elas pegamos e guardamos
aparte e nos levaram para a rocha
dele que era humana e se chamava
Tefity, Felipe começou a implorar para
que nos saltassem, quando Tefity
percebeu que nós eramos humanas e

Nota da atividade: 0,5

Ficha nº 02

Atividade 2: Contexto/ história da língua

Equipe: E Data: 29/03/19

ATIVIDADE

Após as discussões da aula anterior, pense a respeito da língua que vocês inventarão. Escreva abaixo como surgiu a língua inventada de vocês. Invente uma história para a "descoberta" dessa língua inventada.

nos sentou e levou agente para uma sala
e nos serviu cookies, damos os des-
reu rapidamente, Então Tefity falou:
- Vou ensinar para vocês a
língua dleph mas antes vocês precisaram
de ajudantes porque vão ficar um
bem tempo aqui, lhes apresento os
seus kuanis que serão seus ajudan-
tes essas são, Tikk, Trice, Ueen e
Sass, peguem seus kuanis que eles
lhes ensinaram a língua dleph. Todas
nós ficamos felizes principalmente eu
dellin que comecei a chorar de
alegria.

Nota da atividade: 0,5

Grupo H

Ficha nº 02

Atividade 2: Contexto/história da língua

Equipe: H Data: 28/3/19

ATIVIDADE

Após as discussões da aula anterior, pense a respeito da língua que vocês inventarão. Escreva abaixo como surgiu a língua inventada de vocês. Invente uma história para a "descoberta" dessa língua inventada.

Um dia no planeta Júpiter Steven estava na sua 1ª missão intergaláctica, ele estava pesquisando o planeta Strong quando Steven recebeu o Dato de Steve assim:

- Strong vai terminar o teleporte para Dumbet?
- O Dato responde:
- Sim, mas tem um problema ele não funciona no seu planeta Steven responde com uma voz duvidosa:
- Ok? mas se o relatório sobre Dumbet?
- É assim...
- Steven pega o teleporte e se prepara a ir para a terra.
- Quando está meio perto Steven estava pronto ele estava o seu TP e foi o Dato - Chegando lá ele liga para o Dato e disse:
- Me envia o motor!
- Ok! - Disse o Dato.
- Steven pega o motor X-1-87!

Nota da atividade: 6,5

o Comenta, até chegar na estação L1, 1h, Chegando lá Steven pega o motor no antigo computador da estação. Pensa: se mais hora, o Motor vai chegar na estação para receber os chips de informações. Ele viu o Steven, Worfier deu uma Parada no Colégio de Steven, ele deu mais, e foi o Motor e humana e o motor.

Grupo I

Ficha nº 02

Atividade 2: Contexto/história da língua

Equipe: I Data: 22/01/19

ATIVIDADE

Após as discussões da aula anterior, pense a respeito da língua que vocês inventarão. Escreva abaixo como surgiu a língua inventada de vocês. Invente uma história para a "descoberta" dessa língua inventada.

O começo da vida

Há milhões de anos atrás nasceu um planeta chamado Aquituro, numa via-láctea chamada Leandora, e ela foi formada a partir de produtos radioativos com compostos de metais de metais pesados.

A água do planeta chamava-se Aquituroana, o planeta era muito mais quente, mas muito poluído por causa da radiação que se formava no planeta, por isso, os Aquituroanos tinham armas avançadas, tecnologia avançada. O lado dos Aquituroanos era chamado Vitar Aquituroanos de uma química muito forte e avançada para o planeta.

Nota da atividade: 6,5

Tudo, um dia Humilero local que pigia um asteroide que poderia mudar a vida de terra, então ele espalhou por toda humanidade, mas todos da humanidade o aceitaram, quando as outras tentaram ele o vitaram, então Aquituroanos ficou com um olho mais um olho do planeta terra que dia e noite sem parar ficou pesquisando e pesquisando até que descobriu um planeta "Aquituro" então pesquisou mais e descobriu um planeta de água nesse planeta um ano depois, então ele começou a construir uma máquina para ir a esse planeta, depois de 3 anos ele conseguiu a máquina, então começou a juntar tudo que ele precisava para ir ao planeta, juntou comida, água, seus produtos químicos e algumas roupas e foi para o planeta, quando ele chegou lá, em 10 meses ele descobriu que existia uma espécie de dois pontos belos, então Aquituroanos com seus pontos e algumas coisas que viveu em cantada lá transformou os pontos em pontos maiores, poderosos e muito inteligentes, que viveram em

Grupo J

Ficha n° 02

Atividade 2: Contexto/ história da língua

Equipe: J Data: 29/12/2019

ATIVIDADE

Após as discussões da aula anterior, pense a respeito da língua que vocês inventarão. Escreva abaixo como surgiu a língua inventada de vocês. Invente uma história para a "descoberta" dessa língua inventada.

Um dia, um grupo de quatro amigos foram a uma viagem de barco, e depois de uma longa viagem que pareu em uma ilha por falta de gasolina. Resolveram pedir ajuda, mas não conseguiram, um dos integrantes do grupo decidiu ir procurar ajuda e encontrou uma caverna muito escura mas que no fundo tinha uma coisa muito brilhante. Quando voltou para trás lá tinha as outras três. Quando também foram aquela luz que tanto brilhava no fundo. Eles não entenderam de onde ficavam lá por um longo tempo e talvez não tenham ajuda. Quando colocaram a pé dentro

Nota da atividade: 0,5

da caverna foram sempre perdidos por um sotaque
nente e "talom" mas pelo quem estava no ano de 1974
foi parar em 2050.

ANEXO III – Fichas fase II

Ficha nº 01

Atividade 1: Diferença entre língua e escrita

Equipe: _____

Data: ____/____/____

Nome dos integrantes da equipe:

ATIVIDADE

Após assistir aos vídeos e após a discussão sobre a diferença entre língua e escrita descrevam o que vocês pensam sobre essa diferença.

--

Atividade 2: Contexto/ história da língua

Equipe: _____

Data: ____/____/____

ATIVIDADE

Após as discussões da aula anterior, pense a respeito da língua que vocês inventarão. Escreva abaixo como surgiu a língua inventada de vocês. Invente uma história para a “descoberta” dessa língua inventada.

Atividade 3: Lista de palavras

Equipe: _____

Data: ____/____/____

ATIVIDADE

Observem as palavras abaixo. Pensem em como elas ficariam na língua que vocês inventarão. Antes de escrevê-las pensem na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na elaboração das palavras.

Português	Língua Inventada
Eu	
Você	
Aqui	
Ele	
Ali	
Não	
Menina	
Dois	
Homem	
Pássaro	
Um	
Agora	
Gato	
Cachorro	
Árvore	

Flor	
Bonita	
Português	Língua Inventada
Cabeça	
Viagem	
Olá	
Cheiro	
Dia	
Vento	
Céu	
Bom	
Noite	
Estrada	
Montanha	
Fogo	
Mar	
Vermelho	
Quente	
Nome	
Casa	
Aquele	

Elabore uma sentença usando as palavras que criaram.

Atividade 4: Elaborar frases

Equipe:

Data: ____/____/____

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Vocês deverão escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

- 1) Tomara que ele veja a Maria no parque.

- 2) Maria disse que viu Pedro.

³⁹ Nas fichas de n.04 houve uma alteração nos exercícios 8, 9 e 10 para cada equipe. Essa alteração teve o intuito de verificar alguns padrões relacionados à primeira frase criada por cada grupo.

3) Joana verá sua família no domingo.

4) Se não tivesse chovido, ela veria os balões.

5) João vai ver o jogo hoje.

6) Eles viram muitos pássaros no céu.

7) Foi o João quem viu a Maria.

Equipe A:

8) Ela irá visitar seu irmão em maio.

9) Ele iria ao cinema se não tivesse aula.

10) Acho que ela quer ir ao shopping hoje.

Equipe B

8) Ontem estava muito frio.

9) Ela estará na minha casa no domingo.

10) Ele vai estar cansado mais tarde.

Equipe C

8) Aquele carro será meu.

9) Ela vai ser uma atriz quando crescer.

10) Eles eram meus amigos.

Equipe D

8) As folhas caem das árvores no outono.

9) As taxas de juros voltaram a cair.

10) Ela cairá da cadeira se não ficar quieta.

Equipe E

- 8) Elas vão dar muitos presentes no Natal.

- 9) Ele dará uma volta na cidade.

- 10) Se tivesse dinheiro, Maria daria uma boneca para sua filha.

Equipe F

- 8) Ela vai pegar o livro hoje.

- 9) Ele pegará as atividades mais tarde.

- 10) Eles estão pegando as nossas bolsas.

Equipe G

- 8) Eu e ele somos amigos.

9) Ela comeu pão com manteiga no café da manhã.

10) João e Maria eram casados.

Equipe H

8) Ela queria viajar.

9) .Ele quer um carro novo.

10) Ela quis um vestido para usar na festa.

Equipe I

8) Aquele carro será meu.

9) Ela vai ser uma atriz quando crescer.

10) Eles eram meus amigos.

Equipe J

8) Ela receberá a herança.

9) Ele vai receber uma encomenda mais tarde.

10) Eles receberam muitos presentes.

Atividade 4: Elaborar frases

Equipe: _____

Data: ____/____/____

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Vocês deverão escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

- 1) Foi o Paulo quem fez a torta.

- 2) Pedro e Julia gostariam de ir ao cinema todo domingo.

- 3) Eu gostava de andar de bicicleta quando era criança.

4) Você lavou a louça?

5) Ela fará uma apresentação no sábado.

6) Os pássaros voaram para o sul.

7) A borboleta voa graciosamente.

8) Marcos viajou na Páscoa.

9) Patricia e seu marido viajarão par a Itália no Natal.

10) Ele lava o carro todo domingo.

Atividade 6: Elaborar frases

Equipe: _____

Data: 03/05/2019

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Vocês deverão escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem sempre na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

- 1) Todos estavam cansados após a corrida.

- 2) Todas as crianças ganharam muitos presentes.

- 3) Ela tem poucas provas no mês de maio.

4) As meninas compraram muitas roupas.

5) Ele tem muita atividade para fazer.

6) Toda criança merece ser feliz.

7) Pedro estava muito cansado ontem.

8) Todo homem tem direito à liberdade.

9) Todos os meninos realmente arrumaram o quarto?

10) Todas as meninas realmente fizeram a lição.

11) A Maria não fez toda a lição?

12) O João não fez toda a lição.

Atividade 7: Diálogo

Equipe: _____

Data: 10/05/2019

Passa o diálogo abaixo para a língua que vocês inventaram. Sempre pense na diferença entre língua falada e escrita.

Diálogo

1: Que dia maravilhoso! Você não acha, Laura?

2: Acho, sim. É um dia simplesmente perfeito.

3: A gente podia tirar férias. O que vocês acham?

4: É mesmo. Vocês querem dar um passeio? Enquanto não podemos tirar férias, né?

1: Por que não? Vocês já foram ao parque novo?

2: Não, ainda não fui. E vocês?

3: Também não fui.

4: Eu também nunca fui. Como se chega lá?

1: Não é difícil. Este mapa aqui foi feito pela Secretaria de turismo para ajudar. Vamos ver...

2: Será que tem muita gente lá?

3: Acho que deve ter sim.

4: Será?

1: Provavelmente. Fala-se que somente na semana passada o parque foi visitado por mais de duas mil pessoas.

of binigo buba bo dubo bet
 bua babu birabni bi bo

Pontuação e Acentuação
 [] ~
 [:] ~
 [?] ~
 ['] ~
 [-] ~
 [.] ~
 [^] ~
 [)] ~
 ["] ~
 [] ~
 [-] ~
 [!] ~

Dialogo

Unicórnio: - Belafla - Ola

Humanos - O que sera que eles estão falando?
Unicórnio - Letucababuzigastubimotababubomobunibilaburab do laftol
 - Precisamos comunicar o feuz
Humanos para os humanos - Vamos lerar eis para o Kabeul joi que la ele tem uma fazenda e os cavatos de xernetar com fome.
Unicórnio - Nilalo Churabimolobobras-ffli - Não queremos ir la Churabimolobet Pibrabtabuburattabob laftolizid churamos precuar o feuz
Humanos - temos que achar um jeito de falar com eles
Unicórnio - Bobubomobo vebubabubebet ni bā bo hiba bet beni tut be h, bobu bemo ni bobet bet bo

1- A Maria fez o bolo.
 Ba marabiba bafubezel bo bala bo

2- A maria fez a torta
 ba marabibiba bafuzel tubonsturo

3- O João fez dois bolos
 Bo Budabobaba bafubezel Badub bafubebet ubebabalafobet

4- A maria fez duas tortas
 ba marabibiba bafubezel buba bob tubobabob tubabet

5- O João fez um bolo
 Bo Budabobaba bafubezel bumo bebubolaflo

6- Os meninos estão fazendo um bolo
 Bobet molonibilabobebet bafubebet bafubebet bafubebet bafubebet

7- As meninas fizeram varias bolos
 bobet molonibilabobebet bafubebet bafubebet bafubebet

8- Eles faziam varias tortas
 Be bafubebet bafubezel bafubebet bafubebet bafubebet bafubebet bafubebet

9- ^{elas} ~~elas~~ faziam varias bolos
 be bafubebet bafubebet bafubebet bafubebet bafubebet bafubebet bafubebet

10- Ela e João quem fez o bolo
 Babulá Da Babulá Babulá chulu
 Bome babulá babulá babulá

11- A tarta, foi a Maria que fez.
 Ba babulá babulá babulá babulá
 babulá babulá

12- A tarta foi feita por Maria.
 Ba babulá babulá babulá babulá
 babulá babulá

13- Ela fez o bolo
 bebubá babulá babulá babulá

Grupo Exploradores do espaço

alfabeto Exploradores do Espaço

A	B	C	D	E	F	G	
huc	há	xi	thcu	gfk	ghy	ixi	
u	*	~	*	^	*	o	
H	I	J	K	L	M	N	O
fhv	quay	gogoj	ghj	lui	mill	nill	eghi
g	oo	oo	oo	o	o	o	o
P	Q	R	S	T	U	V	W
pk	sir	kan	abur	eti	iou	ghá	cashy
o	f	o	oo	g	o	s	o
X	Y	Z					
muk	gok	ufy					
o	o	o					

A circular foi feita 29/09/28
O alfabeto e o nome foi 31/08/28

Que são palavras:

- o que são as palavras aqui? Chines
- o que são as palavras agora? Chines
- (a conversa entre exploradores)

A B C D E F G H I
 J K L M N O P Q R
 S T U V W X Y Z

Alfabeto das crianças dia 21/09/18

- Phe rievteris caronaburustu fathvulqurte
 quisvavuvosicia burivoring? Chines linguas
- Egi sivanqen chghumillaghyarua puyhuuzyr
 huwpioghkanhu? Chines (Exploradores)
 Chines linguas

TRANSCRIÇÃO DA FALA

Grupo Criadores de Língua do SOR

Palavras 31/08/18

li - Restey
 tchau - Pary
 tudo bem? - Tudo lye
 Pessoa - Hult
 Ciguela - kill
 Mãe - Puc
 Sim - Pul
 Não - Jany
 Como - fui
 Você! - Peter
 Gente - Hol
 me ciguela - sem Sue
 Por favor? - rap
 Ligado - Sy
 Música - Parent
 Celular - ry
 Massa - duke
 Balsa - kite
 eu - Hult
 quem - Pary
 Hoje - abijanty

amanda - Hingue
 Mela - mype
 Para - Japea
 Sua - Sap
 Eles Jinto
 Conigo - Basita
 Sem - am
 Comida - Jesse
 Com - Pit
 Sol - Plum
 lua - ruyne
 Chuva - Papey
 tempo - Paul
 Dia - Julie
 Noite - teré
 Legal - Leg
 Bicra - Bacé
 Negro - Noss
 falem - auss
 feliz - kery
 Governo - Call
 Bate - alk

isto - thern
 fazendo - fazend
 comarca
 aqui - ac
 ra - Jol
 Casa - cort
 ele - Sic
 @ - roll
 fazem - odd
 Único - Unt
 carro - Mypae
 rodas - pastek
 um - sock
 um - me? (pik)
 rio - tyine
 por - Jint
 perto - rap
 a - au
 Maria - Maria
 Fug - bog
 bole - bot
 duas - chap

~~Nós saímos de tudo
 - Hal Cui de Hult
 para
 Hop duk!
 - Papey back
 - e Sem não fazem
 atividades bem legais
 Sem sock?
 - Nam a Puck Sem -
 ... que nos Puck for Sem -
 all call Sem Jesse
 sock em um ruyne
 pastek por sock parte tyine
 Puck Jint Sap~~

28/10

Para conseguir conversa com
 eles levamos um amigo novo
 para ele traduzir para nós.
 Eles falaram:
 - Restey all piter thim fazend
 aqui ac?
 Para nos entender, resolvemos
 ensinar a eles falar de um
 jeito que nos sabia também.
 Então ensinamos a ele
 fala Restey (ei), com tchau

21/09

Tudo lye (tudo bem) etc...

E assim que nos conseguimos nos
 comunicar com os africanos da
 carcere, Nós dizemos para
 eles aqui sock fazem aqui ra
 - alk piter fazend ac Jol
 cantina
 call?
 - a massa cara e aqui
 - a duke cort roll ac
 - e como voce fazem para comer?
 - e fazend Plum com Jany?
 - Jany duk de tudo Jany duk!
 = Papey back!
 + e sem Puc fazem Jint, sock?
 - Puc Jol um coira que Papey
 e rodas um um ruyne aqui post
 = pastek sock me tyine ac Jint
 sep.

28/10

1- A Maria fez o bolo
 Au Maria fez roll bot

2- A Maria fez a torta
 Au Maria fez roll bot

3- O João fez dois bolos
 Roll Jay fez roll bot

4- A Maria fez duas tortas
 Au Maria fez chip aubot

5- O João fez um Bolo
 Roll Jay fez roll bot

6- As meninas estão fazendo
 roll mach them
 um bolo
 ml bot

7- As meninas fizeram várias
 bolos
 Au many fez roll bot

8- Eles faziam várias tortas
 Jinho Sam Will got

9- Eles fizeram várias bolos

João faz várias bolos

10- foi o João quem fez o
 bolo
 Mem roll Jay Jay fez roll
 bot

11- A torta, foi a maria que
 fez au est melancia maria K
 faz

12- A torta foi feita por
 maria Au bot se foi no
 Maria

João faz várias bolos

10- foi o João quem fez o
 bolo
 Mem roll Jay Jay fez roll
 bot

11- A torta, foi a maria que
 fez au est melancia maria K
 faz

12- A torta foi feita por
 maria Au bot se foi no
 Maria

13 - Eu fiz um bolo
 Puxul lúx pik lúx

14 - Eu e a Maria fizemos
 uma torta
 Puxul sêr cu maria turk
 Sêl est

15 - A Maria fez seu bolo
 Au Maria bog xip lúx

16 - O João fez um bolo
 para mim

Voll joy lobu pik lúx papoo
 men.

Os = xalls
 Inúmes = mach
 Elvêr = fants
 forom = for
 Vorica = voriam
 Têta = bats
 Fai = fo
 Aita = fei
 per = so
 Sen = Sup
 doir = Sêr
 Vênos = Vêmm
 Cozêr = Tuc
 unê = xi
 Pesquisa = Jan
 Sobr = pã

Uê = Restey
 Tchou = Poux
 Tudo Bem = Tudi lèx
 Vord = Pitor
 Hoy = afigamity
 Gente = Hôl
 Por favor = Top
 Obrigada = Sy
 Amanhã = Hingue

१ ०१८ ५८५ ०३०३०५० १८१८
 ५५ ५५५ ५५५५५५
 ०१८ ०३०३०५० १८१८ ०००१
 १८१८ १८५५ ५०१५८५५ ५०
 ५५५५११११ १११ ५५५५८ १८११११
 ००० ५१११ १११११

Traduzam usando a página anterior
 e escreva abaixo:

Traduções

E ELA NÃO PRETENDE MATAR
 SO NÓS, CORRAM
 ELA PRETENDE matar
 quem achar

PAÇOCA

०११११११

28/09

teste de som

"१११११ ११०५० ०५५० १११११"

NULOJESHI	UNJAVIEILE
↓ ↓ ↓	↓ ↓ ↓ ↓ ↓
N O S	A J U d e

PEI OJER	EFUNVEIOJER
↓ ↓ ↓	↓ ↓ ↓ ↓ ↓
P O R	F A V O R

♡ focases ♡
 a Maria fez o bolo.
 • १ १११११ १११ ५५५५५

a Maria fez a torta
 • १ १११११ १११ १ ५५५५५

O João fez dois bolos
 • ५५५५५ १११ ५५५५५ ५५५५५

A Maria fez duas tortas
 • १ १ ११ ११ ११ ११ ५५५५५ ५५५५५
 १ १

O João fez um bolo
 • ५५५५५ १११ ५५५५५

↑F

Os meninos estão fazendo um
 bolo
 • ५५५ १११११११ १११११ १११११११११
 ५५५ ५५५५५

Os meninos fizeram varios bolos
 • ५५५ १११११११ १११११११११११
 ५५५५५

Eles faziam varias tortas
 १११११ ११११ १११११११ ५५५५५

Eles faziam varios bolos
 १११११११ ११११ ११११११११ ५५५५५
 ११११

foi o João quem fez o
 bolo
 • १११ ५५५५५ ११११ ५५५५५

A torta, foi a Maria que
 fez
 • १ ५५५५५५५, ११११ ११११११ ११११
 १११

A torta foi feita por Maria
 १ ५५५५५ ११११ १११११११११

D D Δ Δ ? □ □ ∞ Δ □
 C) ^ ! ? . " " - / \

$\frac{21}{09}$ OI - Ortui - □ Δ

TCHAU - Tarasiriharaturu - ▲ ■ ■
 ▲ ○

NÃO - Nilastiar - □ ▲ □

SIM - Sitimay - ▲ ■ ■

CLARO - silistivosa - ■ ■ ▲ □

TOP - Taraspiti - ▲ □ ■

TUDO - taraurudur - ▲ ○ ▽ □

BEM - Birtomay - ■ ■ ■

GRATIDÃO - Giraatitoratuidiatior
 ■ ■ ▲ ■ ▽ ▲ □

Bom dia - Birimiletevirali - ■ □ ■ ■ ■

"Uma fugazi... em huma-
 nos da matéria de alio-
 manismo"

"■ ■ ▲ ■ ■ ■ ■ ■
 ▲ ▲ □ ■ ▲ ■ ■ ■ ■ ■
 ■ ■ ▲ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■
 ▽ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■"

R- "Poxa eles são mais
 feios pessoalmente"

"■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■
 ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■
 ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■"

1-FALA - Intuiharati furrugziati
 siation orsi harurumayati-
 nilorsi ducti maytitarato
 ratuisti ducto atiltior-
 mayatiniltuisimayor

$\frac{01}{19}$

2- Sala - Pitioracaati
 etalictosi variator mayatitua
 fustituisi pitictosioratilmayeta
 niltaraets.

3º- Reposto = "Vamos comer
 arroz e outros que es-
 tamos sendo enradidos"

- ▽ ▲ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■
 ▲ ▽ ▲ ▲ ▲ ■ ■ ■ ■ ■ ■
 ▲ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■
 ▲ ▲ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■
 ■ ■ ▽ ▲ ▽ ▲ ▽ ■ ■

3- Sala -
 vāatimayosi viorioriciorā tivātuis
 atirā vūi vūantorariāosi quātivūta
 etositaratimayosi sietonilohuau ite-
 nilorōdituiduosi.

$\frac{28}{09}$
 $\frac{18}{18}$

Buro - Pitioracatitilolarats. ■
 ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■
 canā - sūiatnilbelatarā.
 ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■

Sāpis - Siatpilituisi. ■ ■ ■ ■ ■

te haru B- Dis = taratonilokorati
 uumay Bivormay dutuati.
 ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■

professor - Pitioracatitilolarats
 PRO ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■

POR QUE NOS ESCOLHEMOS
 ESSE TEMA?

Porque achamos interessante e
 legal.

Grupo Náskuka

alfabeto Náskuka

L-H - A - pronúncia - Ao
 Er-B - pronúncia - Ei
 3) Os - C - pronúncia - Ca
 Di - D - pronúncia - Di
 Eii - E - pronúncia - Eo
 Fii - F - pronúncia - Fa
 Gii - G - pronúncia - Go
 Hii - H - pronúncia - Ho
 Iii - I - pronúncia - Io
 Jii - J - pronúncia - Jo
 Kii - K - pronúncia - Ki Ki
 Lii - L - pronúncia - La
 Mii - M - pronúncia - Makro
 Nii - N - pronúncia - Nav
 Oii - O - pronúncia - Oro
 Pii - P - pronúncia - Pi
 Qii - Q - pronúncia - Qor
 Rii - R - pronúncia - Rath
 Sii - S - pronúncia - Swi
 Tii - T - pronúncia - trik

21/09/2018

- Oroio, viioedmakro dieo - oroio trikpatini
 oro pivlaadonahedtrikao,
 pivoorathao caoronahyedcaedmakrooro

HO AIOEDMAN?

- Oro qorucued flaaoozool'edma
 aooorio i

- VIA DMAKROOROSWI FLAAOOZOOLED RATH
 URUMAKROAO PIVEDQORIOSWIAO

Pontuação

? = |
 ! = |
 ^ = V
 N = | \ |
 / = |
 o = |

1 - a Maria fez o Bolo
 L.H - | \ | L.H - | \ | L.H | E |
 E | E | E | E | E | E | E | E |
 | + | | E | E |

2 - a Maria fez a Torta
 L.H - | \ | L.H - | \ | L.H | E | E |
 E | E | E | E | E | E | E | E |
 | + | | E | E |

3 - O João fez dois Bolos
 | E | E | E | E | E | E | E | E |
 E | E | E |

4 - a Maria fez duas Tortas
 L.H | \ | L.H - | \ | L.H | E | E |
 E | E | E | E | E | E | E | E |
 | + | | E | E |

5 - O João fez um Bolo
 | E | E | E | E | E | E | E | E |
 E | E | E | E | E | E | E | E |
 L.H | \ | L.H | E | E |

0 - Os Meninos estão fazendo Um Bolo
 P C P T Y L A T T C
 U P L H C L T U U A
 D I G S U P Y B I C L P S

7 - As Meninas fizeram varios Bolos
 L B T L O I O L P
 T J T L Y L O Y
 E Y I O P U O T O P

8 - Eles fazem varias Tortas
 E L L P L H P T T L P H L T L H X I
 L Y P P X L Y P

9 - Elas farão varios Bolos
 E L L P L H P T T L H Y L H
 T L V L H Y I H I C P E T I L
 I L P

10 - Foi João que fez o Bolo
 Y T U T I T P T L L H
 T L M E H T T I U
 T P T T T L I T T

11 - A Torta Foi a Maria que fez
 L H P P P O P L H H G H
 L H P L H Y P L H M P L H T

12 - A Torta Foi feita por Maria
 L H P L H Y P L H Y I L H
 L H P L H Y I P Y L H Y I L H

13 - Eu fiz um Bolo
 E L T P U P T I L T T P U P Y
 P T P C L H T C

14 - Eu e a Maria fizemos uma Torta

0 - U - L - I - Y - L H - Y - L - I -
 T - L - Y - L - U - T - L -
 P - O - X - P - L

15 - a Maria fez seu Bolo
 L H P Y L H T T L H
 T P L E T T T T E T P T U
 T T T T T T T T

16 - O João fará um Bolo para mim
 P C P T L H P T T L H X P
 P Y P C L H P L H T L H X L H
 T Y P T P Y

Grupo Maap

31/08/13

Maaaps
(Lingua dos Zumbies)
Som: Zumbiload

Jacha: ola (K)
Maxio esquerda (E)
Maxio direita (D)
Maara: Tudo bem (B)
Maai: Tudo (I)
Zaa: bem (b)
Huggao: Corra (H)
Hugga: Huggao corra rapido (WH)
Hanga: de escanda (O)

Alfabeto ↓

Q = a Ha I = b = ou
A = C = Hon V = D = Dan
O = E = Eery F = F = Pofon

@ = G = Jonn H = H = Malhamas
J = i = Ligg ã = ã = Loon
↳ = K = Cha d = L = Xin
||| = M = VIN ||| = N = um
O = O = NON P = P = ti

Q = Q = R = R =
O = S = T = T =
X = u = A = V =
O = W = M = X =
Y = y = Z = Z =

11/09/13

nome de cada um

uma Beatriz: Bea: BB
uma Clara Souza: Anitha: ca
Alice Prado: Lica: Ka
Mafu Strazi: MJ: Su
Paula dos Santos: Ola

Palavras:

Soso = (chau) = O O O O =
Pizza = Bea = I J A
Batata frita = Pia = P J A
lasanha = amha = H A O A I I H A
Hamburguer = H A I I I : I X P @ X O P
acai = sui = A A A J
torta = tata = T A T A
Stroganoff = ST P O O O O I I O B F
comida = HO
umde rapido = H A H A H A
Arde = lala = d

- Hugga (Ka)
- Harkig (lala)
- Hugga (Hugga) (Su)
- Ha Ha Ha (Ola)
- Sai ↳ ↳ ↳ (BB)

A mais fez o Bolo
Ha VIMHARHA P O S O I O O O

A mais fez o Torta
A VIMHARHA A
T O B T A

O João fez o Bolo
O O A O F O S V O J O B O O

A torta foi feita por Maria
 A + o b t a s o d t o t a
 p o o b i i a r d j a

Eu fiz um bolo
 o x f d s x i i i g o y e

Eu e a Maria fizemos uma
 torta
 o x o a i i i a r d a f d s
 o i i i o o x i i i a t o r a t o

A Maria fez seu bolo
 a i i i a r d a f o s o o x
 g o d o

O João fez um bolo para mim

A Maria fez 2 tortas
 a i i i a r d a f o s v t a e
 t o r t a s

O João fez 1 bolo
 o x f o a s f o s x i i i g o y e

Os meninos estão fazendo 1
 bolo.
 o x i i i o i n o s o s t ã o f a z e n d o
 b o l o

As meninas ~~estão~~ fizeram vários
 bolos
 h a o f d s o r a i i i
 a r d o o o o o o

Grupo Estrangeirionário

ESTRANGEIRIONÁRIO 31/08/28

Alfabeto.
 A - B - C - D - E - F - G - H - I - J - K - L
 M - N - O - P - Q - R - S - T - U - V - W
 X - Y - Z

0 = 0
 1 = 1
 2 = 2
 3 = 3
 4 = 4
 5 = 5

6 = 6
 7 = 7
 8 = 8
 9 = 9
 10 = 10

Shorthand numbers
 0 - zero - Oll
 1 - um - nome
 2 - tu - duro
 3 - teu - tere
 4 - four - fore
 5 - five - fife

6 - six - six
 7 - seven - seven
 8 - eight - eight
 9 - nine - nine
 10 - ten - ten

5. O João fez um bolo
 O Bolo B B B O W E O B

6. Os meninos estão fazendo um bolo
 E O a B C X A C
 X C A B B

7. As meninas fizeram vários bolos
 C B W B X A B B B B B C W
 A C B X X O B E O B O B

8. Eles não fazem vários tortas
 B O B B B B E B X B W
 A E B B B B B B B B B B B

9. Eles farão vários bolos
 B V E B B B B B A C B X O B
 E O B O B

10. Foi o João quem fez o bolo
 B B X B B B B B B B B B B
 E E O B O B

11. A torta, foi a Maria que fez
 C X O B X B B X O C W E B B B B
 B B B

12. A torta foi feita por Maria
 B X B B B B B B B B B B B
 C X O B X B B B X B B B B B B
 W E B B B

Linguagens do SOR

LINGUAGEM

Dia 1

Letras:

I - a - II - C - III - H - I - 2 - X - 7 - W - V
 A - B - C - D - III - H - I - 5 - K - L - M - V

● III - d - Ø - R - S - L - N - X - IIII - X
 O - p - a - R - S - T - U - V - W - X

λ - 5
 γ - 2

Sons -

A = Aha Aha J = xi xi
 B = iu iu ^{de longo} K = mai mai ^{de longo}
 C = xala L = Na Na
 D = Ti Ti M = Ma Ma
 E = bi bi N = Uha Uha
 F = Ra Ra O = ba ba
 G = Pala Pala P = pa pa
 H = Ri Ri Q = To To

S = Jo Jo W = Bia Bia
 T = Kaka X = ai ai
 V = De De Y = xa xa
 V = U U Z = Bau Bau

Dia 2

Jadenha nbanha nbanha
 Suave na noce.

Unhcnhahijajanhca
 Vonessa

Kabinantanhca
 Terra

Kobe nhcnmaba
 Ts omce

Rizinabala Janha
 Helcaia

$B+A = \text{ima}$
 $B+E = \text{ibu}$
 $B+i = \text{ila}$
 $B+O = \text{upa}$
 $B+U = \text{ida}$

 $C+A = \text{xan}$
 $C+E = \text{xila}$
 $C+i = \text{xal}$
 $C+O = \text{bax}$
 $C+U = \text{derca}$

$X+A = \text{Hax}$
 $X+E = \text{Bica}$
 $X+i = \text{Lia}$
 $X+O = \text{baa}$
 $X+U = \text{daa}$

 $Z+A = \text{Bom}$
 $Z+E = \text{Bi}$
 $Z+i = \text{Bal}$
 $Z+O = \text{Bab}$
 $Z+U = \text{Beu}$

~~scribble~~
 $A+A = \text{Nah}$
 $A+E = \text{baei}$
 $A+i = \text{Nai}$
 $A+O = \text{bhai}$
 $A+U = \text{Dhe}$

$L+A = \text{man}$
 $L+E = \text{Nia}$
 $L+i = \text{Mal}$
 $L+O = \text{Naa}$
 $L+U = \text{Ned}$

 $M+A = \text{Mon}$
 $M+E = \text{mi}$
 $M+i = \text{mal}$
 $M+O = \text{maka}$
 $M+U = \text{Me}$

 $N+A = \text{Nah}$
 $N+E = \text{Nia}$
 $N+i = \text{Nhl}$
 $N+O = \text{bah}$
 $N+U = \text{Nhe}$

 $P+A = \text{Pom}$
 $P+E = \text{Pib}$
 $P+i = \text{Lap}$
 $P+O = \text{bap}$
 $P+U = \text{Pia}$

$E+A = \text{bam}$
 $E+E = \text{ibi}$
 $E+i = \text{Lai}$
 $E+O = \text{abi}$
 $E+U = \text{Edi}$

 $I+A = \text{ala}$
 $I+E = \text{ali}$
 $I+i = \text{ala}$
 $I+O = \text{dai}$
 $I+U = \text{eda}$

 $O+A = \text{bám}$
 $O+E = \text{báe}$
 $O+i = \text{bál}$
 $O+O = \text{bób}$
 $O+U = \text{bád}$

 $U+A = \text{deo}$
 $U+E = \text{dil}$
 $U+i = \text{dol}$
 $U+O = \text{bad}$
 $U+U = \text{Dea}$

0 = ✓

1 = ♥

2 = 0

3 = b

4 = " " "

5 = ~✓

6 = B

7 = |

8 = A

9 = ±

10 = W

ANEXO V – LInvs: FASE II

Grupo A

Atividade 3: Lista de palavras Ficha nº 03

Equipe: A Data: 05.04.2019

ATIVIDADE

Observem as palavras abaixo. Pensem em como elas ficariam na língua que vocês inventarão. Antes de escrevê-las pensem na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na elaboração das palavras.

Português	Língua inventada
Eu	KIUCHADAR
Você	KATHUSKA
Aqui	KAY
Ela	KAUANONA
Alá	KELLY
Não	KIIMATI Kna't
Menina	KARATEK
Dois	KAIDY
Homem	KIEGO-KA
Pássaro	KONGEIKÃO
Lim	KEIS
Agora	KOPES
Gato	KATE
Cachorro	KOMLY-MA
Árvore	KILVA-KE
Flor	KAIKE
Bonita	KAMSAMIDA
Português	Língua inventada "K"

Cabeça	KATEK
Vtagem	KOLLER
Olá	KEOMBAL
Cheiro	KUK-TCH
Dia	KOIKE-MA
Vento	KEUTWA
Céu	KREE FIREL
Som	KREIS
Noite	KNICE
Estrada	KWIP;LoR
Montanha	KOSTILA
Fogo	Kata
Mar	KLOAS
Vermelho	KE-MANDO
Quente	KADOMA
Nome	KAYDARO
Casa	KUEZ-TO
Aquele	Kiimidi

EU	FUI	NA	ÁDRIA	E	COMPRI	QUATRO
KYUCHADAR	KYI	KA	KIMILIA	KE	KIYIVA	KALATRO
CAROLINAS	E	COMI-EIAS	E	ESTAVA	MUITO	
KARLINS	KE	KIMATAS	KE	KIINAVOM	SULCHI	
BOAS						
KONAS						

Atividade 4: Elaborar frases Ficha nº 04

Equipe: A Data: 12.04.2019

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Vocês deverão escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

1) Tomara que ele veja a Maria no parque.
KLYS Kay Kauanona Kalki Maria KUD
KENDOFF

2) Maria disse que viu Pedro.
maria kabo Kay Kyll Pedro
KIMA

3) Joana verá sua família no domingo.
Joana KIMSEIO KIMA Komikior Koller

4) Se não tivesse chovido, ela veria os balões.
Kalim Kna't KATON Kluemat KAVACA
Koryella KEIT Korais

5) João vai ver o jogo hoje.
João KATICH Kaith KIMAKA
KUDA

6) Eles viram muitos pássaros no céu.
Kauanona Kauam KAITOS KONGEIKAOS
KLEU

7) Foi o João quem viu a Maria.
KLAITMA ka João KROLOGA
KILL KAIA MARIA

8) Ela irá visitar seu irmão em maio.
Kauanona Kaira Kibar KAIKE
KALIMA-TO KISAI-U KAMINO-SO

9) Ele iria ao cinema se não tivesse aula.
Kauanona Kwik Kicin Kiatha
Ke Kna't Kisse Kaut

10) Acho que ela quer ir ao shopping hoje.
Katcho Kay Kauanona Kuen
Kasimi Káel Keshop Kista

08-09

Ficha nº 05

Atividade 4: Elaborar frases

Equipe: A Data: 20/9/19

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Vocês deverão escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

- Foi o Paulo quem fez a torta.
Klatyna Klacho Paula Kayaba Kyo Kal Korta
fez = Kyo
 pão = Korta
- Pedro e Julia gostariam de ir ao cinema todo domingo.
Pedro Kusarati Julia Kilit-lu Kuum
Kosomy Käeli Kiata Killor
Kially
- Eu gostava de andar de bicicleta quando era criança.
Kyatchmarit Klistyle Kuum Kloulet
Kuum Kardem Kosmatela Kitata?
Kfili
- Você lavou a louça?
Kathuka Katmanari Kal Kazi?

- Ela fará uma apresentação no sábado.
Kauama Kimo-to Kayatal Kasa
Klay
- Os pássaros voaram para o sul.
Keilt Korgekäs Kumbati
Kaliga Klacha KLEM
- A borboleta voa graciosamente.
Kel Kertuma Kamisli
Kelam
- Marcos viajou na Páscoa.
marcos Kustaja Kalpi Koasi
- Patricia e seu marido viajarão para a Itália no Natal.
Patricia Kusarati Kaike Klachos
Kilhei Kapple Kal Italia Klay
Natal
- Ele lava o carro todo domingo.
Kauomara Kikel Klacha
Kalimha Killor Kially

Ficha nº 06

Atividade 6: Elaborar frases

Equipe: A Data: 03/05/2019

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Vocês deverão escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem sempre na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

- Todos estavam cansados após a corrida.
Killa's Kihinson Kaumila Kanakill Kal
Kanara
- Todas as crianças ganharam muitos presentes.
Killan's Kells Keki Kesta Kartana Klau
presentes
- Ela tem poucas provas no mês de maio.
Kauomara Ka Kihlra Klitas Kulida Ku
é o mês de maio
Katilane
- As meninas compraram muitas roupas.
Kalo Karatek Kumbatia Kantar Krap
- Ele tem muita atividade para fazer.
Kauomara Kus Kartas Kista Kapalle Kostar

- Toda criança merece ser feliz.
Killa Kfili Nlu Nlu Killa
- Pedro estava muito cansado ontem.
Pedro Kapa Kartas Kaulha
Kuusta
- Todo homem tem direito à liberdade.
Kellan Kiegn-ka Kasa tanta
liberdade
Kal Kinnill
- Todos os meninos realmente arrumaram o quarto?
arrumado
Killa's Keilt Karatek's Koi
arrumado
Kathau Keilt Kuo?
- Todas as meninas realmente fizeram a lição.
Killas Kal's Karatolasa Ka
Kelohin Kal Kelo
- A Maria não fez toda a lição?
Kal Maria Kuo't Kyo Killa
Kal Kilo
o trabalho
- O João não fez toda a lição.
Klacha João Kuo't Kyo Killa
Kal Kelo

Grupo B

Ficha nº 01

Atividade 1: Diferença entre língua e escrita.

Equipe: B Data: 15/03/19

Nome dos integrantes da equipe:

Beatriz Tortura 6ºB
Susy Maria Cruz 6ºA
Isabella de Falcão 6ºB
Anna Julia 6ºA

ATIVIDADE

Após assistir aos vídeos e após a discussão sobre a diferença entre língua e escrita descrevam o que vocês pensam sobre essa diferença.

Escrita: A escrita pode ser usada para nos comunicarmos, por exemplo através de cartas, bilhetes e etc...

Idéia: Também é outra forma de nos comunicarmos e nos expressarmos.

Ficha nº 03

Atividade 3: Lista de palavras

Equipe: B Data: 05/04/2019

ATIVIDADE

Observem as palavras abaixo. Pensem em como elas ficariam na língua que vocês inventarão. Antes de escrevê-las pensem na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na elaboração das palavras.

Português	Língua Inventada
Eu	Bia
Você	Buba
Aqui	Bern
Ele	Biaul
Ali	Bils
Não	Bewn
Menina	Benni
Dois	Bafnu
Homem	Bolly
Pássaro	Biu Biu
Um	Bafnu
Agora	Blin
Gato	Blink
Cachorro	Boog
Árvore	Brash
Fior	Blary
Bonita	Beumilha

Cabeça	Berdella
Viagem	Bodny
Ola	Birô
Cheiro	Be-xer
Dia	Belado
Vento	Beers
Céu	Billu
Bom	Buud
Noite	Betaydo
Estrada	Bum
Montanha	Berd
Fogo	Bire
Mar	Bérr / É = Bó
Vermelho	Bredi / Está = Byer
Quente	Barder / Hoje = Bagi
Nome	Baidoul / Via/viu/ver = Bonu
Casa	Bilzy / no = Beu
Aquele	Biverlou

1- Olá, Hoje você está Bonite(a)

1- Birô, Bugi Buba Byr Beumilha

2- Biaul Bonu Bafnu Biu Biu Bêu Billu (ele viu um pássaro no céu)

Atividade 4: Elaborar frases

Equipe: B Data: 12/04/19

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Vocês deverão escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

- Tomara que ele veja a Maria no parque.
Bland Bin Biaul Bonu Bern Bina Bonu Perry
- Maria disse que viu Pedro.
Bira Bier Bin Bonu Berda
- Joana verá sua família no domingo.
Bonu Bonu Bonu Bonu Bonu Bonu Bonu
- Se não tivesse chovido, ela veria os balões.
Bi Bown Berd Binda Beaul Bonum Bos Bauli

5) João vai ver o jogo hoje.
João vai ver o jogo hoje.

6) Eles viram muitos pássaros no céu.
Eles viram muitos pássaros no céu.

7) Foi o João quem viu a Maria.
Foi o João quem viu a Maria.

8) Ontem estava muito frio.
Ontem estava muito frio.

9) Ela estará na minha casa no domingo.
Ela estará na minha casa no domingo.

10) Ele vai estar cansado mais tarde.
Ele vai estar cansado mais tarde.

Ficha nº 05

Atividade 4: Elaborar frases

Equipe: A Data: 26/4/19

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Você deverá escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

1) Foi o Paulo quem fez a torta.
Foi o Paulo quem fez a torta.

2) Pedro e Julia gostariam de ir ao cinema todo domingo.
Pedro e Julia gostariam de ir ao cinema todo domingo.

3) Eu gostava de andar de bicicleta quando era criança.
Eu gostava de andar de bicicleta quando era criança.

4) Você lavou a louça?
Você lavou a louça?

5) Ela fará uma apresentação no sábado.
Ela fará uma apresentação no sábado.

6) Os pássaros voaram para o sul.
Os pássaros voaram para o sul.

7) A borboleta voa graciosamente.
A borboleta voa graciosamente.

8) Marcos viajou na Páscoa.
Marcos viajou na Páscoa.

9) Patrícia e seu marido viajarão para a Itália no Natal.
Patrícia e seu marido viajarão para a Itália no Natal.

10) Ele lava o carro todo domingo.
Ele lava o carro todo domingo.

Atividade 6: Elaborar frases

Equipe: B Data: 03/05/2019

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Você deverá escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem sempre na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

1) Todos estavam cansados após a corrida.
Todos estavam cansados após a corrida.

2) Todas as crianças ganharam muitos presentes.
Todas as crianças ganharam muitos presentes.

3) Ela tem poucas provas no mês de maio.
Ela tem poucas provas no mês de maio.

4) As meninas compraram muitas roupas.
As meninas compraram muitas roupas.

5) Ele tem muita atividade para fazer.
Ele tem muita atividade para fazer.

Ficha nº 05

Atividade 4: Elaborar frases

Equipe: C Data: 20/4/2019

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Vocês deverão escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

- 1) Foi o Paulo quem fez a torta.
Paulo fez a torta. Paulo fez a torta. Paulo fez a torta.
- 2) Pedro e Julia gostariam de ir ao cinema todo domingo.
Pedro e Julia gostariam de ir ao cinema todo domingo. Pedro e Julia gostariam de ir ao cinema todo domingo. Pedro e Julia gostariam de ir ao cinema todo domingo.
- 3) Eu gostava de andar de bicicleta quando era criança.
Eu gostava de andar de bicicleta quando era criança. Eu gostava de andar de bicicleta quando era criança. Eu gostava de andar de bicicleta quando era criança.
- 4) Você lavou a louça?
Você lavou a louça? Você lavou a louça? Você lavou a louça?

- 5) Ela fará uma apresentação no sábado.
Ela fará uma apresentação no sábado. Ela fará uma apresentação no sábado. Ela fará uma apresentação no sábado.
- 6) Os pássaros voaram para o sul.
Os pássaros voaram para o sul. Os pássaros voaram para o sul. Os pássaros voaram para o sul.
- 7) A borboleta voa graciosamente.
A borboleta voa graciosamente. A borboleta voa graciosamente. A borboleta voa graciosamente.
- 8) Marcos viajou na Páscoa.
Marcos viajou na Páscoa. Marcos viajou na Páscoa. Marcos viajou na Páscoa.
- 9) Patricia e seu marido viajaram para a Itália no Natal.
Patricia e seu marido viajaram para a Itália no Natal. Patricia e seu marido viajaram para a Itália no Natal. Patricia e seu marido viajaram para a Itália no Natal.
- 10) Ele lava o carro todo domingo.
Ele lava o carro todo domingo. Ele lava o carro todo domingo. Ele lava o carro todo domingo.

Ficha nº 06

Atividade 6: Elaborar frases

Equipe: C Data: 03/05/2019

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Vocês deverão escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem sempre na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

- 1) Todos estavam cansados após a corrida.
Todos estavam cansados após a corrida. Todos estavam cansados após a corrida. Todos estavam cansados após a corrida.
- 2) Todas as crianças ganharam muitos presentes.
Todas as crianças ganharam muitos presentes. Todas as crianças ganharam muitos presentes. Todas as crianças ganharam muitos presentes.
- 3) Ela tem poucas provas no mês de maio.
Ela tem poucas provas no mês de maio. Ela tem poucas provas no mês de maio. Ela tem poucas provas no mês de maio.
- 4) As meninas compraram muitas roupas.
As meninas compraram muitas roupas. As meninas compraram muitas roupas. As meninas compraram muitas roupas.
- 5) Ele tem muita atividade para fazer.
Ele tem muita atividade para fazer. Ele tem muita atividade para fazer. Ele tem muita atividade para fazer.

- 6) Toda criança merece ser feliz.
Toda criança merece ser feliz. Toda criança merece ser feliz. Toda criança merece ser feliz.
- 7) Pedro estava muito cansado ontem.
Pedro estava muito cansado ontem. Pedro estava muito cansado ontem. Pedro estava muito cansado ontem.
- 8) Todo homem tem direito à liberdade.
Todo homem tem direito à liberdade. Todo homem tem direito à liberdade. Todo homem tem direito à liberdade.
- 9) Todos os meninos realmente arrumaram o quarto?
Todos os meninos realmente arrumaram o quarto? Todos os meninos realmente arrumaram o quarto? Todos os meninos realmente arrumaram o quarto?
- 10) Todas as meninas realmente fizeram a lição.
Todas as meninas realmente fizeram a lição. Todas as meninas realmente fizeram a lição. Todas as meninas realmente fizeram a lição.
- 11) A Maria não fez toda a lição?
A Maria não fez toda a lição? A Maria não fez toda a lição? A Maria não fez toda a lição?
- 12) O João não fez toda a lição.
O João não fez toda a lição. O João não fez toda a lição. O João não fez toda a lição.

Grupo D

Atividade 3: Lista de palavras

Equipe: D Data: 03/04/19

ATIVIDADE

Observem as palavras abaixo. Pensem em como elas ficariam na língua que vocês inventarão. Antes de escrevê-las pensem na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na elaboração das palavras.

Português	Língua Inventada
Eu	JE
Você	WIT
Acus	MARV
Ele	CHOT
Alá	KAY
Não	SHK
Menina	YUKA
Dois	FII
Homem	WASMAH
Pássaro	QWIND
Um	SHS
Agora	BEIN
Gato	FIR
Cachorro	ZIF
Árvore	MARÉA
Flor	WANA
Benita	YAKUSA
Português	Língua Inventada

Cabeça	SHKA
Viagem	SHJ
Ciã	URF
Chevo	DEAMS
Dia	SAS
Vento	WUYA
Obu	YFUL
Bom	MEC
Noite	TREF
Estrada	AICRAM
Montanha	ORTSA
Fogo	WIKAR
Mar	TBAQ
Vermeelho	ZKA
Quente	DIFI
Nome	KAY
Casa	KTA
Agente	LOJ

CAIU
 NEVEI
 DA
 SA
 LGO
 BOM
 MEU

WIT FIG NOMA SA ORTSA
 MEU GATO CINO UP MONTANHA

CHOU LAD SHSK QWIND KOW YFUL
 LL QUA VM WASSA MS CIO

Nota da atividade: **4,0**

Atividade 4: Elaborar frases

Equipe: D Data: 02/04/19

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Vocês deverão escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

- Tomara que ele veja a Maria no parque.
Shawki naga chou kuaque no
Maria em asti
- Maria disse que viu Pedro.
Maria toud naga (circled) (circled)
Pedro
- Joana verá sua família no domingo.
Joana tita axi debou
em thyo
- Se não tivesse chovido, ela veria os balões.
Quina thil wampu paku dau xax
em wilyo

- João vai ver o jogo hoje.
João kuan asti me joga
astiana
- Eles viram muitos pássaros no céu.
chou (circled) (circled) naga quina
em yful
- Foi o João quem viu a Maria.
João me João nisch
astiana me Maria
- As folhas caem das árvores no outono.
raias thutai wka wilyo
wast em toud
- As taxas de juros voltaram a cair.
raia deha ut wama wama
em lura
- Ela cairá da cadeira se não ficar quieta.
Joana kuan wilyo wilyo wilyo

Atividade 4: Elaborar frases

Equipe: D

Data: 20/4/

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Vocês deverão escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

- 1) Foi o Paulo quem fez a torta.

foi o paulo quem fez a torta

- 2) Pedro e Julia gostariam de ir ao cinema todo domingo.

pedro e julia gostariam de ir ao cinema todo domingo

- 3) Eu gostava de andar de bicicleta quando era criança.

eu gostava de andar de bicicleta quando era criança

- 4) Você lavou a louça?

voce lavou a louca?

foi o paulo quem fez a torta

gostariam de ir ao cinema

voce lavou a louca?

- 5) Ela fará uma apresentação no sábado.

ela fara uma apresentacao no sabado

- 6) Os pássaros voaram para o sul.

os passaros voaram para o sul

- 7) A borboleta voa graciosamente.

a borboleta voa graciosamente

- 8) Marcos viajou na Páscoa.

marcos viajou na pascoa

- 9) Patricia e seu marido viajarão par a Itália no Natal.

patricia e seu marido viajarao para a italia no natal

- 10) Ele lava o carro todo domingo.

ele lava o carro todo domingo

voaram para o sul

Atividade 6: Elaborar frases

Equipe: D

Data: 03/05/2019

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Vocês deverão escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem sempre na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

- 1) Todos estavam cansados após a corrida.

todos estavam cansados apos a corrida

- 2) Todas as crianças ganharam muitos presentes.

todas as criancas ganharam muitos presentes

- 3) Ela tem poucas provas no mês de maio.

ela tem poucas provas no mes de maio

- 4) As meninas compraram muitas roupas.

as meninas compraram muitas roupas

- 5) Ele tem muita atividade para fazer.

ele tem muita atividade para fazer

- 6) Toda criança merece ser feliz.

toda crianca merece ser feliz

- 7) Pedro estava muito cansado ontem.

pedro estava muito cansado ontem

- 8) Todo homem tem direito à liberdade.

todo homem tem direito a liberdade

- 9) Todos os meninos realmente arrumaram o quarto?

todos os meninos realmente arrumaram o quarto?

- 10) Todas as meninas realmente fizeram a lição.

todas as meninas realmente fizeram a licao

- 11) A Maria não fez toda a lição?

a maria nao fez toda a licao?

- 12) O João não fez toda a lição.

o joao nao fez toda a licao

Grupo E

Atividade 3: Lista de palavras

Ficha nº 03

Equipe: E Data: 05/04/19

ATIVIDADE

Observem as palavras abaixo. Pensem em como elas ficariam na língua que vocês inventarão. Antes de escrevê-las pensem na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na elaboração das palavras.

Português	Língua inventada
Eu	iba
Você	hou
Aqui	diáa
Ele	Bug
Ali	will
Não	ker
Mesma	leay
Dois	rimty
Homem	kaia
Pássaro	zaine
Um	caal
Agora	Byt
Gato	Playy
Cachorro	topps
Árvore	Trufala
Flor	Reufar
Bonita	Leid
Português	Língua inventada

Cabeça	Trufala
Viagem	Enternal
Cia	Wic
Cheiro	ruar
Dia	Naine
Vento	Qallo
Céu	Sate
Bom	Nalyar
Noite	guil
Estrada	les
Montanha	Takoi
Fogo	lax
Mar	laxax
Vermelho	Wag
Quente	Seonar
Nome	Bachel
Casa	Lioner
Apjele	Etton

Bug em feu an reufar leid
 Ele me de uma flar bonita

Ele vive um passaro no céu
 Bug viziam caal zaine ay rati.

Atividade 4: Elaborar frases

Ficha nº 04

Equipe: E Data: 10/4/19

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Vocês deverão escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

- Tomara que ele veja a Maria no parque.
 Ichava zain bug tina u
 Maria ay efel
- Maria disse que viu Pedro.
 Maria up zain viziam Pedro
- Joana verá sua família no domingo.
 Joana ann reuch iato
 ay pag.
- Se não tivesse chovido, ela veria os balões.
 Tel non alisa pantil, long pul
 unne it.
 = 05
 (?)

- João vai ver o jogo hoje.
 João bail zain i led noul
- Eles viram muitos pássaros no céu.
 Bugz tize tonetas zain drey
 nati. → plenek (?)
- Foi o João quem viu a Maria.
 Ifo i João Maria viziam u Maria.
- Eles vão dar muitos presentes no Natal.
 Bugz ann nati presentes ay
 lilia.
- Ele dará uma volta na cidade.
 Bug go an pita ay launera
- Se tivesse dinheiro, Maria daria uma boneca para sua filha.
 Tel liz adrian, Maria aygo
 ann aygo tu nouch nia

Ficha nº 05

Atividade 4: Elaborar frases

Equipe: E Data: 20/9/19

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Vocês deverão escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

- Foi o Paulo quem fez a torta.
foi o Paulo quem fez a torta. *foi o paulo quem fez a torta*
- Pedro e Julia gostariam de ir ao cinema todo domingo.
Pedro e Julia gostariam de ir ao cinema todo domingo. *pedro e julia gostariam de ir ao cinema todo domingo*
- Eu gostava de andar de bicicleta quando era criança.
Eu gostava de andar de bicicleta quando era criança. *eu gostava de andar de bicicleta quando era criança*
- Você lavou a louça?
Você lavou a louça? *voce lavou a louca*

- Ela fará uma apresentação no sábado.
Ela fará uma apresentação no sábado.
- Os pássaros voaram para o sul.
Os pássaros voaram para o sul.
- A borboleta voa graciosamente.
A borboleta voa graciosamente.
- Marcos viajou na Páscoa.
Marcos viajou na Páscoa.
- Patricia e seu marido viajarão para a Itália no Natal.
Patricia e seu marido viajarão para a Itália no Natal.
- Ele lava o carro todo domingo.
Ele lava o carro todo domingo.

Ficha nº 06

Atividade 6: Elaborar frases

Equipe: E Data: 03/05/2019

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Vocês deverão escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem sempre na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

- Todos estavam cansados após a corrida.
Todos estavam cansados após a corrida.
- Todas as crianças ganharam muitos presentes.
Todas as crianças ganharam muitos presentes.
- Ela tem poucas provas no mês de maio.
Ela tem poucas provas no mês de maio.
- As meninas compraram muitas roupas.
As meninas compraram muitas roupas.
- Ele tem muita atividade para fazer.
Ele tem muita atividade para fazer.

- Toda criança merece ser feliz.
Toda criança merece ser feliz.
- Pedro estava muito cansado ontem.
Pedro estava muito cansado ontem.
- Todo homem tem direito à liberdade.
Todo homem tem direito à liberdade.
- Todos os meninos realmente arrumaram o quarto?
Todos os meninos realmente arrumaram o quarto?
- Todas as meninas realmente fizeram a lição.
Todas as meninas realmente fizeram a lição.
- A Maria não fez toda a lição?
A Maria não fez toda a lição?
- O João não fez toda a lição.
O João não fez toda a lição.

Grupo G

Atividade 3: Lista de palavras

Equipe: G Data: 05/04/19

ATIVIDADE

Observem as palavras abaixo. Pensem em como elas ficariam na língua que vocês inventarão. Antes de escrevê-las pensem na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na elaboração das palavras.

Português	Língua Inventada
Eu	PLA
Você	NANT
Aqui	CHUB
Ele	TREC
Ali	CHABLAU
Não	NIN
Menina	MOA
Deus	TICA
Homem	TORI
Pássaro	MERA
Um	LOKI
Agora	AGOR
Gato	NEC
Cachorro	STAN
Árvore	LEE
Flor	MILOS
Bonita	AGATANGA
Português	Língua Inventada

Cabeça	DORE
Wagon	CIB
Olá	HAMA
Cham	CDEIP
De	ARANJA
Vento	NAUTICA
Céu	BOB
Bom	NESCK
Nude	ABAU
Entrada	TIBIA
Montanha	BLASCHU
Logo	FARA
Mar	ORP
Vermecho	MAGI
Quente	FARI
Nome	CHIULA
Casa	MINC
Aquela	PALU

EU SOU Homem ELA É
PLA NU TORI, TREC NA
MOA, CHUB NA MINC.
EU, NU UM PASSARO
TREC VU LOKI MERA

E NA PARA PARULA
O que UE
SOU VU

Nota da atividade: 4,0

Atividade 4: Elaborar frases

Ficha nº 04

Equipe: G Data: 12/04/19

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Vocês deverão escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

- Tomara que ele veja a Maria no parque.
YEI KI TREC YANA KO MARIA OM CORE
- Maria disse que viu Pedro.
MARIA KOKA KI VU PEDRO
- Joana verá sua família no domingo.
JOANA VU TO NAC DOKO OM ZUM
- Se não tivesse chovido, ela veria os balões.
DARIO NIN BAN AO TREC VENI
DUKA DUKA BALO BALO

- João vai ver o jogo hoje.
JOÃO FRU VO DUKA MIA GE
TREC TREC
- Eles viram muitos pássaros no céu.
TREC TREC VIAGO OCO MERA OM BOB
- Foi o João quem viu a Maria.
DOBO DUKA JOÃO KIKO VUKO
MARIA
- Eu e ele somos amigos.
PLA EGO LIFO LIFO FRI FRI
Eu e somos amigos
- Ela comeu pão com manteiga no café da manhã.
TREC FITOTOGO MOPH LICO
OM BETT GARENO PB
- João e Maria eram casados.
JOÃO EGO MARIA ROTO VHE
casados

4,0

Ficha nº 05

Atividade 4: Elaborar frases

Equipe: G Data: 26/9/19

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Vocês deverão escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

- 1) Foi o Paulo quem fez a torta.
~~TAF~~ ⁰⁰⁰⁰ DUKA PAULO KIKO KO ATÔ
- 2) Pedro e Julia gostariam de ir ao cinema todo domingo.
PEDRO EGÔ JULIA NAM NAM BUTI
HOVA LAP FRÔ ZUM
- 3) Eu gostava de andar de bicicleta quando era criança.
PLA LADEM BUTI DUKA BUTI
BITA VND RAE BITACRE
- 4) Você lavou a louça?
NANT UNRAE KO LAZA

- 5) Ela fez uma apresentação no sábado.
TREC XAF LOKI ^{ON} ~~AGRO~~
ZAM
- 6) Os pássaros voaram para o sul.
DUKA DUKA MERA MERA
REFI BELI PARULA DUKA
OS
- 7) A borboleta vos graciosamente.
KO BURBA BELI HECLA
- 8) Marcos viajou na Páscoa.
MARCOS CIA BAB CAD TAL
- 9) Patricia e seu marido viajaram para a Itália no Natal.
PATRICIA EGÔ NACA MADA
CIA PARULA KO ITALIA ON
PASCA
- 10) Ele lava o carro todo domingo.
TREC UNRAE DUKA RORA
TIBU ZUM

Ficha nº 06

Atividade 6: Elaborar frases

Equipe: G Data: 03/05/2019

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Vocês deverão escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem sempre na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

- 1) Todos estavam cansados após a corrida.
TIBU TIBU DAN DAN BIR BIR LEPIN
KO ARID
- 2) Todas as crianças ganharam muitos presentes.
TIBU TIBU KO KO BITACRE BITACRE
~~OCO OCO~~ CRO CRO OCO OCO TUBTUB
- 3) Ela tem poucas provas no mês de maio.
TREC LEBRA XEB XEB DANRO
DANRO ON LINB BUTI LAIO
- 4) As meninas compraram muitas roupas.
KO KO MOA MOA DUT DUT OCO
OCO BLANDO BLANDO
- 5) Ele tem muita atividade para fazer.
TREC LEBRA OCO PARULA
KRAS KRAS

Oco = mau (L)
Tibub = andar (L)
duka = coisa de
parula = andar
kras = mau

- 6) Toda criança merece ser feliz.
TIBU BITACRE OLINAD OLINAD
CAPE ELEMIM ~~OCO~~
- 7) Pedro estava muito cansado ontem.
PEDRO NOSH ^{ROSH} ~~CO~~ ^{BIR} NAF
- 8) Todo homem tem direito à liberdade.
TIBU TORI LEBRA MEV KO
ZITA
- 9) Todos os meninos realmente arrumaram o quarto?
TIBU TIBU DUKA DUKA TORI TORI
BIRKO KÓMO DUKA DUBA?
- 10) Todas as meninas realmente fizeram a lição.
TIBU TIBU KO KO MOA MOA
BIRKO KRÁ KRÁ KO PALI
- 11) A Maria não fez toda a lição?
KO MARIA NIN KRÁ TIBU
KO PALI
- 12) O João não fez toda a lição.
DUKA JOÃO NIN KRÁ TIBU
KO DALI

Grupo H

Jogo / Jogo
 quando / quando
 bicicleta / bicicleta
 não / não
 campo / campo
 H

^ orden / orden
 gosto / gosto
 domingo / domingo
 Todo / Todo
 an / an
 gostoso / gostoso
 no / no
 casa / casa
 meka / meka

Jogo / Jogo
 quando / quando
 bicicleta / bicicleta
 não / não
 campo / campo
 H

ATIVIDADE
 Observem as palavras abaixo. Pensem em como elas fariam na língua que vocês inventaram.
 Antes de escrevê-las pensem na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

Português	Língua inventada
Eu	Uauu
Você	trada
Ele	xic
Ela	Laga
Ali	Picou
Não	AB
Mônica	gata
Dan	Carig
Homem	briga
Filho	Kigim
Um	Quem
Acça	Bic bic
Gato	GURB
Cachorro	HERAN
Avião	Bic danda
Fior	TING
Bomba	Cluti

Português: quei, qua
 Língua inventada: bat, bit

Jogo / Jogo
 quando / quando
 bicicleta / bicicleta
 não / não
 campo / campo
 H

^ orden / orden
 gosto / gosto
 domingo / domingo
 Todo / Todo
 an / an
 gostoso / gostoso
 no / no
 casa / casa
 meka / meka

Jogo / Jogo
 quando / quando
 bicicleta / bicicleta
 não / não
 campo / campo
 H

ATIVIDADE
 Observem as palavras abaixo. Pensem em como elas fariam na língua que vocês inventaram.
 Antes de escrevê-las pensem na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

Português	Língua inventada
Eu	Uauu
Você	trada
Ele	xic
Ela	Laga
Ali	Picou
Não	AB
Mônica	gata
Dan	Carig
Homem	briga
Filho	Kigim
Um	Quem
Acça	Bic bic
Gato	GURB
Cachorro	HERAN
Avião	Bic danda
Fior	TING
Bomba	Cluti

Português: quei, qua
 Língua inventada: bat, bit

Ficha nº 04

Atividade 4: Elaborar frases

Equipe: H

Data: 12/04/2019

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Você deverá escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

- Tomara que ele veja a Maria no parque.
 Fabica in Dand viga de Noche ad Bhois
 - que
- Maria disse que viu Pedro.
 Danda com vici daga Colabori
- Joana verá sua família no domingo.
 Jooan viciq Laj Kivili dea daga
- Se não tivesse chovido, ela veria os balões.
 Se não daga daga daga vici daga daga daga

- João vai ver o jogo hoje.
 Jooan vai ver o jogo hoje
- Eles viram muitos pássaros no céu.
 Eles viram muitos pássaros no céu
- Foi o João quem viu a Maria.
 Foi o Jooan quem viu a Maria
- Ela queria viajar.
 Ela queria viajar
- Ele quer um carro novo.
 Ele quer um carro novo
- Ela quis um vestido para usar na festa.
 Ela quis um vestido para usar na festa

Ficha nº 05

Atividade 4: Elaborar frases

Equipe: H Data: 20/4/19

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Vocês deverão escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

- 1) Foi o Paulo quem fez a torta.
Paulo papa tamo fusa torta
- 2) Pedro e Julia gostariam de ir ao cinema todo domingo.
caloria (u) thak quiza (a) hi si mais yad dakimya
- 3) Eu gostava de andar de bicicleta quando era criança.
urruis aita (a) ruvia (a) rava unista para kidea
- 4) Você lavou a louça?
mada zugu (u) naba

- 5) Ela fará uma apresentação no sábado.
yoa nia any onga any any madiba paca
- 6) Os pássaros voaram para o sul.
ya kaqim yam upada (u) any
- 7) A borboleta vos graciosamente.
Egi cocuti ya cidanata
- 8) Marcos viajou na Páscoa.
Bunki myel am ataraji madiba myla
- 9) Patricia e seu marido viajarão para a Itália no Natal.
Buechi (u) atem naka madayga ofeda Egi magaji ama buki
- 10) Ele lava o carro todo domingo.
yoa zugu (u) any teyda dakimya madiba zugu

Ficha nº 06

Atividade 6: Elaborar frases

Equipe: H Data: 03/05/2019

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Vocês deverão escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem sempre na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

- 1) Todos estavam cansados após a corrida.
yad naba mami dawai bo cran
- 2) Todos as crianças ganharam muitos presentes.
egad boi did hama kon daki
- 3) Ela tem poucas provas no mês de maio.
yoa nabi fusa nava abi nava ca carpi
- 4) As meninas compraram muitas roupas.
any quid nio kon navaidi
- 5) Ele tem muita atividade para fazer.
yoa nabi kon atididi ciga fusa

- 6) Toda criança merece ser feliz.
yad did itigga Pigi naba
- 7) Pedro estava muito cansado ontem.
caloria naba kon mami naba
- 8) Todo homem tem direito à liberdade.
yad any nava any bo lici
- 9) Todos os meninos realmente arrumaram o quarto?
yad boi nabi nabi caba bo fiaca?
- 10) Todas as meninas realmente fizeram a lição.
yad boi nabi nabi fusa bo cuti
- 11) A Maria não fez toda a lição?
bo shaba nio fusa yad bo cuti?
- 12) O João não fez toda a lição.
bo yaky nio fusa yad bo cuti

Ficha nº 05

Atividade 4: Elaborar frases

Equipe: _____ Data: 26/9/2019

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Vocês deverão escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

- Foi o Paulo quem fez a torta.

Paulo fez a torta
 Paulo quem fez a torta
- Pedro e Julia gostariam de ir ao cinema todo domingo.

Pedro e Julia gostariam de ir ao cinema todo domingo
- Eu gostava de andar de bicicleta quando era criança.

Eu gostava de andar de bicicleta quando era criança
- Você lavou a louça?

Você lavou a louça

- Ela fará uma apresentação no sábado.

Ela fará uma apresentação no sábado
- Os pássaros voaram para o sul.

Os pássaros voaram para o sul
- A borboleta voa graciosamente.

A borboleta voa graciosamente
- Marcos viajou na Páscoa.

Marcos viajou na Páscoa
- Patricia e seu marido viajarão para a Itália no Natal.

Patricia e seu marido viajarão para a Itália no Natal
- Ele lava o carro todo domingo.

Ele lava o carro todo domingo

Ficha nº 06

Atividade 6: Elaborar frases

Equipe: _____ Data: 03/05/2019

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Vocês deverão escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem sempre na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

- Todos estavam cansados após a corrida.

Todos estavam cansados após a corrida
- Todas as crianças ganharam muitos presentes.

Todas as crianças ganharam muitos presentes
- Ela tem poucas provas no mês de maio.

Ela tem poucas provas no mês de maio
- As meninas compraram muitas roupas.

As meninas compraram muitas roupas
- Ele tem muita atividade para fazer.

Ele tem muita atividade para fazer

- Toda criança merece ser feliz.

Toda criança merece ser feliz
- Pedro estava muito cansado ontem.

Pedro estava muito cansado ontem
- Todo homem tem direito à liberdade.

Todo homem tem direito à liberdade
- Todos os meninos realmente arrumaram o quarto?

Todos os meninos realmente arrumaram o quarto
- Todas as meninas realmente fizeram a lição.

Todas as meninas realmente fizeram a lição
- A Maria não fez toda a lição?

A Maria não fez toda a lição
- O João não fez toda a lição.

O João não fez toda a lição

Grupo J

Ficha nº 03

Atividade 3: Lista de palavras

Equipe: J Data: 05/04/2019

Atividade

Observem as palavras abaixo. Pensem em como elas ficaram na língua que vocês inventarão. Antes de escrevê-las pensem na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na elaboração das palavras.

Português	Língua inventada
Veja	Nich
Cartão	haritam
Água	burqah
Carro	scopu
Mãe	coaquik
Canim	canon
Machado	peja
Ócio	elua
Montanha	gigant
Ilha	shila
Um	cauti
Agua	coly
Saco	guzom
Cachorro	nika
Arroz	dignatexaca
Ele	naaja
Bomba	llo

Cabeça	Exuco
Olho	ccam
Ora	int
Cheiro	culqu
Ora	yv
Vento	duca
Cela	nugu
Bom	saran
Não	lugon
Estrada	barga
Montanha	utomang
Fogo	cota
Mar	taipeira
Vermelho	dellangelica
Quente	tur
Nome	jinnie
Casa	chlv
Aquela	agust

Morgan chigay naaja (ela recebeu flores)
Vergan lan cauti ho nugu (ela deu uma presente no cauti)

Nota da atividade: 1,0

Ficha nº 04

Atividade 4: Elaborar frases

Equipe: J Data: 12/04/2019

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Vocês deverão escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

- Tomara que ele veja a Maria no parque.
Ape / nugu / cauti / Maria / de / traquet.
- Maria disse que viu Pedro.
Maria / veffax / if / Cam / Pedro
- Joana verá sua família no domingo.
Joana / veffax / veff / hugap / de / vilfion
- Se não tivesse chovido, ela veria os halões.
Lur / nam / caute / evit / morga / philo / shu / churan

- João vai ver o jogo hoje.
João / veff / pho / or / kyo / de / filo
- Eles viram muitos pássaros no céu.
Vergan / lan / gib / caute / di / nugu
- Foi o João quem viu a Maria.
Olla / cor / joão / if / Maria
- Ela receberá a herança.
Morgan / veff / gic / hynia
- Ele irá receber uma encomenda mais tarde.
Vergan / veff / cauti / cauti / veff / cauti / veff / lang
- Eles receberam muitos presentes.
Joana / veff / gib / bido

1,0

Ficha nº 05

Atividade 4: Elaborar frases

Equipe: J Data: 26/4/19

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Vocês deverão escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

- 1) Fei o Paulo quem faz a torta.
 Ulla cu Paulo ifo an perfect
- 2) Pedro e Julia gostariam de ir ao cinema todo domingo.
 Pedro ~~parat~~ Julia ~~comp~~ id ~~goc~~ mi ~~crack~~
 meni XLEFEN
- 3) Ela gostava de andar de bicicleta quando era criança.
 Mich ~~laugh~~ la ~~liban~~ lu ~~brise~~ ~~paget~~ ~~ultra~~ ~~colatou~~.
- 4) Você lavou a louça?
 Wagon ~~fig~~ ~~sin~~ S.

- 5) Ela fará uma apresentação no sábado.
 Volega ~~eddi~~
 Wagon ~~eddi~~ ~~caste~~ ~~convinat~~ di
 Sadas ~~ca~~
- 6) Os pássaros voaram para o sul.
 Uff ~~ha~~ ~~suca~~
 Laf ~~abpta~~ ~~suca~~ ~~repa~~ ~~on~~ ~~reap~~
- 7) A borboleta veio graciosamente.
 au ~~bat~~ ~~bati~~ ~~chy~~ ~~sadabar~~
 me
- 8) Marcos viajou na Páscoa.
 Marcos ~~hama~~ ~~crasim~~ ~~da~~ ~~bonia~~
- 9) Patricia e seu marido viajaram para Itália no Natal.
 Patricia ~~er~~ ~~suv~~ ~~lote~~ ~~crasim~~ ~~cul~~ ~~Italia~~ ~~di~~ ~~Natal~~
- 10) Ele lava o carro todo domingo.
 Volega ~~lifa~~ ~~on~~ ~~carro~~ ~~manca~~ ~~XLEFEN~~

Ficha nº 06

Atividade 6: Elaborar frases

Equipe: J Data: 03/05/2019

ATIVIDADE

Observem as frases abaixo. Vocês deverão escrevê-las na língua que vocês estão inventando. Antes de escrevê-las pensem sempre na diferença entre língua e escrita, pois isso ajudará na criação das palavras para a elaboração das frases.

- 1) Todos estavam cansados após a corrida.
 Wagon ~~antog~~ ~~camur~~ ~~face~~ ~~on~~ ~~infer~~
- 2) Todas as crianças gostaram muito presentes.
 Wagon ~~antog~~ ~~hug~~ ~~yt~~ ~~elo~~
- 3) Ela tem poucas provas no mês de maio.
 Wagon ~~antog~~ ~~camur~~ ~~face~~ ~~on~~ ~~infer~~
- 4) As meninas compraram muitas roupas.
 Wagon ~~antog~~ ~~camur~~ ~~face~~ ~~on~~ ~~infer~~
- 5) Ele tem muita atividade para fazer.
 Wagon ~~antog~~ ~~camur~~ ~~face~~ ~~on~~ ~~infer~~

- 6) Todo domingo merço é um dia.
 Wagon ~~antog~~ ~~camur~~ ~~face~~ ~~on~~ ~~infer~~
- 7) Pedro ~~antog~~ ~~camur~~ ~~face~~ ~~on~~ ~~infer~~
 Pedro ~~antog~~ ~~camur~~ ~~face~~ ~~on~~ ~~infer~~
- 8) Todo homem tem direito à liberdade.
 Wagon ~~antog~~ ~~camur~~ ~~face~~ ~~on~~ ~~infer~~
- 9) Todos os meninos realmente amaram o quarto?
 Wagon ~~antog~~ ~~camur~~ ~~face~~ ~~on~~ ~~infer~~
- 10) Todos os meninos realmente fizeram a lição.
 Wagon ~~antog~~ ~~camur~~ ~~face~~ ~~on~~ ~~infer~~
- 11) Maria não fez toda a lição?
 Wagon ~~antog~~ ~~camur~~ ~~face~~ ~~on~~ ~~infer~~
- 12) João não fez toda a lição?
 Wagon ~~antog~~ ~~camur~~ ~~face~~ ~~on~~ ~~infer~~

Referências Bibliográficas

ANAGRAMA, Definição de anagrama. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Anagrama> Acesso em: janeiro de 2020.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

BASSO, Renato Miguel; PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. **Feynman, a linguística e a curiosidade, revisitado**. Matranga, Rio de Janeiro, v.19, n.30, jan/jun 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matranga/article/view/22619/16162> Acesso em: outubro de 2019.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/português.pdf. Acesso em: 8 de junho de 2017.

BRASIL. **Programa internacional de avaliação de estudantes (Pisa)**. Disponível em: <http://inep.gov.br/pisa> Acesso em: setembro de 2019.

BRASIL. **Pisa 2018 revela baixo desempenho escolar em leitura, matemática e ciências no Brasil**. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil/21206 Acesso em: março de 2020.

CASTILHO, Ataliba T. **Prefácio**. In: PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; QUAREZEMIN, Sandra. Gramáticas na escola. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.

CHOMSKY, Noam. **Sobre natureza e linguagem**. In: BELLETTI, Adriana; RIZZI, Luigi. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso**. Lisboa: Caminho, 1994.

GARGIULO, Antonio Barolo. **A gramática de Valendhirdven**. Trabalho de Iniciação Científica. São Paulo, 2018. Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1VkfANaiueU0bvPleSUvjHBy-uQuWR61NWVO8wG2dz_c/edit?usp=drivesdk

GIL, Antonio Carlos **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ed. São Paulo: Atlas S.A., 2008.

GODOY, Elena. **Psicolinguística**. Curitiba, 2009.

MAX PLANK INSTITUTE. **The Leipzig glossing rules**. Disponível em: <https://www.eva.mpg.de/lingua/pdf/Glossing-Rules.pdf> Acesso em: outubro de 2019.

HONDA, Maya.; O'NEIL, Wayne. **Thinking linguistically: a scientific approach to language**. United Kingdom: Blackwell Publishing Ltd, 2008.

ILARI, Rodolfo; POSSENTI, Sírio. **Português e ensino de gramática**. Projeto Ipê. São Paulo: UNICAMP Instituto de Estudos da Linguagem, 1985.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e poética**. In: JAKOBSON, R. Linguística e comunicação. 22ªed. São Paulo: Cultrix, 2010.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

KAZIMIERCZAK, Karolina. **Adapting Shakespeare for “Star Trek” and “Star Trek” for Shakespeare**. “The Klingon Hamlet and the Spaces of Translation”. Studies in Popular Culture, v. 32, n. 2, p. 35-55, 2010.

KOLODNY, Rossana Saute. **Marcação de gênero e classe temática em português e em francês**. 2016. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

LAKATOS, Maria Eva; MARCONI, Marina Andrade de. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LYONS, John. **As ideias de Chomsky**. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Fala e escrita** (vídeo) – Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XOzoVHyiDew&t=26s> Acesso: setembro de 2019.

MILLS, Geoffrey.E. **Action research: a guide for teacher researcher**. 3 ed. New Jersey: Pearson Education Inc, 2007.

MORAIS, Artur Gomes de. **Qual o papel de diferentes habilidades metafonológicas no aprendizado da escrita alfabética, se a concebemos como um sistema notacional (e não como código?)**. In: LAMPRECHT, Regina Ritter. Aquisição da linguagem estudos recentes no Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

MÚSICA **Língua do P** – Gal Costa – Disponível em:
<https://www.vagalume.com.br/gal-costa/lingua-do-p.html> Acesso: setembro de 2019.

NERDOLOGIA. A língua dos alienígenas de A Chegada – Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=V4GEKqI25EU> – Canal Nerdologia Acesso:
setembro de 2019.

OKRENT, Arika. **In the land of Invented Languages**. Nova York: Spigel& Grau, 2009.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

_____. **Sofrendo a Gramática**. São Paulo: Ática, 2001.

_____. **Princípios de linguística descritiva**. Introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; QUAREZEMIN, Sandra. **Gramáticas na escola**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.

POSSENTI, Sírio **Porque (não) ensinar gramática na escola**. Campinas – SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

QUADROS, Ronice Müller de. **O paradigma gerativista e a aquisição da linguagem**. In: QUADROS, Ronice Müller de; FINGER, Ingrid (Orgs). Teorias da aquisição da linguagem. 3ª ed. Florianópolis – SC: Editora UFSC, 2017.

SALDAÑA, Paulo. **Alunos brasileiros não chegam ao fim de prova em avaliação mundial**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2018/07/alunos-brasileiros-nao-chegam-ao-fim-de-prova-em-avaliacao-mundial.shtml> Acesso em: set. de 2019.

SAUSSURE, Ferdinand. **Natureza do signo linguístico**. In: BALLY, Charles e SECHEHAYE, Albert (Orgs) Curso de Linguística Geral. São Paulo: Cultrix, 2012.

SWADESH LIST – Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_Swadesh
Acesso: setembro de 2019.

SCHMITZ, Lenir Luft. **Paradigmas do conhecimento: os percursos e descaminhos da educação ao longo da história**. Disponível em:
seifai.edu.br/artigos/paradigmas_do_conhecimento-lenir.pdf Acesso em: setembro de 2019.

SCHOEN, Lawrence. **The Klingon Hamlet**. Simon and Schuster, 2001.